



Conferência — Conference

Segurança — da Europa ao Indo-Pacífico

Security —
— from Europe
to the Indo-Pacific

Organização
Organisation





Clube de Lisboa

O Clube de Lisboa

PT

O Clube de Lisboa foi lançado em 2016 como corolário do projeto das Conferências de Lisboa, uma iniciativa de sete instituições, às quais se juntaram seis membros individuais como fundadores. O Clube de Lisboa é uma associação com membros individuais e coletivos que partilham a visão de Lisboa como cidade global e como espaço de reflexão, debate e intervenção sobre temas prioritários e fraturantes da agenda internacional, com atenção particular aos desafios para Portugal e a Europa. É nossa razão de ser aumentar o conhecimento, promover novas visões e perspectivas, influenciar as agendas políticas, aprofundar a reflexão e impulsionar o debate sobre temas internacionais que afetam a nossa vida em sociedade e que impactam sobre a sustentabilidade do planeta e sobre o futuro das novas gerações. Somos uma plataforma de atividades em rede, em ligação com membros do Clube, que beneficiam e contribuem ativamente para o sucesso das nossas iniciativas. Para além das Conferências de Lisboa, organizamos as Lisbon Talks e as Lisbon Speed Talks (debates sobre assuntos relevantes da atualidade internacional), realizamos atividades de formação sobre temas globais em parceria com outras entidades, editamos publicações e divulgamos as temáticas globais junto dos nossos membros e de públicos alargados.

The Club of Lisbon

ENG

The Club of Lisbon was launched in December of 2016, as an outcome of the Lisbon Conferences project, an initiative of seven institutions, to which six individual members joined as founders of the Club of Lisbon. We are an association of individual and collective members. We share the vision of Lisbon as a global city particularly suited to offer a space for reflecting, debating and intervening about relevant issues of the international agenda, from development and globalisation to security and sustainability, with a focus on Portugal and Europe. It is our aim to increase knowledge, promote critical thinking and new perspectives to address global challenges, in order to influence political agendas and deepen the study and discussion of issues that affect our life in community and that impact on the sustainability of the planet and on the standards of living of future generations. We function as a network platform, in connection with our members, who profit from and actively participate in the conception and implementation of our initiatives. Besides the Lisbon Conferences, our work includes the Lisbon Talks and the Lisbon Speed Talks (debates on relevant international issues), trainings on global issues through partnerships with other institutions, publications and dissemination activities for our members and a wider audience.



@cluboflisbon



@clubedelisboa



@clubedelisboa



@clubedelisboa



@clube-de-lisboa



www.clubelisboa.pt
cl@clubelisboa.pt



01

A Conferência	02
The Conference	

02

Programa	04
Programme	03 Mar. 23

03

Abertura	06
Opening	

04

Guerra	18
War	na Europa
	in Europe

05

Segurança	40
Security	no Indo-Pacífico
	in the Indo-Pacific

06

Energia e alimentos	60
Energy and foods	como armas estratégicas
	as strategic weapons

Entre multilateralismo e o poder	80
Between hard power	do mais forte
	and multilateralism

Encerramento	96
Closing	

Biografias	106
Biographies	

A Conferência

The Conference



Conferência — Conference

Segurança da Europa ao Indo-Pacífico

Security from Europe to the Indo-Pacific

Organização
Organisation



PT

ENG

Desde finais da última década, o panorama económico mundial tem vindo a deteriorar-se, em vários domínios, desde o aumento das emissões de CO2 e a pandemia de Covid-19, a quebras em partes das cadeias de produção e distribuição.

Este cenário, já de si complexo, tem sido agravado desde o início da presente década por carências na oferta de energia e pelo aumento da inflação e dívida externa, afetando países mais e menos desenvolvidos – estes últimos a terem de lidar em paralelo com problemas humanitários e necessidades de modernização das economias.

A estas circunstâncias somam-se crescentes preocupações de segurança em diversas partes do mundo, desde as regiões do Indo-Pacífico

Since the end of the last decade, economy is deteriorating worldwide, due to a variety of phenomena, from consequences of rising CO2 emissions to Covid-19 pandemics and to disruptions in parts of the production and distribution chains.

Besides, scarcity of energy, inflation and debt are again on the rise since the beginning of the current decade, affecting developed and less developed countries – these last ones forced to deal with humanitarian problems in parallel with the need to modernize their economies.

Increasing security concerns add to these circumstances in various parts of the world, since the Indo and Pacific regions to Europe - in this case with worsening realities and concerns since the February 2022

à Europa, neste último caso com maior gravidade desde fevereiro de 2022, dada a invasão militar russa da Ucrânia e o regresso da guerra a território europeu.

Este quadro desenrola-se em contextos de erosão do multilateralismo e de crescente rivalidade e competição entre grandes potências. Uma ordem internacional ainda difusa está em formação, com implicações pelo respeito de regras comumente acordadas, num cenário de aumento de multipolaridades e de apetências por jogos de poder.

A Conferência "Segurança: da Europa ao Indo-Pacífico" realizou-se a 3 de março de 2023, no auditório da Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA). Os debates contaram com 15 oradores de 11 nacionalidades, provenientes da Europa, Ásia, África e América. As sessões permitiram uma interação com a audiência, que foi de aproximadamente 180 pessoas.

O evento foi organizado pelo Clube de Lisboa em parceria com a Universidade Autónoma de Lisboa. A EMSA acolheu o evento, que contou com o apoio institucional da Câmara Municipal de Lisboa e do Instituto Marquês de Valle Flôr. A colaboração da Embaixada do Japão em Portugal foi decisiva na organização da conferência.

As reflexões e debates incidiram sobre as dinâmicas atuais de segurança em diversas partes do mundo, com particular foco à Ásia do Sudeste, com as tensões na região do mar da China e do Japão a serem salientadas, e à Europa, particularmente desde a invasão militar russa da Ucrânia.

Como habitualmente acontece nos cenários de conflito, foi igualmente tema de discussão a utilização dos alimentos e da energia como armas de guerra, com o evidente aproveitamento das carências para efeitos especulativos. Por fim, foi feita uma reflexão sobre a erosão do multilateralismo, o aumento de apetências multipolares e os jogos de poder que se estão a desenrolar.

military invasion of Ukraine by Russia, signalling the return of war to European soil.

This overall scenario is unfolding in a framework of erosion of multilateralism and of increasing rivalry and competition amongst greater powers. A still diffuse international order is in the making, balancing between a rule's based international system, a multipolar world, and the exercise of hard power.

The Conference "Security: from Europe to the Indo-Pacific" was held on March 3, 2023, in the Auditorium of the European Maritime Safety Agency (EMSA). The debates included 15 speakers from 11 nationalities, from Europe, Asia, Africa and America. The sessions enabled a fruitful interaction with the audience of approximately 180 people.

The event was organised by the Club of Lisbon in partnership with the Lisbon Autonomous University. EMSA hosted the event, which benefited from the institutional support of the Lisbon Municipality and the Institute Marquês de Valle Flôr. The cooperation of the Embassy of Japan in Portugal was decisive in organising the event.

Reflection and debates were focused on the current security dynamics in different parts of the world, with a particular focus on Southeast Asia - tensions in the region of the Sea of China and Japan being highlighted, and on Europe, particularly since the Russian military invasion of Ukraine.

As is usually witnessed in conflict contexts, the use of food and energy as weapons of war was also a topic for discussion, with the evident use of shortages for speculative purposes. Finally, the participants reflected on the erosion of multilateralism, the increase in multipolar tendencies and the power games that are unfolding.

O Conselho Diretivo do Clube de Lisboa
The Board of the Club of Lisbon



Veja o vídeo

Watch the video

Programa

Programme

09h00-09h30

Abertura

Opening

Andrea Tassoni
Chefe do Gabinete Executivo da Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA)

Head of the Executive Office, European Maritime Safety Agency (EMSA)

Francisco Seixas da Costa
Presidente do Clube de Lisboa

Ambassador, Chair of the Club of Lisbon

09h30-11h00

Guerra na Europa

War in Europe

Sinan Ülgen
Diretor do Centro de Estudos Económicos e de Política Externa (EDAM), Istambul

Chair of the Center for Economics and Foreign Policy Studies (EDAM), Istanbul

Rosa Balfour
Diretora da Carnegie Europe, Paris

Director of Carnegie Europe, Paris

Elena Lazarou
Coordenadora em exercício da Unidade de Política Externa dos Serviços de Pesquisa do Parlamento Europeu (EPRS), Bruxelas

Acting Head of the External Policies Unit, European Parliamentary Research Service (EPRS), Brussels

Maria Raquel Freire
Professora de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra, Coimbra

Professor of International Relations of the University of Coimbra, Coimbra

11h30-13h00

Segurança no Indo-Pacífico

Security in the Indo-Pacific

Jomo Kwame Sundaram
Académico Visitante no Khazanah Research Institute, antigo Diretor-Geral Adjunto das Nações Unidas, Kuala-Lumpur

Visiting Senior Fellow at the Khazanah Research Institute, former UN Assistant-Secretary General, Kuala-Lumpur

Yoko Iwama
Diretora do Programa de Estudos Estratégicos do Instituto Nacional de Graduação em Estudos Políticos (GRIPS), Tóquio

Director of the Strategic Studies Programme of the National Graduate Institute for Policy Studies (GRIPS), Tokyo

Richard Higgott
Professor Emérito de Diplomacia do Centro de Segurança, Diplomacia e Estratégia (CSDS) da Escola de Governação de Bruxelas, Bruxelas

Distinguished Professor of Diplomacy at the Centre for Security, Diplomacy and Strategy (CSDS) of the Brussels School of Governance, Brussels

Luis Tomé
Diretor do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa

Director of the International Relations Department of the Universidade Autónoma de Lisboa, Lisbon

03 Mar. 2023

14h30-16h00

**Energia
e alimentos
como armas estratégicas**
**Energy
and food
as strategic weapons**
Dhesigen Naidoo

Diretor do Programa sobre Riscos Climáticos e Segurança Humana em África do Instituto de Estudos de Segurança (ISS), Joanesburgo

Head of the African Climate Risk and Human Security Programme of the Institute of Security Studies (ISS), Johannesburg

Hilal Khashan

Professor de Ciência Política da American University of Beirut, Beirute

Professor of Political Science of the American University of Beirut, Beirut

Ana Santos Pinto

Professora de Estudos Políticos da Universidade Nova de Lisboa, antiga Secretária de Estado da Defesa Nacional, Lisboa

Professor of Political Studies of the NOVA Lisbon University, former Portuguese Secretary of State of Defence, Lisbon

16h30-18h00

**Entre multilateralismo
e o poder
do mais forte**
**Between
hard power
and multilateralism**
Vijaya Latha Reddy

Copresidente da Global Commission on Stability in Cyberspace, antiga Vice-Presidente do Conselho Nacional de Segurança da Índia, Bangalore

Co-Chair of the Global Commission on Stability in Cyberspace, former Deputy National Security Adviser of India, Bangalore

Tosh Minohara

Professor de Relações Internacionais e Estudos de Segurança da Faculdade de Direito da Universidade de Kobe, Kobe

Professor of International Relations and Security Studies of the Graduate School of Law, Kobe University, Kobe

Robert Sutter

Professor de Prática das Relações Internacionais da Elliott School of International Affairs, Washington

Professor of Practice of International Affairs of the Elliott School of International Affairs, Washington

Sandra Fernandes

Professora de Relações Internacionais da Universidade do Minho, Braga

Professor of International Relations of the University of Minho, Braga

18h00-18h30

Encerramento**Closing****Helena Carreiras**

Ministra da Defesa Nacional

Portuguese Minister for National Defence

01

Abertura

Opening



01

Abertura

Opening

Oradores — Speakers

Francisco Seixas da Costa

Presidente do
Clube de Lisboa

Chair of the
Club of Lisbon

Andrea Tassoni

Chefe do Gabinete
Executivo, Agência
Europeia de Segurança
Marítima (EMSA)

Head of the Executive Office,
European Maritime Safety
Agency (EMSA)

Francisco Seixas da Costa

PT

Esta é uma conferência que se ajusta como uma luva à conjuntura que o mundo atualmente atravessa. Eu diria mesmo que daquilo que nos propomos aqui discutir decorre uma imensa ambição. O que hoje se passa na Ucrânia teve um efeito tão pronunciado em tantas áreas geopolíticas que, quase podemos dizer, toda a segurança internacional ficou por ela afetada. A invasão militar da Ucrânia pela Federação Russa e a anexação unilateral por Moscovo de parte do território que o Direito Internacional reconhece ser ucraniano configura um sério desafio a uma ordem que parecia ser vista como um referente básico da sociedade internacional.

No Clube de Lisboa, temos por saudável hábito discutir sem tabus todas as questões internacionais, partindo do princípio de que a discussão é o ponto essencial para que possamos lançar um pouco mais de luz e clareza sobre assuntos relevantes. Somos fortemente favoráveis a

ENG

This is a conference that fits like a glove to the situation the world is currently going through. I would even say that what we propose to discuss here derives from a significant ambition. What is happening in Ukraine today has had such a pronounced effect on so many geopolitical areas that, we can almost say, the entire international security has been affected by it. The military invasion of Ukraine by the Russian Federation and Moscow's unilateral annexation of part of the territory that International Law recognises as Ukrainian is a serious challenge to an order that seemed to be perceived as a basic reference of international society.

At the Club of Lisbon, we have a healthy habit of discussing all international issues without taboos, assuming that discussion is the essential point so that we can shed more light and clarity over relevant matters. We are strongly in favour of an order based on multilateralism,

uma ordem baseada no multilateralismo, sendo esta uma das constantes essenciais que marca a ação do Clube de Lisboa. Foi a olhar para o mundo onde essa mesma ordem se projeta que foi desenhada esta conferência.

which is a fundamental common thread to the action of the Clube of Lisbon. It was looking at the world where this same order is projected that this conference was designed.

“A conferência é dedicada à segurança mas, na realidade, pretende refletir sobre a insegurança que marca hoje o contexto mundial, que a todos afeta; está também focada na ordem internacional mas, na realidade, trabalha sobre a desordem em que essa mesma ordem está atualmente.”

“The conference is dedicated to security but, in reality, it aims to reflect on the insecurity that marks the global context today and that affects everyone; it is also focused on the international order but, in reality, it works on the disorder in which that same order currently finds itself.”



Imag. 1

Francisco Seixas da Costa

A conferência é dedicada à segurança mas, na realidade, pretende refletir sobre a insegurança que marca hoje o contexto mundial, que a todos afeta; está também focada na ordem internacional mas, na realidade, trabalha sobre a desordem em que essa mesma ordem está atualmente. Em particular, a conferência questiona em que medida, depois de décadas em que a paz sobre as questões de natureza mais global parecia adquirida, estamos no limiar de romper esses mesmos equilíbrios que davam alguma segurança ao mundo, particularmente em temáticas quase existenciais.

The conference is dedicated to security but, in reality, it aims to reflect on the insecurity that marks the global context today and that affects everyone; it is also focused on the international order but, in reality, it works on the disorder in which that same order currently finds itself. Specifically, the conference questions to what extent, after decades in which peace on global issues seemed acquired, we are on the threshold of breaking those same balances that provided some security to the world, particularly on issues that are almost existential.

A conferência aborda o Indo-Pacífico, um conceito antigo, mas atualmente recolocado na ordem internacional. Há mais de 15 anos, o

The conference addresses the Indo-Pacific, an old concept that currently returned to the international order. More than 15 years ago, former Japanese Prime Minister Shinzo Abe, in a historic intervention

antigo primeiro-ministro Japonês Shinzo Abe, numa intervenção que foi histórica no quadro do parlamento indiano, recortou pela primeira vez este conceito de uma forma geopolítica. No fundo, o conceito de Indo-Pacífico acaba por estar na origem da criação do Quad [Quadrilateral Security Dialogue], que o concretiza na prática, ao tentar agregar um conjunto de países com interesses comuns. Existe um “elefante na sala” relativamente a este conceito, que é a China, porque é exatamente o que une estes países.

A situação na Ucrânia teve um efeito imediato, desde logo, na Europa. Este é um continente onde o medo tem tido um papel muito importante ao longo da história. Foi o medo do lado de lá do que mais tarde iria ser o muro de Berlim que criou, no fundo, as instituições europeias e a agregação em torno do projeto de integração europeia, tal como agora é o medo que leva a Europa das democracias – democracia burguesas para uns, liberais para outros, democracias simplesmente para outros mais – a unir-se para reagir àquilo que alguns interpretam como um intolerável desafio ao ordenamento internacional, o qual parecia ser um modelo de racionalidade e de diálogo para conservar a paz.

“É importante perceber se todo o debate que foi havendo ao longo destes anos relativamente a uma entidade europeia de segurança e defesa que pudesse agregar os países no quadro da União Europeia, ou próximo disso, não se vai subsumir agora na dimensão de um pilar europeu da NATO.”

Um dos painéis da conferência coloca uma questão incómoda sobre se está criada uma maior dependência face aos Estados Unidos, ou não, depois do que se está a passar na Ucrânia. Esta crise provou, ou não, o que para muitos foi uma evidência: que os Estados Unidos não são apenas um poder europeu, mas são um poder europeu indispensável. Sabemos bem que os Estados Unidos, quando querem, dividem a Europa, como na Carta dos Oito durante a Guerra do Iraque, ou são uma espécie de cimento para a agregação europeia, como agora está a acontecer.

Os Estados Unidos são, há muitos anos, um poder europeu, e a grande questão está em saber se eles raptam ou não, deliberadamente ou não, a possibilidade de a Europa ter um poder autónomo, designadamente em matéria de segurança e defesa. É importante perceber se todo o debate que foi havendo ao longo destes anos relativamente a uma entidade europeia de segurança e defesa que pudesse agregar os países no quadro da União Europeia, ou próximo disso, não se vai subsumir agora na dimensão de um pilar europeu da NATO. Olhando para a União Europeia, com exceção da Áustria, da Irlanda, de Malta e de Chipre, todos os outros países são membros da NATO e, por isso mesmo, questiona-se atualmente se haverá interesse em criar uma estrutura autónoma na União Europeia, existindo já a NATO com esse

in the Indian parliament, expressed this concept in a geopolitical sense for the first time. Basically, the concept of Indo-Pacific ends up being at the origin of the creation of the Quad [Quadrilateral Security Dialogue], which implements it in practice, by trying to bring together a group of countries with common interests. There is an “elephant in the room” regarding this concept, which is China, because it is exactly what unites these countries.

The situation in Ukraine had an immediate effect on Europe. This is a continent where fear has played a very important role throughout history. It was the fear on the other side of what would later become the Berlin Wall that created, in essence, the European institutions and the aggregation around the European integration project, just as it is now fear that drives the Europe of democracies – bourgeois democracy for some, liberal for others, simply democracies for others – uniting to react to what some interpret as an intolerable challenge to the international order that seemed to be a model of rationality and dialogue to preserve peace.

“It is important to understand whether all the debate that has taken place over the years regarding a European security and defence structure that would bring countries together within the EU framework, or close to it, will not now be subsumed into the dimension of a NATO European pillar.”

One of the conference panels asks an uncomfortable question about whether or not greater dependence on the United States has been created after what is happening in Ukraine. Did this crisis prove, or not, what for many was already evident: that the United States is not just a European power but is an indispensable European power. We are all aware that the United States can divide Europe when it wants to, as in the Charter of Eight during the Iraq War, or can be a kind of cement for European aggregation, as is happening now.

The United States has been a European power for many years, and the big question is whether or not it hijacks, deliberately or not, the possibility of Europe having power, autonomy, particularly regarding security and defence. It is important to understand whether all the debate that has taken place over the years regarding a European security and defence structure that would bring countries together within the EU framework, or close to it, will not now be subsumed into the dimension of a NATO European pillar. Looking at the European Union, with the exception of Austria, Ireland, Malta and Cyprus, all other countries are members of NATO and, therefore, it is currently questioned whether there will be any interest in creating an autonomous structure in the European Union, as NATO already has this element. This is knowing that the United States is the central power that gives strength and value to NATO.

elemento. Isto sabendo que os Estados Unidos são o poder central que dá a força e o valor à NATO.

É evidente que as questões sobre a Europa não se resumem a estas, pois há elementos novos, como o alargamento da União Europeia ou o alargamento da NATO, que estão no debate e vão continuar a estar nos próximos tempos. Mas vão estar de uma forma completamente diferente do que estavam antes dos acontecimentos na Ucrânia, pois estes marcaram decisivamente toda a decisão das grandes questões europeias e do debate europeu, gerando-se uma dinâmica absolutamente diferente e incluindo, até, uma rigidez e complexidade mais evidentes de alguns conflitos. Outro elemento que pode ser incómodo é que, mais cedo ou mais tarde, temos de pensar que uma arquitetura de segurança europeia não se pode implementar esquecendo a existência de um vizinho que estará lá para sempre, a Rússia, seja essa Rússia o que for ou o que vier a ser.

Esta conferência debate a segurança da Europa ao Indo-Pacífico, porque a nova realidade criada na Ucrânia acabou por ter um efeito prático de disrupção à escala global. A tensão já previamente existente, em particular a tensão evidente entre os Estados Unidos e a China, acabou por se potenciar com os novos realinhamentos internacionais. Estes realinhamentos e novas proximidades, a que temos assistido no quadro das reuniões do G20, são muito evidentes na Ásia, com o sentimento que deu origem, por exemplo, à tentativa de reativação do Quad e à criação do AUKUS [parceria trilateral de segurança para a região do Indo-Pacífico entre a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos], enquanto forma de expressão de novas preocupações e realidades que é necessário enquadrar – como seja a evolução da China na sua relação especial com a Rússia, e a própria evolução da Índia.

It is clear that questions about Europe are not limited to these, as there are new elements such as the EU enlargement or the NATO enlargement, which are in the debate and will continue to be in the near future. But they will be in a completely different form than they were before the events in Ukraine, as these decisively marked the entire decision of major European issues and the European debate itself, generating an absolutely different dynamic, and even including a more evident complexity and rigidification of some conflicts. Another element that can be uncomfortable is that, sooner or later, we have to think that a European security architecture cannot be implemented by forgetting the existence of a neighbour who will be there forever, Russia, whatever that Russia may be or whatever it will become.

This conference debates security from Europe to the Indo-Pacific because the new reality created in Ukraine ended up having a practical effect of disruption on a global scale. The pre-existing tension, in particular the prominent tension between the United States and China, ended up being heightened with the new international realignments. These realignments and new proximities, which we have witnessed in the context of the G20 meetings, are very noticeable in Asia, with the feeling that gave rise, for example, to the attempt to reactivate the Quad and the creation of AUKUS [trilateral security partnership for the Indo-Pacific region between Australia, the United Kingdom and the United States], as a way of expressing new concerns and realities that need to be addressed – such as China's special relationship with Russia, as well as developments regarding India.



Imag. 2

A conferência foca também elementos importantes relativamente à utilização da alimentação e da energia como armas de guerra, questões estas que assumiram uma importância e carácter central neste último ano. Neste contexto, torna-se necessário refletir sobre o papel da China no quadro global e, ligado a isto, sobre a questão do multilateralismo, que é de grande importância para o Clube de Lisboa. Será que é possível manter uma ordem multilateral com a participação e empenho das potências, designadamente dos membros permanentes do Conselho de Segurança, quando alguns deles utilizam essa ordem multilateral à la carte e em função dos seus interesses imediatos ou quando, mais do que isso, colocam a ordem multilateral refém desses seus interesses imediatos? Estas são questões fundamentais da ordem internacional e da segurança global que estarão em debate nesta conferência, realizada oportunamente um ano depois do início da crise da Ucrânia.

The conference also focuses on important elements regarding the use of food and energy as weapons of war, issues that have assumed crucial importance in the last year. In this context, it is necessary to reflect on China's role in the global architecture and, linked to this, on multilateralism, which is of great importance for the Club of Lisbon. Is it possible to maintain a multilateral order with the participation and commitment of the powers, namely the Security Council permanent members? Or do some of them use this multilateral order à la carte and according to their immediate interests, and, when it is not in their interest, they act on their own; or, more than that, do they place the multilateral order hostage to their immediate interests? These are fundamental issues for the international order and global security that will be debated in this conference, timely held one year after the start of the Ukraine crisis.

Andrea Tassoni

PT

ENG

Este é um importante fórum de discussão e debate que se concentra nos tópicos geopolíticos e de segurança mais urgentes. O que vimos no último ano mudou dramaticamente a forma como pensamos e vivemos. Saímos de uma pandemia global para as sombras da guerra no nosso continente, devido à agressão não provocada da Rússia contra a Ucrânia. E, na Agência Europeia para a Segurança Marítima (EMSA), assumimos a nossa posição de apoiar a Comissão e os Estados-Membros na sua implementação diária de várias sanções à Federação Russa.

This is an important forum for discussion and debate which focus on the most pressing current security and geopolitical topics. What we have seen in the last year has changed dramatically the way we think and live. We have emerged from a global pandemic into the shadows of war on our continent due to Russia's unprovoked aggression against Ukraine. And at the European Maritime Safety Agency (EMSA), we have taken our stand to support the Commission and the Member States in their daily implementation of various sanctions to the Russian Federation.



“O que vimos no último ano mudou dramaticamente a forma como pensamos e vivemos. Saímos de uma pandemia global para as sombras da guerra no nosso continente, devido à agressão não provocada da Rússia contra a Ucrânia.”

“What we have seen in the last year has changed dramatically the way we think and live. We have emerged from a global pandemic into the shadows of war on our continent due to Russia’s unprovoked aggression against Ukraine.”

Na EMSA, compilamos o chamado quadro marítimo civil, que consiste em detetar e recolher informações sobre as posições dos navios e visualizar o que se passa no mar (pelo menos no que chamamos de alvos cooperativos, ou seja, navios que emitem um sinal de diferentes formas, como navios comerciais e de pesca) no nosso sistema, que é então entregue aos Estados-Membros para implementação da legislação no mar. Todos os dias, em todo o mundo, monitorizamos 135.000 embarcações.

At EMSA, we compile what is called the civilian maritime picture, which consists of spotting and gathering information on vessel positions and visualize what is going on at sea (at least from what we call cooperative targets, so ships that emit a signal in different ways, as commercial and fishing vessels) into our system, which is then given to the Member States for implementing legislation at sea. Any given day throughout the world, we monitor 135.000 vessels.



Imag. 5

Livesketching

Somos uma agência de segurança (safety) marítima, mas é importante lembrar que, ao contrário da língua inglesa, em vários idiomas o mesmo termo abrange ‘security’ e ‘safety’, como em português (‘segurança’) e italiano (‘sicurezza’). Embora não esteja incluída no nome EMSA, estamos muito empenhados e ativos também quando se trata de segurança (security), a qual assume diferentes formas. A mais recente é a cibersegurança, uma preocupação crescente para o cluster marítimo, uma vez que, hoje em dia, temos cada vez mais tentativas de hackear o sistema dos navios. Quando alguém assume o controle remoto de um navio, em teoria, pode realmente fazer algo muito prejudicial ao meio ambiente e à segurança.

We are a maritime safety agency, but it is important to remember that in several languages, as in Portuguese (‘segurança’) and Italian (‘sicurezza’) the same word covers safety and security. Although only safety is included in the name EMSA, we are very much engaged and active also when it comes to security, and security takes different forms. The latest one is cybersecurity, which is a growing concern for the maritime cluster, because nowadays we have more and more attempts to hack into the system of ships. And when you take remote control of a ship, in theory you could really do something very damaging for the environment and for security.

Só para dar uma ideia do que fazemos em relação à guerra na Ucrânia, informamos sobre o impacto do conflito no transporte marítimo e auxiliamos na monitorização da implementação dos corredores de cereais mediados pela ONU, pelo que garantimos que a ONU e os Estados-Membros envolvidos sejam informados sobre o trânsito de navios que saem da Ucrânia, normalmente com cereais, para que saibam o paradeiro desses navios e possam controlá-los, monitorá-los e protegê-los, se for o caso. Tal como mencionado, também apoiamos os Estados-Membros na implementação das sanções contra a Federação Russa.

“Muitas nações dependem da segurança e proteção do transporte marítimo para transportar os bens que produzem nos mercados estrangeiros, e isto é hoje fundamental para a economia global.”

A nível da UE, o apoio à segurança é enquadrado pela Bússola Estratégica, que oferece orientação política e que celebra agora o seu primeiro aniversário desde a sua aprovação. A Bússola engloba mais de 80 ações concretas, com o objetivo de tornar a UE um fornecedor de segurança mais forte e com maior capacidade de proteger os seus cidadãos e contribuir para a paz e a segurança internacionais.

Muitas nações dependem da segurança e proteção do transporte marítimo para transportar os bens que produzem nos mercados estrangeiros, e isto é hoje fundamental para a economia global. Na EMSA, colocamos os nossos serviços operacionais no apoio aos interesses da UE em todo o mundo. Começámos há 12 anos, numa altura em que a pirataria no Golfo de Áden, nomeadamente na Somália, era um problema sério, quando as Nações Unidas, em diálogo com os Estados-Membros da UE, pediram-nos que desenvolvêssemos um serviço que ainda hoje prestamos - a chamada Operação Europeia Atalanta EUNAVFOR dispõe de instalações de monitorização para saber o paradeiro dos navios na área. Esta missão foi criada para combater a pirataria somali e operar numa zona marítima que é uma vez e meia maior do que a Europa continental, o que também dá uma ideia da magnitude das nossas operações.

A EMSA não tem mandato para implementar qualquer legislação no mar. Tudo o que fazemos é em apoio à Comissão e aos Estados-Membros. Prestamos um serviço semelhante também à EUNAVFOR MED IRINI, para a implementação de sanções na Líbia, e apoiamos igualmente a MAOC-N, uma organização sediada em Lisboa para combater o tráfico de estupefacientes da América do Sul para a Europa. Todas estas organizações adquirem informações nossas; preparamos-lhes um ponto de situação marítimo personalizado, dependendo das suas necessidades e direitos de acesso, para que todos possam compreender melhor o que se passa no mar.

Just to give an idea of what we do in relation to the war in Ukraine, we report on the impact of the conflict on maritime transport, and help monitor the implementation of the UN broker grain corridors, so we ensure that the UN and the Member States involved are informed about the transit of vessels leaving Ukraine, typically with grain, so that they know the whereabouts of these ships and can control, monitor, and protect them, if it is the case. As mentioned, we also support the Member States in the implementation of the sanctions versus the Russian Federation.

“Many nations depend on security shipping to transport the goods that they produce from markets abroad, and this is key to the global economy today.”

At EU level, security support is delivered through the Strategic Compass, which offers political guidance and its now on its first anniversary since approval. The Compass contains over 80 concrete actions, with the objective of making the EU a stronger and more capable security provider to protect its citizens and to contribute to international peace and security.

Many nations depend on security shipping to transport the goods that they produce from markets abroad, and this is key to the global economy today. At EMSA, we put our operational services to support the EU interest worldwide. We started 12 years ago, at the time when piracy in the Gulf of Aden, namely in Somalia, was a serious issue, and the United Nations, in dialogue with the EU Member States, asked us to develop a service which we are still providing today - the so-called European Operation Atalanta EUNAVFOR providing the monitoring facilities to know the whereabouts of ships in the area. This mission is set up to combat Somali piracy and operate in a maritime zone one and a half times bigger than mainland Europe, which also gives the idea of the magnitude of our operation.

EMSA has no mandate to implement any legislation at sea. Whatever we do is in support of the Commission and the Member States. We provide a similar service also to EUNAVFOR MED IRINI, for the implementation of sanctions in Libya, and we also support the MAOC-N, an organisation based in Lisbon to combat the traffic of narcotics from South America to Europe. All these organisations acquire information from us; we prepare a tailored maritime picture, depending on their needs and access rights, so that everybody can have a better understanding of what's going on at sea.

Regarding the theme of this conference, European and Indo-Pacific security, we are also indirectly active, as we are participating in a main

Relativamente ao tema desta conferência, a segurança da Europa ao Indo-Pacífico, também temos uma ação indireta, pois participamos num evento organizado pela Agência da Guarda Costeira Japonesa, o Fórum Global da Guarda Costeira, que acontece a cada dois anos em Tóquio, onde mais de 120 países de todo o mundo se reúnem para partilhar e promover as melhores práticas e para combater problemas de segurança. Portanto, estamos também bastante familiarizados com os problemas da região e estamos abertos a discutir a melhor forma de apoio, no âmbito do nosso mandato. Olhando para a própria Europa, gostaria de mencionar um projeto relevante do qual fazemos parte, que é a cooperação europeia em funções de guarda costeira. A EMSA coopera com a Agência Europeia de Controlo das Pescas, sediada em Vigo, Espanha, e com a Frontex, a Agência Europeia da Guarda Costeira e de Fronteiras, sediada em Varsóvia, na Polónia, para apoiar as funções da Guarda Costeira em toda a Europa.

A Comissão identificou 11 funções da Guarda Costeira, que vão desde a segurança marítima à proteção ambiental ou à busca e salvamento. Embora alguns países europeus tenham uma entidade que se ocupa de todas as funções da Guarda Costeira, outros países têm até 20 autoridades que se ocupam destas funções – portanto, existem hoje 400 autoridades, e estamos a tentar ajudá-las através da agregação de recursos. O que significa isto? Por exemplo, pode muito bem significar que um dos nossos drones que atualmente mede o teor de enxofre do combustível no Báltico pode ser utilizado para uma operação de busca e salvamento, ou para monitorizar um navio de pesca de outra comunidade. Trata-se, portanto, de uma agregação de ativos, que nos permite maximizar o investimento realizado pela UE.

event organised by the Japanese Coast Guard Agency, the Global Coast Guard Forum, which happens every two years in Tokyo, where more than 120 countries all around the world gather to share and promote best practices, and to combat security problems. So, we are also quite familiar with the problems of the area, and we are open to discuss how we can best support this, within our mandate. Looking inside Europe, I would like to mention a relevant project we are part of, which is the European cooperation on coastguard functions. EMSA cooperates with the European Fisheries Control Agency, based in Vigo, Spain, and with Frontex, the European Border and Coastguard Agency based in Warsaw, Poland, to support Coast Guard function throughout Europe.

The Commission has identified 11 Coast Guard functions, which go from maritime safety to environmental protection, or search and rescue. While some European countries have one authority dealing with all Coast Guard functions, other countries have up to 20 authorities dealing with these functions – there are today 400 authorities, and we are trying to help them by pooling assets together. What it means? For instance, it may well mean that one of our drones that is today measuring the sulphur content of fuel in the Baltic may be used for a search and rescue operation or may be used to monitor a fishing vessel from the other community. It is therefore a pooling of assets to get the best added value out of the investment made by the EU.



Veja o vídeo

Watch the video

Segurança da Europa ao Indo-Pacífico

Security from Europe to the Indo-Pacific

LISBOA
3 MAR 23



HOJE FALA-SE DA (DES)ORDEM MUNDIAL !



TEMA LONGE DE SER PACÍFICO!

HÁ UM ELEFANTE NA SALA!



MEDO!
MAIOR DESDE 24.2.2022

EUA

SÃO UM PODER EUROPEU!
QUE IMPACTO ISSO TEM ?

SEM OS EUA O QUE É A

NATO?

ESTARÁ O CONSELHO DE SEGURANÇA REFÉM?

EMSA

WELCOMES
EVERYONE

OUR OBJECTIVE IS TO
MAKE EU
SAFE AND
SECURE

WE SUPPORT
THIS INITIATIVE



■ WE SUPPORT
THE EU
COMMISSION

■ WE MONITOR
THE SEA...
AND MANY
VESSELS!

■ WE MONITOR
THE IMPLEMENTATION
OF LEGISLATION

■ MANY
PROJECTS
AND
INITIATIVES

SECURITY

IS OUR MAIN FOCUS
COOPERATING WITH
SEVERAL AGENCIES
WORLDWIDE

DANIEL
UPSIDEUP.PT

02

Guerra _____ na Europa

War _____ in Europe



02

Guerra na Europa War in Europe

Oradores — Speakers

Sinan Ülgen

Diretor do Centro de Estudos
Económicos e de Política
Externa (EDAM), Instambul

Chair of the Center for
Economics and Foreign Policy
Studies (EDAM), Istanbul

Rosa Balfour

Diretora da Carnegie
Europe, Paris

Director of Carnegie
Europe, Paris

Elena Lazarou

Coordenadora em exercício
da Unidade de Política
Externa dos Serviços de
Pesquisa do Parlamento
Europeu (EPRS),
Bruxelas (online)

Acting Head of the External
Policies Unit, European
Parliamentary Research Service
(EPRS), Brussels (online)

Maria Raquel Freire

Professora de Relações
Internacionais da
Universidade de
Coimbra, Coimbra

Professor of International
Relations of the University
of Coimbra, Coimbra

PT

Qual o impacto da guerra na Ucrânia nas dinâmicas UE - NATO? A segurança europeia continuará bastante dependente do apoio norte-americano, ou irão os países europeus assumir maior protagonismo? Que ramificações tem esta guerra noutras regiões?

02.1 - Alterações na segurança europeia após a guerra na Ucrânia

Vários fatores, com destaque à guerra na Ucrânia, têm influenciado a conceptualização da segurança europeia, evidenciando a necessidade reajustamentos e maior reflexão. Considerando a segurança europeia no contexto pós-Guerra Fria, tem havido uma erosão de alguns dos seus principais pilares nos últimos anos, como salientado por Maria Raquel Freire. Em primeiro lugar, o regresso da guerra interestatal

ENG

How is the war in Ukraine impacting the dynamics of the EU and NATO? Will EU security become more dependent on the US, or will European Countries take on more responsibilities? What ramifications does this war in Europe have in other regions?

02.1 - Changes in European security following the Ukraine war

Several factors, and particularly the war in Ukraine, have been influencing the conceptualisation of European security, highlighting the need for readjustments and rethinking in this regard. Analysing European security in the post-Cold War context, there has been an erosion of some of its key pillars in recent years, as highlighted by Maria Raquel Freire. Firstly, the resurgence of large-scale inter-state war

em larga escala à Europa está a criar tensões e a violar o regime de fronteiras europeu, particularmente a partir de 2014, culminando com a invasão russa da Ucrânia em fevereiro de 2022, com um elemento subjacente de expansão territorial, expresso na violação da soberania e integridade territorial de um Estado.

A forma como a Rússia se posicionou nessas circunstâncias evidenciou uma mudança fundamental na operacionalização da sua política externa, passando de meios mais subtis de tentar atingir os seus objetivos para uma política externa claramente mais assertiva, militarizada e agressiva, como ilustra o caso da Ucrânia. Os regimes de controlo de armamento negociados durante o período da Guerra Fria têm vindo a sofrer uma erosão ao longo dos anos, sendo um dos exemplos mais recentes a suspensão pela Rússia do novo START (Tratado de Redução de Armas Estratégicas), o último tratado remanescente na Europa nesta matéria. No que diz respeito à segurança coletiva na Europa, os princípios delineados na Carta de Paris para uma Nova Europa, negociada no âmbito da então Conferência para Segurança e Cooperação na Europa (agora a OSCE), incluindo a ideia da indivisibilidade da segurança, também foram claramente perturbados.

in Europe is placing strain on and challenging the European borders regime. An illustrative example is the escalation of these wars since 2014, culminating in Russia's invasion of Ukraine in February 2022, marked by an underlying motive of territorial expansion and manifested in the violation of the sovereignty and territorial integrity of a state.

The way Russia has positioned itself in these contexts has undergone a fundamental change in the operationalisation of its foreign policy, shifting from more subtle means of pursuing its goals to adopting a clearly more assertive, militarised and aggressive foreign policy, as illustrated by the case of Ukraine. The arms control regimes negotiated during the Cold War period have been eroding over the years, with one of the latest examples being Russia's suspension of the new START treaty (Strategic Arms Reduction Treaty), the remaining treaty in Europe on this matter. Regarding collective security in Europe, the principles outlined in the Charter of Paris for a New Europe, negotiated under the Conference for Security and Cooperation in Europe at the time (now the OSCE), including the idea of the indivisibility of security, have also been clearly disrupted.



Imag. 6

Elena Lazarou

Elena Lazarou relembrou que a segurança teve significados diferentes para a União Europeia (UE) desde o seu início, embora tenha estado sempre presente na razão de existir da organização, desde a fundação da Comunidade Económica Europeia e ao longo do processo de

Elena Lazarou recalled that security has held different meanings for the European Union since its inception, but it has consistently underpinned its *raison d'être*, starting from the establishment of the European Economic Community and throughout the history of

integração. Nas fases iniciais, as relações franco-alemãs foram fundamentais e após o fim da Guerra Fria, a segurança da vizinhança e o próprio alargamento tornaram-se meios de proporcionar segurança, não apenas em termos de defesa mas também e mais importante ainda, de prosperidade económica e democracia. A paz e a segurança sempre foram elementos integrantes das diversas estratégias da UE, seja no âmbito da segurança e defesa, seja no das políticas externas e internas.

Recentemente, o que realmente mudou foi o ressurgimento da segurança clássica, ligada à integridade territorial e à defesa, incluindo no âmbito militar. A guerra na Ucrânia criou desafios fundamentais e provocou alterações na forma como os Estados-Membros da UE percecionam a segurança. Esta situação traduziu-se em enormes progressos não apenas na tomada de decisões, mas também na concretização de medidas de segurança e defesa.

Em primeiro lugar, observam-se mudanças nos Estados-Membros em relação à sua mentalidade e postura, incluindo a solicitação de adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) por parte da Finlândia e da Suécia, a realização de um referendo na Dinamarca para aderir à política de segurança e defesa, e anúncios de aumentos nos orçamentos de defesa em vários Estados-Membros, o que pode levar, segundo a Agência Europeia de Defesa, a que as despesas totais com defesa entre os Estados-Membros da UE ultrapassem os 2% pela primeira vez. Além disso, o alargamento voltou a figurar na agenda, não apenas como um elemento de interligação económica, de expansão do mercado europeu e das quatro liberdades a ele inerentes, mas também como forma de ancorar os Estados num ambiente de segurança.

Em segundo lugar, verifica-se uma mudança na abordagem prática à segurança, com a guerra a acelerar as decisões e a colaboração no seio da UE. Isto reflete-se no conjunto de ferramentas utilizado pela União nesta área, bem como no facto de a segurança se tornar um elemento que permeia todas as políticas, desde o comércio ao alargamento, à política de sanções, às questões financeiras ou à política energética, entre outras.

Observam-se também mudanças quanto à velocidade: foram tomadas decisões rápidas relativamente à imposição de sanções, candidaturas ao processo de alargamento, aumento de instrumentos financeiros, reafetação de recursos no orçamento, assistência no âmbito das microfinanças e outros apoios à Ucrânia. O aumento sem precedentes do Mecanismo Europeu de Apoio à Paz, instrumento que quase duplicou a dotação em poucos meses, ilustra as mudanças nas formas e velocidade de tomada de decisão dentro da UE. Estão também em discussão propostas para processos conjuntos de aquisição e envio conjunto de armas e munições no âmbito do Mecanismo de Apoio à Paz.

A resposta coordenada da UE à guerra foi ainda mais surpreendente porque poucos acreditavam, antes de 22 de fevereiro de 2022, que a Rússia iria invadir a Ucrânia ou que a Europa e, mais amplamente, a

European integration. In the early stages, Franco-German relations formed the core, and following the end of the Cold War the security of the neighbourhood and the enlargement itself became means of providing security, linked not only to defence but, more importantly, to economic prosperity and democracy. Peace and security have always been integral elements of the EU's various strategies, whether within the framework of security and defence or in foreign and internal policies.

Recently, what has fundamentally changed is the resurgence of classic security, tied to territorial integrity and defence, including in the military sphere. The conflict in Ukraine has presented new and crucial challenges, leading to shifts in how EU Member States perceive security, affecting their mentality and worldview. This has resulted in significant progress, not only in decision-making but also in the concrete implementation of security and defence matters.

Firstly, we have witnessed changes in the mentality and posturing of individual Member States. This includes Finland and Sweden applying for the North Atlantic Treaty Organisation (NATO) membership, Denmark holding a referendum to opt into security and defence policy, and announcements of increases in defence budget spending across Member States. According to the European Defence Agency, this may result in the total defence budget among EU Member States surpassing 2% for the first time. Additionally, enlargement has reappeared on the agenda, not only as an element of economic interlinkage, expanding the European market, and the four freedoms, but also as a way to anchor states in a security environment.

Secondly, there is a change in the practical approach to security, with the war expediting decisions and collaboration within the EU. This is reflected in the toolkit for security used by the EU, and in security becoming an element that underpins all policies, from trade or enlargement to sanctions policy, financial issues, energy policy, among others. Quick decisions at the EU level have been taken on the imposition of sanctions, application for enlargement processes, topping up financial instruments, moving money around in its budget, microfinance assistance, and other support to Ukraine. The unprecedented topping up of the EU Peace Facility, almost doubling its size in a few months, illustrates the changes in decision-making ways and speed within the EU. Proposals for joint procurement and jointly sending weapons and ammunition under the Peace Facility are also on the table.

The EU's coordinated response to the war came as a surprise, as few anticipated, before February 22, 2022, that Russia would invade Ukraine or that Europe, and the transatlantic community more broadly, would demonstrate the sense of unity observed. As mentioned by Sinan Ülgen, Putin had anticipated a repeat of the scenarios in 2008 (Georgia) and 2014 (Crimea), expecting a lack of alignment between Americans and Europeans, resulting in a weak reaction - consequently, he presumed he could annex part of Ukraine without facing great complications.

comunidade transatlântica, demonstrariam o sentido de unidade que se verificou. Como mencionado por Sinan Ülgen, Putin contava com uma repetição do que havia acontecido em 2008, na Geórgia e em 2014, na Crimeia, ou seja, que americanos e os europeus não estivessem alinhados e que a reação fosse fraca – pelo que presumiu que poderia anexar parte da Ucrânia sem enfrentar grandes complicações.

Em terceiro lugar, a ligação entre a política externa e a política de segurança é agora quase inextricável. A mudança de entendimentos em matéria de segurança reflete-se no envolvimento com países terceiros e outros parceiros, o que é evidente na forma como a Comissão e os líderes dos Estados-Membros se relacionam com países de África, da Ásia, da América Latina ou com os Estados Unidos, um parceiro chave nesta matéria. Olhando para as parcerias com regiões e países terceiros, nomeadamente sobre matérias-primas e energia, estas englobam a ideia de independência e de maior autonomia em relação à Rússia, entre outros aspetos relacionados com a segurança.

A evolução das discussões na UE sobre a autonomia estratégica, juntamente com as implicações da guerra para a segurança, contribuiu para esta ligação mais estreita entre a política externa e a segurança, o que pode indiciar uma mudança de mentalidade, na medida em que está ligada não apenas com a promoção da prosperidade global e a exportação dos valores da UE, mas também com a segurança da própria União.

“Chegámos a uma fase em que as discussões que tivemos antes da guerra [na Ucrânia] sobre autonomia estratégica, juntamente com as implicações da guerra para a segurança, levaram a que a política externa seja agora, em todos os passos, sustentada por considerações de segurança. E talvez isso represente uma mudança de mentalidade para a própria UE, porque não se trata apenas de promover a prosperidade global e de exportar os valores da UE, mas também de proteger a própria União.”

Rosa Balfour salientou que o teatro da guerra está na Europa, mas as questões são muito mais globais, uma vez que a guerra na Ucrânia é também o epicentro de uma transformação global em formação, o que complica ainda mais a análise sobre possíveis caminhos para o futuro. É importante olhar para os acontecimentos atuais através desta lente dupla (interna/global), pois a interligação entre as duas dimensões será a chave para as políticas do futuro. Uma das principais questões que se colocam aos líderes europeus é até que ponto a Europa irá moldar a realidade através da sua resposta e de políticas orientadas para o futuro ou, se inversamente será moldada por estes acontecimentos.

Thirdly, the link between foreign policy and security policy is now almost inextricable. The spirit of changing security understandings is reflected in the engagement with third countries and other partners, which is evident in the way the Commission and leaders of Member States engage with countries in Africa, Asia, Latin America, or with the United States, a key partner in these matters. Looking at partnerships with third countries and regions, such as on raw materials and energy, they entail the idea of independence and a greater degree of autonomy from Russia, as well as other security aspects.

The EU discussions about strategic autonomy, together with the implications of the war for security, have contributed for this closer link between foreign policy and security, which may represent a mentality shift for the EU, because it is not just about promoting global prosperity and exporting EU values but also about securing the Union itself.

“We have come to a stage where the discussions we had before the war [in Ukraine] about strategic autonomy, together with the implications of the war for security, have led to foreign policy being now, in every move, underpinned by the security considerations. And perhaps that is a mentality shift for the EU itself, because it is not just about promoting global prosperity and exporting EU values, but also about securing the Union itself.”

Elena Lazarou

Rosa Balfour emphasised that while the theatre of war is in Europe, the issues are global because the Ukraine war serves as the epicentre of a global transformation, complicating the analysis of possible future pathways. It is crucial to examine current events through a dual lens (internal/global), as connecting these two dimensions will be key for future policies. European leaders face the question of whether Europe will shape reality through its response and future-oriented policies or, conversely, be shaped by these events.

A nível da UE, tanto a pandemia como a guerra na Ucrânia revelaram a capacidade dos Estados-Membros e das instituições europeias para desenvolver abordagens intergovernamentais e sistémicas, capazes de analisar e combinar a política de segurança, a política externa, o financiamento da diversificação energética, o apoio humanitário, o apoio financeiro à Ucrânia, etc. Esta resposta rápida e coordenada surpreendeu agradavelmente os decisores políticos, bem como o facto de continuar sólida um ano após o início da guerra. Isto faz com que o debate em Bruxelas seja bastante autorreferencial, girando em torno da eficácia da resposta da UE.

At the EU level, both the pandemic and the war in Ukraine showcased the ability of EU member states and institutions to develop whole-of-government and system-based approaches. These approaches look at and combine security policy, foreign policy, financing of energy diversification, humanitarian support, financial aid for Ukraine, etc. The swift and coordinated response has pleasantly surprised policymakers, as well as the fact that the response remains robust one year into the war. This is why the debate in Brussels is quite self-referential, revolving around the effectiveness of the EU's response.



Imag. 7

Rosa Balfour

O debate sobre a autonomia estratégica da Europa também está a mudar, à medida que a UE tem melhorado as suas respostas de segurança e a relação transatlântica é reativada de uma forma coordenada. Apesar de divergências ocasionais, por exemplo sobre a Lei de Redução da Inflação, em geral, e especialmente no que diz respeito à guerra, a UE e os Estados Unidos estão praticamente em sintonia.

The debate over Europe's strategic autonomy is also changing, as the EU enhances its security responses and the transatlantic relationship is reactivated in a coordinated way. Despite occasional disagreements, for example over the Inflation Reduction Act, in general, and especially when it comes to war, the EU and the US are largely in lockstep.

No passado, quase todos os debates sobre a política e estratégias externas e de segurança da UE eram perpassados pela questão de saber se a UE deveria dar prioridade à sua vizinhança ou concentrar-se mais no nível global. Este debate está a ressurgir e a resposta continua a ser a mesma: a abordagem da UE deve ser tanto regional como global. No entanto, existe ainda muito pouca reflexão sobre a forma como estas duas dimensões interagem e se interligam.

In the past, almost every discussion on EU foreign and security policy and strategies was underpinned by the question of whether the EU should prioritise its wider region or focus more on the global level. This debate is resurfacing, and the answer remains that the EU's approach must be both regional and global. However, there is limited reflection on how these two dimensions interact and interconnect.

A ação climática é um bom exemplo destas ligações. Apesar da pandemia e da guerra, o compromisso da UE em enfrentar a crise climática e promover uma transição verde e digital não vacilou, o que significa que os recursos financeiros destinados a estes fins não foram desviados para necessidades de saúde ou de guerra. Mas se a Europa quiser ser, ou continuar a ser, líder na resposta à crise climática, deve envolver-se com países de todo o mundo, apoiando-os na mitigação climática, na transição verde e na construção de coligações mais amplas que possam impulsionar um rumo mais sustentável.

O consenso sobre a guerra será cada vez mais difícil de manter dentro da Europa, pois quanto mais a guerra durar, mais custará aos europeus, tanto financeiramente como em termos morais, humanos e de resiliência. No entanto, é crucial reforçar as ligações com o resto do mundo. A dinâmica global no seio da ONU ilustra essa necessidade, com diversas perspetivas sobre a guerra e com vários países a não aceitarem a narrativa de que tal constitui uma violação grave do princípio da soberania com implicações globais. A narrativa europeia não tem sido suficientemente persuasiva, dadas as diferentes relações do resto do mundo com a Rússia, com a China, bem como as perspetivas mais críticas em relação ao Ocidente.

Uma das críticas mais significativas dirigidas ao Ocidente tem a ver com a hipocrisia e a duplicidade de critérios. A UE e os Estados Unidos são percecionados por outras partes do globo como atores unilaterais e não inclusivos, que usam a linguagem do multilateralismo ou da cooperação global apenas quando esta se alinha com os seus interesses.

“Temos atualmente dois debates, um na Europa e outro de natureza mais global. Penso que encontrar as ligações entre os dois é a chave para as políticas do futuro. O teatro de guerra está na Europa, mas as questões são muito mais globais e é importante olhar para elas através desta dupla lente.”

Climate action is a good example regarding these linkages. Despite the pandemic and the war, the EU's commitment to addressing the climate crisis and advancing a green and digital transition has not wavered, meaning that financial resources earmarked for these purposes have not been diverted to health or wartime needs. But if Europe wants to be and remain a leader on addressing the climate crisis, it must engage with countries worldwide, supporting them in climate mitigation, green transition, and building broader coalitions that can drive that path.

Maintaining consensus on the war will become increasingly challenging within Europe, as the longer the war lasts, the more it is going to cost the Europeans, both financially and in terms of moral, human and resilience. However, it is crucial to strengthen connections with the rest of the world. Global dynamics at the UN illustrate this need, reflecting diverse perspectives on the war in Ukraine, and with several countries not accepting the narrative that it constitutes a major infringement of the principle of sovereignty with global implications. The European narrative clearly lacks persuasiveness, given differing relations of the rest of the world with Russia and China, as well as critical views of the West.

One of the most significant criticisms directed at the West is hypocrisy and double standards. The EU and the US are perceived from other parts of the globe as unilateral and non-inclusive actors, employing the language of multilateralism or global cooperation only when it aligns with their interests.

“We have now two debates, one in Europe and one that is more global. I think finding the connections between the two is the key for policies in the future. The theatre of war is in Europe, but the issues are much more global, and it is important to look at them through this double lens.”

Rosa Balfour

02.2 - Perspetivas para a NATO, as relações transatlânticas e a autonomia estratégica da Europa

Uma das principais preocupações relativas à segurança na Europa, já presente anteriormente mas agora com maior destaque, diz respeito ao futuro da relação com os Estados Unidos. De acordo com Sinan Ülgen, a atual liderança do país e o tipo de diplomacia da Casa Branca, muito diferente em comparação com crises internacionais no passado, desempenharam um papel crucial para alcançar uma resposta unida à agressão russa na Ucrânia.

02.2 - Prospects for NATO, transatlantic relations and European strategic autonomy

One of the primary concerns regarding security in Europe, which already existed but has now been brought even more to the forefront, revolves around the future of the relationship with the US. According to Sinan Ülgen, current US leadership and the type of diplomacy from the White House, very different compared to past international crises, played a crucial role in garnering a united response to the Russian aggression in Ukraine.

Este sentido de unidade ficou evidente na resposta da NATO aos desafios de segurança e nas decisões conjuntas sobre a imposição de sanções, que desde então têm tido impactos significativos nas dinâmicas globais. A coordenação em matéria de sanções também foi notada por Elena Lazarou, algo que não era tão comum na NATO antes da guerra na Ucrânia. É notável como as sanções adotadas na UE foram rapidamente discutidas e anunciadas publicamente, numa demonstração de coordenação tanto com a NATO como com o G7. O Reino Unido, sendo membro do G7 e da NATO, pode ter desempenhado um papel na agilização dessas decisões conjuntas.

Todos os oradores salientaram que a Europa deve perspetivar e ter em conta as mudanças nas políticas dos Estados Unidos, tanto a nível interno como externo.

This unity was evident in NATO's response to security challenges and in joint decisions on imposing sanctions, which have since had a significant impact on global dynamics. Coordination regarding sanctions was also noted by Elena Lazarou, something that was not so common for NATO before the war in Ukraine. It was notable how sanctions approved by the EU were then quickly discussed and publicly announced, demonstrating coordination with both NATO and the G7. The United Kingdom, being both a G7 and a NATO member, may have played a role in streamlining those decisions.

All speakers pointed out that Europe should envision and take into account changes in US policies at both internal and external levels.



Imag. 8

As alterações na administração da Casa Branca podem influenciar significativamente a forma como os Estados Unidos abordam a segurança europeia. Embora a administração Biden tenha manifestado interesse no multilateralismo, em aproximar-se da Europa e em envolver-se tanto a nível diplomático como militar, a anterior administração Trump menosprezou a NATO e o antigo Presidente tinha até sinalizado a intenção de retirar os Estados Unidos da aliança. Consequentemente, as próximas eleições presidenciais serão um momento crucial, mesmo existindo um amplo apoio público e bipartidário à NATO e ao apoio à segurança europeia nos Estados Unidos. Como deverá a Europa preparar-se para estas flutuações no contexto norte-americano, dado o seu papel indispensável na segurança europeia?

Changes in the White House administration can significantly influence how the US approaches European security. While the Biden administration has expressed interest in multilateralism, in reaching out to Europe, and in engaging at both diplomatic and military levels, the previous Trump administration belittled NATO and the former President even signalled an intention to withdraw the US from the alliance. Consequently, the upcoming presidential elections will be a crucial moment, despite the broad public and bipartisan support for NATO and for supporting European security in the US. How should Europe prepare for and navigate these fluctuations in the US, given its indispensable role in European security?

Além disso, a relação com a China tornou-se uma preocupação decisiva para o enquadramento da política externa e de segurança dos Estados Unidos. Olhando para os documentos estratégicos oficiais dos Estados Unidos sobre segurança, os quais tiveram também impacto no novo conceito estratégico da NATO, a China surge como um grande desafio global. Isto pode ter, e já está a ter, diversas consequências. Uma reside no facto de os Estados Unidos orientarem a NATO para uma mudança de enfoque para o Indo-Pacífico. Outra é que, na perspectiva norte-americana, existe um sentimento crescente de que a Europa deveria assumir maior responsabilidade pela sua própria segurança. Embora esta questão já tenha sido discutida no passado, é provável que se torne ainda mais crítica no futuro.

Additionally, the relationship with China has emerged as a pivotal concern for the US foreign and security establishment. Examining official US strategic documents on security, which have also influenced the new NATO strategic concept, China is identified as a significant global security challenge. This is already leading to various consequences. Firstly, the United States is steering NATO towards a shift in focus towards the Indo-Pacific. Secondly, from a US perspective, there is a growing sentiment that Europe should take on greater responsibility for its own security. While this issue has been discussed in the past, it is likely to become even more critical in the future.



Imag. 9

Sinan Ülgen

Os Estados Unidos têm sido, de longe, o maior fornecedor de armas e equipamento militar à Ucrânia, enquanto alguns países europeus tem demonstrado alguma resistência, como é o caso da Alemanha. Após 1989, a Europa beneficiou de um "dividendo da paz", levando a uma percepção na opinião pública de que as dotações para a segurança e defesa poderiam ser reduzidas e que os recursos financeiros deveriam, em vez disso, ser investidos noutras áreas ligadas ao contrato social existente entre os Estados e os seus cidadãos (como a educação ou a saúde). A guerra na Ucrânia deverá traduzir-se num tipo diferente de contrato político sobre a forma como os europeus encaram os gastos com defesa.

The US has been, by far, the largest supplier of weapons and military equipment to Ukraine, while certain European countries, such as Germany, have shown some resistance. After 1989, Europe benefited from a peace dividend, leading to a perception within public opinion that allocations for security and defence could be reduced and that financial resources should be invested in other areas connected to the existing social contract between states and their citizens (education, health and so forth). However, the war in Ukraine will need to translate into a different sort of political contract about how Europeans perceive defence spending.

Durante muitos anos, verificou-se uma tensão inerente no seio da NATO relativamente à partilha de encargos, à proporcionalidade dos

For many years, an inherent tension has existed within NATO regarding burden sharing, the proportionality of commitments and the comparison

compromissos e à comparação entre as despesas de defesa dos Estados Unidos e da Europa. Atualmente, existe uma tendência clara para o aumento das despesas na área da defesa em toda a Europa. A questão central, porém, continua a ser a sustentabilidade e durabilidade destes compromissos. Esta consideração estende-se à vontade política de continuar a apoiar a Ucrânia. Com efeito, esse pode ser o plano de jogo da Rússia, porque a partir de determinado momento os países europeus começarão a resistir a gastar os seus recursos numa guerra que parece não ter fim e, eventualmente, a pressionar a Ucrânia para chegar a acordos em termos que estejam mais alinhados com as intenções de Putin. Tal cenário pode representar uma ameaça à unidade que se tem verificado até ao presente.

No atual contexto de segurança europeu, especialmente durante esta crise aguda marcada pela centralidade das ameaças convencionais e pela ênfase na defesa territorial, a UE não pode correr o risco de uma relação disfuncional, quer dentro da NATO, quer com os Estados Unidos. É crucial ter uma abordagem estratégica, tendo em conta o papel de cada instituição no panorama da segurança e visando criar uma relação otimizada que evite a duplicação de recursos, de esforços e de ativos.

“A primeira questão que a Europa enfrenta, e que já existia anteriormente mas que foi trazida para primeiro plano com a guerra, é o futuro da relação com os Estados Unidos. Atualmente temos uma administração da Casa Branca que manifestou interesse no multilateralismo, em aproximar-se da Europa e que fez um trabalho notável a nível diplomático. Mas podemos realmente contar com isso no futuro? No pós-2024, qual será o tipo de relacionamento com os Estados Unidos e as alterações na forma como estes encaram a segurança europeia?”

O futuro da segurança europeia está, também, intrinsecamente ligado às relações da UE com os países periféricos que são potências militares na Europa, designadamente o Reino Unido e a Turquia, ambos membros da NATO. Seria importante investir num futuro que permita à Europa aproveitar as capacidades destas nações, ao mesmo tempo que se têm em devida consideração as implicações de segurança a longo prazo. A discussão em curso sobre a autonomia estratégica é relevante neste sentido, uma vez que estes países têm um papel a desempenhar no caminho para uma Europa mais independente e capaz de garantir a sua própria segurança.

Uma das alterações relevantes é o novo Conceito Estratégico da NATO, que reflete o estado atual de tensão geopolítica e o cenário de ameaças que é agora muito visível do lado da Europa. Por um lado, o

between US and European defence spending. Currently, there is a noticeable trend towards increased defence spending across Europe. However, the central question revolves around sustainability and durability of these commitments. This consideration extends to the political willingness to continue supporting Ukraine. This can be the game plan of Russia, because after some point European countries will start to resist spending their resources towards a war that seems to have no end, and eventually to pressure Ukraine to settle on terms that are more aligned with Putin's intentions. Such a scenario could pose a threat to the unity that has existed thus far.

In the current European security context, especially during this acute crisis marked by the centrality of conventional threats and the emphasis on territorial defence, the EU cannot afford a dysfunctional relationship either within NATO or with the US. A strategic approach is crucial, considering the role of each institution in the hardcore security arena, and aiming to create an optimal relationship that prevents the duplication of resources, efforts, and assets.

“The first question facing Europe, which was already existing, but put even more in the forefront by the war is the future of the relationship with the United States. And now we have a White House administration that has professed interest in multilateralism, in reaching out to Europe, and that did a remarkable job at diplomatic level. But can we really count on that? In post 2024, what will be the type of relationship with the United States and the changes in the way it views European security?”

Sinan Ülgen

The future of European security is also intricately connected with the EU's relationships with peripheral countries that are military powers in Europe, namely the United Kingdom and Turkey, both NATO members. Crafting a future that allows Europe to leverage the capacities of these nations while considering long-term security implications would be very important. The ongoing discussion on strategic autonomy is relevant in this regard, as these countries have a role to play in the path towards creating a more independent Europe capable of guaranteeing its own security.

A significant development is the new NATO Strategic Concept, which mirrors the current state of geopolitical tension and the threat scenario now visible on the side of Europe. Unlike the strategic concept of a decade ago, it paints a distinct picture of Russia, departing from

documento define uma imagem da Rússia muito diferente do conceito estratégico de há uma década, onde existia uma abordagem dupla que integrava a possibilidade de envolvimento com a Rússia e o Conselho NATO-Rússia. Por outro lado, a forma como a China é descrita no conceito estratégico da NATO também se alterou ao longo dos anos, refletindo a mudança de enfoque estratégico dos Estados Unidos para o Sudeste Asiático, o que também teve, em última análise, impacto no pensamento europeu sobre a China. A China passou a fazer parte do radar da NATO, tanto em documentos estratégicos como a nível operacional, sendo incluída nas agendas e discussões. À medida que as prioridades estratégicas mudam, existirá uma mudança correspondente nos recursos, com efeitos na forma como a NATO continuará a fornecer segurança aos seus aliados europeus.

Outro ator crucial para a segurança europeia é a Turquia, tendo em conta a sua posição como único membro da NATO que ainda não implementou sanções contra a Rússia. Segundo Sinan Ülgen, a posição da Turquia pode ser atribuída a uma dupla motivação.

Em primeiro lugar, o contexto geográfico desempenha um papel fundamental, obrigando a Turquia a manter uma relação funcional com a Rússia. O conflito sírio é exemplo deste fator, uma vez que a relutância da UE em intervir nas fases iniciais e a resistência norte-americana mesmo após a utilização de armas químicas, levaram a Turquia a procurar formas alternativas de estabilizar a situação. As repercussões do caos na Síria, incluindo o afluxo de milhões de refugiados, levaram a Turquia a explorar outras soluções diplomáticas. Consequentemente, acabou por se ligar a parceiros não naturais, a Rússia e o Irão, o que contribuiu para uma pseudo-estabilidade na Síria e para mitigar a pressão dos refugiados. O modelo de parceria diplomática com a Rússia foi igualmente utilizado noutras crises regionais, como na Líbia e em Nagorno-Karabakh, onde a Turquia e a Rússia trabalharam em conjunto para alcançar primeiro um cessar-fogo e subsequentemente um acordo político.

A segunda motivação tem a ver com a abordagem da Turquia à diplomacia e a sua perceção das relações com a UE. Não sendo membro da UE, a Turquia não se sente obrigada a aderir e a aplicar sanções da UE contra a Rússia. Além disso, a Turquia resiste a ser tratada completamente como um país terceiro, insistindo num processo colaborativo de tomada de decisões em matéria de sanções e rejeitando seguir decisões unilaterais da UE, sem concertação prévia. A mensagem que a Turquia pretende transmitir em Bruxelas é clara: procura um papel ativo na definição dos termos da sua relação com a UE e sublinha a importância de consultas bilaterais na definição de políticas.

No que diz respeito ao alargamento da NATO, a posição divergente da Turquia baseia-se em fatores de política externa e interna. A Turquia tem manifestado desagrado relativamente à Suécia, especialmente em relação à permissividade da sua legislação contra o terrorismo, que permitiu que entidades associadas ao Partido dos Trabalhadores do

the previous twin-track approach that included the possibility of engagement with Russia and a NATO-Russia Council. Simultaneously, the portrayal of China in the NATO strategic concept has evolved over the years, aligning with the shift in the US strategic focus towards Southeast Asia, which also ultimately impacted European thinking on China. China became part of NATO's radar at both strategic and operational levels, evident in agenda inclusions and discussions. As strategic priorities change, there will likely be a corresponding shift in resources, leading to implications for how NATO continues to provide security for its European allies.

Another crucial player for European security is Turkey, especially given its unique position as the only NATO member yet to implement sanctions against Russia. According to Sinan Ülgen, Turkey's stance can be attributed to a dual motivation.

Firstly, the geographical context plays a pivotal role, compelling Turkey to maintain a functional relationship with Russia. The Syrian conflict serves as a notable example, where the EU's reluctance to intervene in the early stages and the US's recalcitrance even after the use of chemical weapons, prompted Turkey to seek alternative ways to stabilise the situation. The repercussions of the chaos in Syria, including the influx of millions of refugees, led Turkey to explore diplomatic solutions. Consequently, Turkey ended up with unnatural partners, Russia and Iran, which ultimately provided a solution for pseudo stability in Syria and mitigated the pressure of refugees. This model of diplomatic partnership with Russia was also used in other regional crises, such as in Libya and Nagorno-Karabakh, where Turkey and Russia worked together to achieve ceasefires and subsequent political settlements.

The second motivation is rooted in Turkey's approach to diplomacy and its perception of relations with the EU. As a non-EU member, Turkey does not feel obligated to adhere and apply EU sanctions against Russia. Moreover, Turkey resists being treated completely as a third country, thereby insisting on a collaborative decision-making process regarding sanctions, and rejecting unilateral EU decisions that Turkey should simply follow, without prior consultations. The message Turkey intends to convey in Brussels is clear: it seeks an active role in determining the terms of its relationship with the EU and stresses the importance of bilateral consultations in shaping policies.

Concerning NATO's enlargement, Turkey's divergent position is rooted in both external policy and domestic politics. Turkey has expressed grievances with Sweden, particularly related to their leniency on terror legislation, which allowed entities associated with the Kurdistan Workers' Party (PKK) to operate more freely and to engaging in fundraising and recruitment, with insufficient action taken by Swedish authorities to curb these activities. Turkey has therefore tried to use its strategic leverage to put pressure on Sweden and Finland so that these countries take Turkey's concerns more diligently. Sweden has admitted some errors and redressed these issues, so both Finland

Curdistão (PKK) operassem mais livremente e prosseguissem atividades de angariação de fundos e recrutamento, sem que as autoridades suecas tivessem tomado medidas suficientes para restringir essas atividades. Aproveitando a sua posição estratégica, a Turquia tem procurado exercer pressão sobre a Suécia e a Finlândia para que estes países respondam às suas preocupações com maior diligência. A Suécia reconheceu algumas deficiências e tomou medidas corretivas, pelo que é expectável que tanto a Finlândia como depois a Suécia possam aderir à NATO num futuro próximo. Além destes fatores, Elena Lazarou destacou os obstáculos persistentes nas relações devido à questão do Chipre Turco, que também afeta outras áreas, como partilhas no domínio da intelligence.

and latter Sweden will foreseeably join NATO soon. Regarding this issue, Elena Lazarou also added the blocking of relations that persists because of the Turkish Cyprus issues, which is also hampering further collaboration such as in the sharing of intelligence.



Imag. 10

Na análise do futuro da segurança europeia e das implicações da autonomia estratégica, Rosa Balfour sublinhou a importância de observar as dinâmicas da política intraeuropeia e de avaliar até que ponto os europeus conseguiram transpor as divisões entre a Europa Ocidental, a Europa Central e Oriental e os Estados Bálticos. Historicamente, a Rússia tem sido uma importante fonte de divisão na política externa europeia, tendo este desafio sido temporariamente superado devido à invasão da Ucrânia. No entanto, sem esforços consistentes para reforçar a confiança entre essas visões concorrentes que estão subjacentes, as divisões pré-existentes poderão facilmente ressurgir.

A unidade dos Estados-Membros da UE em torno das questões de segurança enfrenta desafios e a sua manutenção depende de vários

When discussing the future of European security and the implications of strategic autonomy, Rosa Balfour stressed the importance of looking at intra-European politics and the extent to which Europeans have successfully bridged divides between Western Europe, Central and Eastern Europe, and the Baltic states. Historically, Russia was a major source of division in European foreign policy, a challenge that was temporarily surmounted due to the invasion of Ukraine. Nevertheless, without consistent efforts to reinforce trust between the underlying competing perspectives, pre-existing divisions could easily resurface.

The unity of EU member states on security issues faces potential challenges, and the extent to which it can be maintained hinges on various factors. These divisions may become more prominent based

fatores. Estas divisões poderão voltar a ser proeminentes, dependendo da evolução militar na Ucrânia e do prolongamento do conflito, do grau de vontade dos europeus em aumentar os investimentos em segurança e defesa, da sua capacidade de sustentar uma economia de guerra, e dos resultados das eleições nos Estados Unidos em 2024.

Este último ponto terá também impacto não apenas nas relações transatlânticas do lado norte-americano, mas possivelmente introduzindo elementos de desestabilização para a unidade europeia. Por exemplo, quando Trump assumiu a presidência, o presidente polaco viajou para Washington e ofereceu uma base militar para os Estados Unidos na Polónia. Em termos substantivos, existe um forte risco de uma divisão mais profunda entre os países pró-NATO da Europa Central e Oriental, com um enfoque transatlântico mais forte, e aqueles que se inclinam mais para o desenvolvimento das capacidades da Europa.

on military developments in Ukraine and the prolongation of the conflict, the willingness of Europeans to increase investments in security and defence, their ability to sustain a war economy, and the outcomes of the US elections in 2024.

The latter point is particularly significant as it will not only impact transatlantic relations from the US side but may also introduce destabilising elements for European unity. Notably, during Trump's presidency, the offer of a US military base in Poland by the Polish president illustrates the potential for a deeper divide. There is a risk of increased polarisation between pro-NATO Central and Eastern European countries with a strong transatlantic focus and those more inclined to prioritise building Europe's autonomous capacity.



Imag. 11

Como referido por Elena Lazarou, a coexistência das dimensões de curto e de longo prazo não deve ser esquecida, pois apesar de funcionarem em paralelo, podem ter dinâmicas contraditórias. No curto prazo, o que se observa em termos de colaboração, de negociação e decisão conjunta UE-NATO é, em grande medida, determinado pela necessidade de enfrentar a atual crise, exigindo reações imediatas. Não há certezas sobre a continuidade destas dinâmicas no longo prazo, tendo em conta todos os desafios para o futuro acima mencionados. Neste sentido, seria importante separar as tendências sobre o que está a acontecer agora daquilo que é expectável no futuro.

As pointed out by Elena Lazarou, one should not forget the coexistence of short-term and long-term dimensions, which run in parallel but may have contradictory dynamics. In the short term, what we are witnessing in the EU-NATO collaboration, negotiations and decisions is, to a large extent, determined by the need to confront the current crisis, requiring immediate reactions. There is no certainty about the continuity of these dynamics in the long run, considering all the above-mentioned challenges for the future. In this sense, it would be important to separate trends relating to what is happening now from what is expected in the future.

Uma das formas pelas quais a guerra está a ter impacto nas relações UE-NATO é o facto de tornar mais claras as áreas de divisão de trabalho, bem como as sinergias existentes e potenciais. A guerra veio recalibrar a relação, não apenas em termos de cenários hipotéticos e de declarações, mas concretamente no terreno, especificando as áreas onde a NATO tem claramente a liderança e a capacidade de implementação, bem como aquelas onde uma maior cooperação é não só possível, mas também necessária.

Por um lado, as circunstâncias recentes demonstraram que tudo o que diz respeito à presença avançada, ao destacamento e à defesa territorial é prosseguido de forma eficaz pela NATO. No último ano, os exemplos incluem a presença de grupos táticos multinacionais no flanco oriental e o envio de capacidades militares para as fronteiras orientais da UE.

Por outro lado, a prevenção de crises futuras implica um trabalho não focado apenas na defesa clássica ou convencional, mas também na questão da resiliência, que está ligada à dissuasão. A estratégia de segurança nacional dos Estados Unidos inclui a expressão "dissuasão através da resiliência". A ciberdefesa e a cibersegurança para prevenção de interferências malignas e as capacidades tecnológicas para controlar as influências estrangeiras são áreas cada vez mais importantes, onde existe apoio mútuo para uma maior cooperação e trabalho conjunto. As áreas de desenvolvimento de capacidades, de política industrial, de inovação e tecnologia em geral também têm espaço para crescer e poderão agregar valor ao relacionamento. A área das capacidades parece estar a avançar substancialmente: os Estados Unidos assinaram um acordo administrativo com a Agência Europeia de Defesa para participação em projetos e existe a intenção de os Estados Unidos aderirem ao Projeto PESCO de Mobilidade Militar.

Além disso, a situação atual também veio realçar pontos politicamente sensíveis que necessitam de maior atenção, para que se possa alcançar, na prática, o nível de cooperação sugerido pela natureza declaratória de vários comunicados conjuntos NATO-UE.

“A guerra tornou claro que a UE não dispõe, neste momento, de capacidades imediatamente disponíveis e sustentadas. Assim, veio suscitar preocupações a curto-prazo, mas devemos igualmente ter em conta que os planos para o desenvolvimento da política de segurança e defesa da UE, que vemos agora no papel, irão concretizar-se dentro de uma década. [...] Onde estarão focados os Estados Unidos daqui a uma década? Até lá, o que será a política de segurança e defesa da UE capaz de fazer? Estas são questões para o futuro, mas estão ligadas às conclusões resultantes da guerra na Ucrânia.”

One of the ways the Russia's war in Ukraine is impacting on EU-NATO relations for the future is by making clearer the areas of division of work, as well as the existing and potential synergies. The war is recalibrating the relationship, not just in terms of hypothetical scenarios and declarations, but concretely on the ground, by specifying the areas where NATO clearly has leadership and implementation capacity, as well as those areas where greater cooperation is not only possible but also necessary.

On the one hand, recent circumstances have demonstrated that everything relating to forward presence, deployment and territorial defence is pursued effectively by NATO. In the last year, examples include the presence of multinational battle groups in the eastern flank and the deployment of military capabilities to the eastern borders of the EU.

On the other hand, averting future crises is not only about classical or conventional defence, but also implies the question of resilience, which is linked to deterrence. The US national security strategy includes the phrase "deterrence through resilience." Cyber defence and cybersecurity to prevent malicious interference and technological capabilities to control foreign influences are increasingly important areas, where there is mutual support for greater cooperation and collaborative work. The areas of development of capabilities, of industrial policy, of innovation and technology in general also have space to grow and could add value to the relationship. The area of capabilities seems to be going ahead substantially: the US has signed an administrative arrangement with the European Defence Agency for participation in projects and there are intentions for the United States to join the Military Mobility PESCO Project.

Furthermore, the current situation is also highlighting politically sensitive points that need attention to achieve the concrete level of cooperation suggested by the declaratory nature of several joint statements between NATO and the EU.

“The war has made clear that the EU does not have at the moment the readily available and maintained capabilities. So, in short-term it has raised concerns, but we should also keep in mind that the plans for the development of the EU security and defence policy that we see on paper now will materialise in a decade. [...] What will the United States be looking at in a decade? By then, what will EU security and defence policy be able to do? These issues are for the future but have to do with assumptions that derive from the war on Ukraine.”

02.3 - Debate

Os participantes referiram novas dinâmicas decorrentes da guerra na Ucrânia e do aumento das tensões geopolíticas, que estão em aceleração e se sobrepõem, entrando por vezes em conflito com antigas dinâmicas de competição, inclusivamente no seio da UE e da NATO.

O papel incontornável dos Estados Unidos na segurança europeia foi reconhecido, mas também questionada a sua preponderância como líder ou parceiro da Europa noutras dinâmicas globais. Nomeadamente, questionou-se em que medida a sua imagem de liderança do processo de globalização e o seu compromisso com a ordem multilateral não se encontram definitivamente comprometidos devido às suas prioridades geopolíticas e de segurança. Com efeito, assistiu-se à saída dos Estados Unidos do processo de arbitragem da Organização Mundial do Comércio (OMC), à instituição de políticas que impedem o livre fluxo de recursos em setores específicos (como os semicondutores) por razões políticas e de segurança e a outras medidas que contrariam o papel norte-americano como grande arquiteto e impulsionador do processo de globalização, o qual beneficiou, no passado, os países asiáticos e países de baixo rendimento em todo o mundo.

Têm surgido várias iniciativas de países ocidentais como reação às atuais preocupações e choques geopolíticos, como a Lei de Redução da Inflação nos Estados Unidos, o desmantelamento do Processo de mediação de disputas na OMC (Panel Process), a Lei sobre os Chips e o Mecanismo de Ajustamento Carbónico Fronteiriço (MACF) na UE, que podem ser consideradas como contrárias ao regime comercial multilateral baseado em regras internacionais.

É necessário repensar estas iniciativas e encontrar formas de compatibilidade, considerando as motivações geopolíticas que estão por trás destas propostas, em particular a intenção de reduzir a dependência de Estados não democráticos (especialmente a China). Se estas questões não forem equacionadas, existe o risco de um “nivelamento por baixo” - com a UE a reagir à Lei de Redução de Inflação e a ter o seu próprio regime de subsídios (que também seria incompatível com as regras da OMC), com o surgimento de vozes de contestação provenientes do Sul Global sobre as implicações do MACF (as quais constituem preocupações legítimas sobre o impacto potencialmente negativo no desenvolvimento destes países), entre outras reações em cadeia. Isto terá efeitos no aumento das divisões e tensões globais.

Os participantes manifestaram preocupação relativamente ao futuro da governação da segurança global, especialmente com a disfuncionalidade do Conselho de Segurança da ONU devido a divergências, particularmente com a Rússia e potencialmente com a China. A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) poderia desempenhar um papel maior na governação da segurança global: dado os atuais desafios, esta organização poderia tornar-se um prelúdio para a normalização das relações e para a reaproximação,

02.3 - Debate

Participants discussed several ongoing trends, where new accelerating dynamics arising from the war in Ukraine and from increased geopolitical tensions overlap and sometimes clash with old competition dynamics, including within the EU and within NATO.

The US's inescapable role in European security was recognised, but its dominance as a leader or partner of Europe in other global dynamics was questioned. In particular, it was questioned to what extent its image as leader of the globalisation process and its commitment to the multilateral order are not strongly compromised due to its geopolitical and security priorities. In effect, we have seen the US withdraw from the World Trade Organisation (WTO) arbitration process, adopting policies that hinders the free flow of resources in specific sectors (such as semiconductors) for political and security reasons, and other measures that contradict its role as a great architect and driver of the globalisation process, which in the past benefited Asian countries and low-income countries around the world.

Several initiatives by Western countries have emerged as a reaction to current geopolitical concerns and shocks, such as the US Inflation Reduction Act (IRA), the dismantling of the WTO Panel Process, the Chips Act and the EU Carbon border adjustment mechanism (CBAM), which may be regarded as inimical to the international rules-based multilateral trading regime.

There is a need to rethink these initiatives and find compatibility, considering the geopolitical motivations behind them, particularly the intention of reducing dependence on non-democratic states (especially China). If these issues are not addressed, there is a risk of a race to the bottom - with the EU reacting to the IRA and having its own subsidy regime (that would also be incompatible with WTO rules), with the protesting voices from the Global South on the implications of CBAM (due to its potentially negative impact for their development), and other chain reactions. This will have effects on increasing global divisions and tensions.

Participants raised concerns about the future of global security governance, especially with the UN Security Council becoming dysfunctional due to rifts, particularly with Russia and potentially China. The Organisation for Security and Co-operation in Europe (OSCE) could play a bigger role in global security governance: given current challenges, this organisation might become a prelude to normalising relations and re-engagement, particularly with Russia. However, there is great uncertainty about adequacy and the future of global governance institutions in the face of current geopolitical tensions.

The ongoing US-China rivalry is dividing the world into two camps, a trend seen as unfavourable for many countries in Asia and Europe, despite the introduction of some nuances into this global dynamic by

especialmente com a Rússia. No entanto, verifica-se uma grande incerteza sobre a adequação e o futuro das instituições de governação global face às atuais tensões geopolíticas.

A atual rivalidade entre os Estados Unidos e a China está a dividir o mundo em dois campos distintos, uma tendência considerada desfavorável para muitos países da Ásia e da Europa. As relações económicas podem vir a introduzir algumas nuances nesta dinâmica global. O debate em curso sobre a "desglobalização" e o reforço das dinâmicas a nível regional pode resultar numa diferenciação, permitindo um fluxo livre e contínuo de mercadorias mas potencialmente acarretando uma dissociação no que respeita às áreas consideradas de interesse para a segurança nacional. Globalmente, as perspetivas são confusas e marcadas pela incerteza, não seguindo um processo linear.

economic factors. The ongoing debate on deglobalisation and the emergence of more regional patterns may result in a split, allowing a continued free flow of goods but potentially involving decoupling in areas deemed of national security interest. Overall, the outlook is expected to be messy and uncertain rather than following a predictable process.



Imag. 12

A Europa e os Estados Unidos têm abordagens diferentes em relação às relações comerciais e económicas, particularmente no que diz respeito à China, uma vez que a abordagem europeia é mais matizada e flexível; no entanto, em relação à tecnologia existem muitas preocupações partilhadas. O modelo norte-americano é conhecido pelos seus princípios baseados no mercado que promovem a inovação tecnológica, enquanto o modelo europeu depende fortemente da regulamentação top-down, embora com menor sucesso. Em contrapartida, o modelo chinês, particularmente o enfoque na tecno-vigilância em apoio a regimes autoritários, não interessa aos Estados Unidos, à Europa e a

Europe and the US have different approaches on trade and economic relations, particularly regarding China, as the European approach is more nuanced; nevertheless, the field of technology offers many shared concerns. The US model is noted for its market-based principles fostering technological innovation, while the European model heavily relies on top-down regulation, being less successful. In contrast, the Chinese model, particularly with its focus in techno-surveillance that supports authoritarian regimes, is not of interest for the US, Europe, and others. In this regard, it is crucial to be clear about the stance against such practices.

outros países. A este respeito, é fundamental que exista clareza sobre a posição contra tais práticas.

Foram também mencionados desafios dentro da própria União Europeia, os quais têm impacto na forma como se abordam as questões de segurança. Embora tenham sido levantadas dúvidas sobre a atualidade da Bússola Estratégica da UE após a eclosão da guerra na Ucrânia, tendo em conta a liderança da NATO neste processo, Elena Lazarou considerou que é relevante existir um documento com uma noção concreta do que precisa de ser feito, sujeito à revisão pelos Estados-Membros, e que sirva de base de referência para estratégias futuras, como é o caso da estratégia de segurança marítima e da estratégia espacial e de defesa.

Challenges within the European Union itself were also mentioned, which have an impact on the way security issues are approached. Although doubts have been raised about the adequacy of the EU Strategic Compass after the war in Ukraine, taking into account NATO's leadership in this process, Elena Lazarou considered that it is relevant to have a document with a concrete sense of what needs to be done, subject to review by Member States, and which serves as a reference basis for future strategies, such as the maritime security strategy and the space and defence strategy.



Imag. 13

Por outro lado, prevalecem divisões internas na UE e tendências políticas preocupantes, como a ascensão da extrema-direita e a possibilidade de se vir a aprofundar o modelo da "Europa Fortaleza", o que teria consequências significativas para as relações da Europa com o resto do mundo. Tal como sublinhado por Rosa Balfour, existe uma contradição entre estas tendências prevaletentes no plano político (incluindo forças eurocéticas) e a natureza da UE, que historicamente tem sido de convergência e procura de compromissos.

Furthermore, there are internal divisions within the EU and worrying political trends, such as the rise of the far right and the possibility of going further on a "Fortress Europe" model, which would have significant consequences for Europe's relations with the rest of the world. As emphasised by Rosa Balfour, there is a contradiction between these trends prevailing from a political point of view (including euro-sceptic forces) and the nature of the EU which has historically always been one of convergence and compromise seeking.

A guerra na Ucrânia, enquanto epicentro da mudança global, tem tido impacto noutros desafios globais, como a luta contra as alterações climáticas, e também nas relações com o mundo em desenvolvimento.

Na UE, têm aumentado as discrepâncias entre aquilo que são as ações unilaterais, por um lado, e o envolvimento e inclusão a nível multilateral, por outro, o que suscita críticas sobre a forma como a Europa se apresenta a nível global. Existe um forte discurso retórico na UE sobre o envolvimento com o resto do mundo numa base de parceria, enquanto se verifica, simultaneamente, uma securitização das relações, bem como uma forte ênfase na prevenção da imigração e na parceria com Estados que possam agir como "polícias" para a Europa.

Se a Europa não conseguir interligar, de forma analítica e estratégica, os seus desafios políticos internos com o contexto global, estas contradições poderão persistir e levar a uma perda de apoio em fóruns internacionais como as Nações Unidas. Isto ocorre num momento em que a Rússia e a China intensificam a sua diplomacia e os investimentos internacionais. Como salientou Elena Lazarou, trata-se, em última análise, de gerir o declínio relativo do Ocidente. É crucial definir como o gerir de forma eficaz, preservar o que realmente funciona, e tornar estes processos mais inclusivos e partilhados também por outros.

Rosa Balfour mencionou algumas das razões pelas quais o Sul Global não se tem alinhado de forma uniformizada com a posição ocidental, nomeadamente no que diz respeito às sanções sobre a Rússia e à guerra na Ucrânia. Estes fatores são analisados no relatório da Carnegie Europe "Southern Mirror". Por exemplo, a suposta missão da UE de salvar o mundo das alterações climáticas é vista como hipócrita em alguns países, como a Indonésia ou o Brasil, no que respeita, respetivamente, ao óleo de palma e à Amazónia. É importante reconhecer que os debates sobre estas questões também estão a acontecer noutras partes do mundo, não apenas na Europa ou segundo a perspetiva europeia. Além disso, as opiniões sobre a Europa são ainda profundamente influenciadas pela experiência colonial de muitos países. Para se relacionarem com os diversos interesses dos seus parceiros no Sul Global, é fundamental que os europeus compreendam as perspetivas diferenciadas existentes sobre o comércio, a migração e a segurança, e formulem políticas em conformidade.

A reação e a postura vocal que tem sido assumida pelo chamado Sul Global, ou os países não-ocidentais, à guerra em curso reflete o desejo que estes países têm expressado há algum tempo, de terem uma voz no plano internacional. A UE e, possivelmente também, os Estados Unidos, deveriam refletir e discutir seriamente esta questão, indo para além das meras declarações de parceria e de colaboração igualitária. As implicações externas das políticas internas da UE e dos Estados Unidos nestes países devem ser tidas em conta, e a diplomacia e outras ferramentas devem ser eficazmente utilizadas para apoiar e mitigar esses impactos. A não resolução destas questões pode resultar num problema substancial, especialmente porque o mundo desenvolvido

The war in Ukraine, as an epicentre for global change, has had an impact on other global challenges, such as the fight against climate change, and also on relationships with the developing world.

In the EU, contradictions are rising between unilateral actions, and multilateral engagement and inclusivity, which leads to criticism of how Europe presents itself globally. There is a lot of rhetoric in the EU about engaging with the rest of the world on a partnership basis, while a securitisation of relations is witnessed, as well as a strong emphasis on preventing immigration and partnering with states that act "as police" for Europe.

If Europe fails to connect its internal political challenges with the global context analytically and strategically, these contradictions will persist and potentially lead to a loss of support in international forums like the United Nations. This occurs at a time when Russia and China are intensifying their international diplomacy and investments. As pointed out by Elena Lazarou, this is ultimately about managing the relative decline of the West. It is crucial to manage it effectively, preserve what works, and make processes more inclusive and shared by others as well.

Rosa Balfour mentioned some of the reasons why the Global South does not uniformly align with the Western position, namely regarding sanctions to Russia and the war in Ukraine. These factors are also analysed in the Carnegie Europe report "Southern Mirror". For instance, the EU's perceived mission to save the world from climate change is viewed as hypocritical in certain countries, like Indonesia and Brazil, because of the palm oil and the Amazon issues, respectively. It is important to recognise that debates on these issues are also taking place in other parts of the world, not only in Europe or from a European perspective. Additionally, views on Europe are still deeply influenced by the colonial experience of many countries. To address the diverse interests of their Global South partners, it is crucial for Europeans to understand the nuanced perspectives on trade, migration, and security, and formulate policies accordingly.

The reaction and vocal stance taken by the so-called Global South, or non-Western countries, to the ongoing war reflects the desire that these countries have expressed for some time, to have a voice at the international level. The EU, and possibly also the US, should reflect and engage in serious discussions about this, moving beyond declaratory statements of partnership and equal collaboration. External implications of internal EU and US policies on these countries should be considered, and diplomacy and other tools should be effectively deployed to support and mitigate those impacts. Failing to address these issues may result in a substantial problem, particularly as the developed world pursues green and digital objectives at a time of inflation and declining development aid budgets, thereby creating additional challenges in other parts of the world.

prossegue objetivos verdes e digitais em contextos inflacionários e de declínio dos orçamentos de ajuda ao desenvolvimento, contribuindo para criar dificuldades adicionais noutras partes do mundo.

No geral, a prossecução de uma reforma do multilateralismo neste cenário geopolítico é particularmente desafiadora, e os oradores consideraram que se perdeu uma oportunidade importante no passado recente. Há uma sensação generalizada de decepção quando se compara a situação atual com a de há cerca de uma década, quando existia um sentimento de otimismo em relação às potências emergentes, ao crescimento do PIB e às mudanças sociais e tecnológicas no Sul Global. Nessa altura, parecia existir um momento favorável para a reforma do multilateralismo, com mais possibilidades e opções num mundo multipolar. A situação atual não corresponde, de todo, ao potencial de mudança positiva que se perspetivava há uma década.

Overall, reforming multilateralism under this geopolitical landscape is particularly challenging, and speakers considered that a significant opportunity in the recent past has been lost. There is a sense of disappointment when comparing the current situation to a decade ago, when there was a sense of optimism regarding emerging powers, GDP growth, and social and technological changes in the Global South. At that time, there seemed to exist a favourable momentum for reforming multilateralism, with more possibilities and options in a multi-polar world. The current state of affairs does not live up to the potential for positive change that was envisioned a decade ago.



Imag. 14 - 15

Maria Raquel Freire | Rosa Balfour

Veja o vídeo

Watch the video



Segurança da Europa do Indo-Pacífico

GUERRA NA WAR IN EUROPE

Security from Europe to the Indo-Pacific

LISBOA 3 MAR 23

ROSA BALFOUR



ELEA LAZAROV

RUSSIA → UKRAINE



SECURITY

= E.U. =
SECURITY HAS ALWAYS BEEN THERE

NOW... WE NEED TO DEFEND IT!

CONCEPT IS CHANGING

MENTALITY IS CHANGING

EVERYTHING

IS RELATED TO SECURITY

FOREIGN AND SECURITY POLICIES

ARE CONNECTED!

PEOPLE PERCEIVE CHINA AS A THREAT, AS BIG AS RUSSIA

COOPERATION E.U.-U.S.A. IS FUNDAMENTAL

SANCTIONS COORDINATION TOO...

SHORT AND LONG TERM DISCUSSION IS NECESSARY

THE WAR IS IN EUROPE...

BUT IT'S THE EPICENTER OF A GLOBAL TRANSFORMATION!

COMMUNITY IS MOBILIZED

DIFFERENT RELATIONS WITH RUSSIA

EU NEEDS TO CONNECT WITH THE REST OF THE WORLD...

... BUT THEY DON'T SEE THE PROBLEM THE SAME WAY

FINANCE
POLICIES
ENERGY
MILITAR
ECONOMY

ALL IS TAKEN IN ACCOUNT

TECHNOLOGY
CYBER SECURITY
INDUSTRY

THIS BRIDGE MAY DEPEND ON THE ELECTIONS AND PRESIDENT OF THE UNITED STATES

NATO



Parceria Partnership

Apoio Institucional Institutional Support



EUROPA

MARIA RAQUEL FREIRE

SINAN ÜLGEN



WHAT HAS CHANGED FOR EU?

WHAT ARE NOW THE BIG QUESTIONS?



FEW PEOPLE BELIEVED RUSSIA WILL ATTACK



UNITED RESPONSE AGAINST RUSSIA

RUSSIA DIDN'T BELIEVE THAT EUROPE AND THE WORLD WILL UNITE!
REALLY!

US SHOULD ASK EUROPE TO DO MUCH MORE ...



NEED TO RETHINK

EFFORTS
ASSETS
RESOURCES



IT WAS NOT A NATO ISSUE... NOW IT IS!

YES, IN TERMS OF SECURITY

IS U.S. REALLY INDISPENSIBLE? THEY PROMOTED GLOBALISATION AND CAN THEY END IT

WE NEED TO REVISIT SOME INITIATIVES... AND RETHINK POLICIES

US IS LEADING BUT THAT'S NOT OF THE INTEREST OF ASIAN AN EU COUNTRIES...

US HAS TO ALIGN WITH THE EU.

TURKEY NEEDS TO HAVE A FUNCTIONAL RELATION WITH RUSSIA... DUE TO GEOGRAPHY



THE "LUXURY" OF IMPLEMENT ALL SANCTIONS TO RUSSIA? NO!

TURKEY NOT CONSULTED!



BALANCE IS NOT EASY...

RIGHT WING PARTIES... WHEN IT COMES TO UKRAINE RECONSTRUCTION

IT'S IMPORTANT THAT EUROPEANS LEARN...

SWEDEN AND FINLAND IN (THE EU) NATO

THEY ARE THERE!

PURSUING THE GOALS OF DIFFERENT COUNTRIES IS A CHALLENGE...

WAR IN UKRAINE AND IMPACTS ON THE CLIMATE CHANGE POLICIES

OPEN DIALOGUE WITH THE REST OF THE WORLD IS KEY!

HOW TO MANAGE? THE EFFECTS

THERE IS A GLOBAL CONSTELLATION

DANIEL
UPSIDEUP.PT

03

Segurança no Indo-Pacífico

Security in the Indo-Pacific



03

Segurança — no Indo-Pacífico

Security — in the Indo-Pacific

Oradores — Speakers

Jomo Kwame Sundaram

Académico Visitante
no Khazanah Research
Institute, antigo Diretor-Geral
Adjunto das Nações Unidas,
Kuala-Lumpur

Sundaram Visiting Senior
Fellow at the Khazanah
Research Institute, former UN
Assistant-Secretary General,
Kuala-Lumpur

Yoko Iwama

Diretora do Programa
de Estudos Estratégicos
do Instituto Nacional de
Graduação em Estudos
Políticos (GRIPS), Tóquio

Director of the Strategic
Studies Programme of the
National Graduate Institute for
Policy Studies (GRIPS), Tokyo

Richard Higgott

Professor Emérito de
Diplomacia do Centro de
Segurança, Diplomacia
e Estratégia (CSDS) da
Escola de Governação de
Bruxelas, Bruxelas

Distinguished Professor of
Diplomacy at the Centre
for Security, Diplomacy and
Strategy (CSDS) of the Brussels
School of Governance, Brussels

Luis Tomé

Diretor do Departamento de
Relações Internacionais da
Universidade Autónoma de
Lisboa, Lisboa

Director of the International
Relations Department of the
Universidade Autónoma de
Lisboa, Lisbon

PT

Que conflitos e disputas são mais cruciais para a estabilidade das regiões do Indo-Pacífico? Qual o impacto desses conflitos e disputas na segurança internacional?

03.1 - A transição do enfoque económico para o estratégico na região do Indo-Pacífico

O conceito de Indo-Pacífico não é novo, mas o seu ressurgimento nos últimos tempos está ligado, principalmente, à maior proeminência de questões de segurança e à relevância geopolítica da região.

Luis Tomé salientou que foi nesta região que se assistiu à proliferação nuclear desde o fim da dupla Guerra Fria - Índia e Paquistão em 1998, e Coreia do Norte desde 2006. Praticamente todas as potências

ENG

Which conflicts and disputes are crucial in (and for) the stability of the Indo-Pacific regions? How do these regional conflicts and disputes interact with international security?

03.1 - A shift from an economic to a strategic focus in the Indo-Pacific region

The concept of the Indo-Pacific is not new, but its resurgence in recent times is mainly linked to the greater prominence of security issues, in conjunction with the region's increasing global geopolitical relevance.

Luis Tomé highlighted that it was in this region that nuclear proliferation has been witnessed since the end of the double Cold War - India and Pakistan in 1998, and North Korea since 2006. All resident powers

residentes têm fronteiras indefinidas por disputas territoriais com países vizinhos, como é o caso da Índia, Paquistão, China, Vietname, Filipinas, Malásia, Taiwan, Coreia, Japão e Rússia. Existem ainda hotspots que perturbam a segurança e a estabilidade internacional, nomeadamente Caxemira, as várias disputas territoriais entre a Índia e a China, o mar do sul da China, Taiwan, a Península Coreana, e vários problemas de segurança ambiental, económica e energética.

É possível que, segundo vários especialistas, assistamos à balkanização da região no século XXI e que o Indo-Pacífico seja o berço das novas guerras de carácter mundial, à semelhança do que foi a Europa no século XX, não obstante o principal conflito com impacto global esteja precisamente na Europa. Assim, apesar de a região ser marcada por diversas rivalidades e competição, por insegurança e disputas territoriais, tem conseguido manter uma paz relativa, resultando numa situação paradoxal que pode ter várias razões, desde fatores geopolíticos a fatores culturais.

As raízes históricas do conceito de Indo-Pacífico, como referido por Jomo Kwame Sundaram, remontam há mais de um século, quando um pensador alemão sugeriu a ideia de união entre os oceanos Índico e pacífico como uma forma alternativa de pensar o mundo e as suas esferas de influência. A forma como o Indo-Pacífico é percecionado atualmente radica em iniciativas anteriores, como as iniciadas por Wolfowitz em 1992 e mais tarde sublinhadas pela orientação de Barack Obama para a Ásia, esforços estes que visavam isolar geopoliticamente a China.

have undefined borders due to territorial disputes with neighbouring countries, as is the case with India, Pakistan, China, Vietnam, Philippines, Malaysia, Taiwan, Korea, Japan and Russia. There are also hotspots that disrupt international security and stability, namely Kashmir, the various territorial disputes between India and China, the South China Sea, Taiwan, the Korean Peninsula, as well as serious problems of environmental, economic and energy security.

According to several experts, there is potential for the balkanisation of the region in the 21st century, the Indo-Pacific being the cradle of new global wars, similar to what the 20th century represented for Europe, even though the main current conflict with global impact is precisely in Europe. Thus, despite various rivalries and competition, insecurity and territorial disputes, a relative peace in the region has been maintained, resulting in a paradoxical situation that may have several reasons, from geopolitical to cultural factors.

The historical background of the Indo-Pacific concept, as mentioned by Jomo Kwame Sundaram, dates back more than a century ago, when a German thinker suggested the idea of a union between the Indian and Pacific oceans as an alternative way of thinking about the world and its spheres of influence. The way the Indo-Pacific is currently perceived builds upon earlier initiatives, such as those initiated by Wolfowitz in 1992 and later emphasised by Obama's pivot to Asia, whose efforts aimed to isolate China geopolitically.



No entanto, acontecimentos recentes, como a invasão da Ucrânia pela Rússia, desviaram a atenção do Indo-Pacífico em Washington, levando a uma reflexão pouco clara sobre a sua importância estratégica. Recentemente, uma reunião da ASEAN nos Estados Unidos sublinhou esta incerteza, uma vez que os líderes do Sudeste Asiático não puderam realizar reuniões individuais com o Presidente Biden e foram simplesmente anunciados como parte da comunidade Indo-Pacífico.

Jomo Kwame Sundaram considerou que a aplicação do conceito de Indo-Pacífico enquanto elemento agregador ao nível do enquadramento económico e de integração regional tem esbarrado com dificuldades. As nações do Sudeste Asiático precisam de um melhor acesso aos mercados e de uma redução das discriminações, especialmente no que diz respeito ao mercado norte-americano, mas a agregação num quadro Indo-Pacífico não se tem revelado muito útil na geração de resultados concretos.

Até ao presente, as principais iniciativas situam-se na Ásia Oriental e não contam com a participação da Índia. Embora tenham existido tentativas de envolver a Índia em iniciativas como a Parceria Económica Regional Abrangente (RCEP, na sigla inglesa), esta retirou-se das negociações. Outros esforços como o Quad (uma parceria diplomática entre a Austrália, a Índia, o Japão e os Estados Unidos) pretendem envolver a Índia na luta contra a influência da China, embora prevaleça no Sudeste Asiático uma arquitetura com vários níveis, com o primeiro nível incluindo não apenas os Estados Unidos, mas também o Reino Unido e a Austrália através do acordo AUKUS, causando atritos com outros aliados como a França. No geral, verifica-se também uma falta de união entre os Estados Unidos e os seus aliados da NATO no que diz respeito à estratégia para o Indo-Pacífico, refletindo as complexidades do atual cenário geopolítico.

As considerações estratégicas têm estado em primeiro plano no Indo-Pacífico, como demonstrado no caso do Quadro Económico do Indo-Pacífico. Este parece quase uma reflexão tardia, tendo em conta que um dos quatro elementos deste quadro económico, a liberalização comercial, foi rejeitado pela Índia e que nenhum dos quatro inclui o acesso aos mercados. Consequentemente, não é muito atrativo em comparação com iniciativas como a Parceria Transpacífico (PTP), que oferecia acesso aos mercados. No entanto, tanto Donald Trump como Joe Biden consideraram-na inaceitável, sinalizando um sentimento muito forte sobre as vulnerabilidades e interesses dos próprios Estados Unidos. Kurt Campbell, uma figura chave nos Estados Unidos na articulação da estratégia para o Indo-Pacífico, também tinha defendido a PTP. O fracasso dessa iniciativa pode ter sido um fator crucial para a necessidade de desenvolver uma estratégia alternativa, que pudessem refletir o cenário geopolítico em mutação, conduzindo assim a uma maior ênfase no Indo-Pacífico.

Yoko Iwama considerou que o Japão criou a ideia de Indo-Pacífico, porque o conceito de um Indo-Pacífico livre e aberto está ligado à figura

However, recent events, such as Russia's invasion of Ukraine, have diverted attention away from the Indo-Pacific in Washington, leading to unclear thinking about its strategic importance. A recent ASEAN meeting in the US underscored this haziness, as Southeast Asian leaders were not granted one-on-one meetings with President Biden and were simply announced as part of the Indo-Pacific community.

Jomo Kwame Sundaram considered that the application of the Indo-Pacific concept as an aggregating element in terms of the economic framework has encountered difficulties. Southeast Asian nations require improved market access and reduced discrimination, especially regarding the US market, but the aggregation into an Indo-Pacific framework has not proven very useful in generating concrete results.

So far, the various initiatives have targeted East Asian and have not involved India. While there have been attempts to involve that country in initiatives like the Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP), India withdrew from negotiations, excluding itself from the initiative. Efforts like the Quad (a diplomatic partnership between Australia, India, Japan, and the United States) aim to engage India in countering China's influence, but in Southeast Asia there is a two-tier architecture, with the first tier including not only the US but also the UK and Australia through the AUKUS arrangement, causing friction with other allies like France. Overall, there is also a lack of unity among the US and its NATO allies regarding the Indo-Pacific strategy, reflecting the complexities of the current geopolitical landscape.

Strategic considerations have been foremost in the Indo-Pacific, such as in the Indo-Pacific Economic Framework (IPEF). It seems almost like an afterthought, considering that one of the four elements of the IPEF, trade liberalisation, has been rejected by India, and none of the four includes market access. Consequently, it is not very attractive compared to initiatives like the Trans-Pacific Partnership (TPP), which offered market access. However, both Donald Trump and Joe Biden deemed it unacceptable, signalling a very strong sense of US's own vulnerabilities and interests. Kurt Campbell, a key figure in the US in articulating the Indo-Pacific strategy, also championed the TPP. The failure of the latter may have been a crucial factor in the need to develop an alternative strategy, which could reflect the evolving geopolitical landscape, thereby leading to a greater focus on the Indo-Pacific.

Yoko Iwama considered that Japan was the originator of the idea of Indo-Pacific, because the free and open Indo-Pacific concept is bound up with the political figure of Shinzo Abe, Prime Minister in 2006-2007 and in 2012-2020. In this second period he was able to implement his vision about Japan being self-sufficient, confident, and flourishing again in Asia. This is based on the tradition in Japanese politics of a nationalism that pursues the capacity of the country to defining its own identity and security, pulling back the gravity from the middle of the Pacific Ocean towards itself, and putting itself in the centre of the world.

política de Shinzo Abe, primeiro-ministro em 2006-2007 e em 2012-2020. Nesse segundo período, teve a possibilidade de implementar a sua visão sobre um Japão autossuficiente, confiante e que floresceria novamente na Ásia. Isto baseia-se na tradição da política japonesa ligada a um nacionalismo que preconiza a capacidade do país para definir a sua identidade e segurança própria, mudando o centro gravitacional do meio do Oceano Pacífico e colocando-se no centro do mundo. O conceito evoluiu a partir de ideias precedentes, como o Asia's Democratic Security Diamond, para a ideia de um Indo-Pacífico livre e aberto a partir de 2016, em que se preconiza uma versão alargada que incluía também África, na costa do oceano Índico.

The concept has evolved from earlier ideas like Asia's Democratic Security Diamond to the idea of a free and open Indo-Pacific from 2016 onwards, an extended version of which also including Africa, on the edge of the Indian ocean.



Imag. 17

Nesse sentido, o Indo-Pacífico é uma ideia intencionalmente vaga e ambígua do ponto de vista geográfico, porque ninguém sabe onde começa ou onde termina, contrastando com as fronteiras objetivamente delineadas de instituições como a NATO ou a UE. Em vez disso, evita intencionalmente traçar limites e visa uma segurança abrangente que abranja aspetos diplomáticos, económicos e sociais.

Sem descurar os desafios colocados pela China, o conceito não se afirma contra ninguém para fins de competição, mas emerge como um quadro de cooperação aberto a quem quiser aderir. Tem resultado numa multiplicidade de redes e parcerias sobrepostas, adaptando-se assim à realidade regional – porque há muitos países na região que querem manter abertas as relações tanto com os Estados Unidos como com a China, tentando, o mais possível, evitar escolher um ou outro. A sua abordagem aberta e flexível reflete a visão do Japão sobre o que deve ser a estabilidade e a cooperação regional.

In that sense, the Indo-Pacific is an intentionally vague and ambiguous geographical idea, because no one knows where it starts and where it ends, contrasting with the delineated boundaries of institutions like NATO or the European Union. Instead, it intentionally avoids drawing lines and aims for comprehensive security encompassing diplomatic, economic, and social aspects.

While addressing challenges posed by China, the concept does not assert itself against anyone for competition purposes but rather emerges as an open framework of cooperation with anyone who wants to join. It results in a multitude of overlapping networks and partnerships, thereby adapting to the reality of the region – because there are many countries in the region who want to keep open the relationship to both the US and China and try to avoid choosing one or the other, as long as possible. Its open and flexible approach reflects Japan's vision of regional stability and cooperation.

Será agora interessante ver como evolui a política externa japonesa nos próximos tempos. A remilitarização do Japão no regime de Abe Shinzo suscitou críticas no Sudeste Asiático e noutros locais. O atual primeiro-ministro do Japão, Fumio Kishida, pode não ser tão antagónico em relação à China como os seus antecessores, como salientou Jomo Kwame Sundaram.

It will now be interesting to see how Japanese foreign policy evolves in the near future. The remilitarisation of Japan under Abe Shinzo has garnered criticism in Southeast Asia and beyond. The current Prime Minister of Japan, Fumio Kishida, may not be as antagonistic towards China as his predecessors, as pointed out by Jomo Kwame Sundaram.

“Quando falamos de diplomacia livre e aberta no Indo-Pacífico, não se trata apenas do plano militar, mas também da dimensão civil, social, da dimensão legal e jurídica, e até da dimensão cultural. Tudo cabe neste âmbito, e é essa a utilidade do conceito. Tentamos intencionalmente apresentá-lo como uma ideia cooperativa, não contra ninguém para fins de competição, mas como um quadro de cooperação com quem queira juntar-se a nós.”

“When we talk about free and open Indo-Pacific diplomacy, it is not only about military, but also about civilian, social, legal dimensions that come together, it is even about cultural aspects. Everything can be put into this basket, and that is the usefulness of the concept. We intentionally try to present it as a cooperative idea, not against anyone for competition purpose, but as a framework for cooperation with whomever wants to join us.”

Yoko Iwama

Richard Higgott destacou a transição de conceitos como o de Ásia-Pacífico para Indo-Pacífico, sendo a mudança crucial o facto de este último ser agora, principalmente, um conceito de regionalismo baseado na segurança. Embora a Ásia-Pacífico, vista através de uma perspetiva ocidental, se centrasse quase exclusivamente na economia política, existe atualmente uma perspetiva estratégica proeminente no discurso regional, devido a uma combinação de vários fatores económicos e políticos.

Richard Higgott highlighted the shift from concepts like Asia-Pacific to Indo-Pacific, the crucial change being that the latter is now primarily a concept of security regionalism. While the Asia-Pacific viewed through a Western lens was almost exclusively focused on political economy, there is now a prominent strategic perspective in regional discourse, due to both economic and political factors.



Uma das explicações está ligada ao contexto global, caracterizado por uma reação contra a globalização, pela ascensão do populismo, do nacionalismo e das políticas de identidade, e pelos desafios colocados à democracia e à atual ordem internacional baseada em regras. Além disso, a evolução da natureza da competição entre os Estados Unidos e a China desempenhou um papel significativo. Inicialmente centrada em questões comerciais, que foram proeminentes na administração Trump, esta competição escalou para uma “militarização” dos instrumentos económicos, uma estratégia que continuou e se intensificou sob a administração Biden. Fatores como a inteligência artificial, a concorrência digital e a iminente guerra dos chips moldaram ainda mais o Indo-Pacífico como uma aceção estratégica do regionalismo, ultrapassando a mera perspectiva económica.

03.2 - Alianças na região e ligações aos equilíbrios geopolíticos globais

As dinâmicas no Indo-Pacífico são influenciadas pelos conflitos que rodeiam a região e pela evolução geopolítica a nível global, em especial pela rivalidade atual entre Estados Unidos e China.

Embora alguns possam comparar a competição EUA-China ao período da Guerra Fria, existem diferenças significativas, de acordo com Richard Higgott. A China é estruturalmente mais forte do que a Rússia alguma vez foi, enquanto parte de uma economia global altamente interdependente. Um dos grandes mitos das relações internacionais era que a crescente interdependência económica reduziria as tensões políticas e de segurança no mundo, mas isso não aconteceu, e a independência tecnológica entre os Estados Unidos e a China aumentou o potencial de conflito e de guerra económica. Existe agora uma ordem mundial confusa e bifurcada, e não aquilo que John Mearsheimer, um realista americano, denomina de duas ordens delimitadas e distintas. Nesta ordem, as duas superpotências encaram a interdependência mútua como uma vulnerabilidade e não como uma força. O processo de dissociação em curso está a exacerbar as fricções, não só entre as superpotências, mas também entre os seus aliados e os países dentro das suas esferas de influência.

No que diz respeito à questão estratégica militar, existem também grandes diferenças entre a Guerra Fria e a atual competição militar EUA-China. A presente rivalidade é principalmente de natureza naval e centrada no Indo-Pacífico, mas ao contrário da Guerra Fria, a contestação militar marítima no Indo-Pacífico tem menos probabilidades de representar uma ameaça existencial para qualquer um dos estados.

Contudo, a política recente dos Estados Unidos (incluindo a atual estratégia de segurança nacional) sugere uma vontade não só de conter, mas também de degradar e reduzir a posição global da China, desejando o seu fracasso, particularmente entre certos setores da

One explanation is linked to the global context characterised by a backlash against globalisation, the rise of populism, nationalism, and identity politics, and challenges to democracy and the current international rules-based order. Additionally, the evolving nature of US-China competition has played a significant role. Initially centred on trade issues, which were prominent in Trump's administration, this competition has escalated to an “weaponisation” of economic tools, a strategy that has continued and intensified under the Biden administration. Factors such as artificial intelligence, digital competition, and the impending chip war have further shaped the Indo-Pacific as a strategic understanding of regionalism rather than merely an economic one.

03.2 - Alliances in the region and linkages with the global geopolitical balances

Dynamics in the Indo-Pacific are influenced by the conflicts surrounding the region and global geopolitical developments, especially the current rivalry between the US and China.

While some may liken the US-China competition to the Cold War period, there are significant differences, according to Richard Higgott. China, as part of a highly interdependent global economy, is structurally stronger than Russia ever was. One of the great myths of international relations was that growing economic interdependence would reduce political and security tension in the world, but that did not happen, and technological independence between the US and China has increased the potential for conflict and economic warfare. There is now a fuzzy, bifurcated world order, not what John Mearsheimer, an American realist, calls two bounded, distinct orders. In this order, the two superpowers view mutual interdependence as a vulnerability, not as a strength. The ongoing decoupling process is exacerbating frictions, not only between the superpowers but also among their allies and countries within their spheres of influence.

Regarding the military strategic issue, there are also major differences between the Cold War and the current US-China military competition. The current rivalry is primarily naval and focused on the Indo-Pacific, but unlike the Cold War, military contestation at sea in the Indo-Pacific is less likely to pose an existential threat to either state.

However, recent US policy (including the latest national security strategy) suggests a will of not only containing but also downgrading China's global standing and wishing for its failure, particularly among certain sections of the American policy community. This should not be desirable and may have unintended or unpredictable consequences. In addition, another factor of destabilisation is the juxtaposition of democracy versus autocracy, with the US promoting this narrative at

comunidade política americana. Isto não deveria ser desejável e poderá ter consequências nefastas ou imprevisíveis. Além disso, outro fator de desestabilização é a justaposição entre democracias versus autocracias, com os Estados Unidos a promoverem esta narrativa em fóruns como a Conferência de Segurança de Munique e outros. No entanto, tais dicotomias podem não produzir os resultados desejados e exigem cautela na sua aplicação.

Sublinhando também a falácia da divisão entre democracias e autocracias, Luís Tomé destacou que essa mensagem, originada principalmente nos Estados Unidos e na Europa, é vista como pouco atrativa e até repulsiva noutras partes do mundo, incluindo na Ásia. Analisando os 32 países que fornecem apoio militar à Ucrânia em todo o mundo, e os 36 que oferecem apoio militar e financeiro combinados, verifica-se que nessa lista não estão todos os membros da NATO, da União Europeia, ou os participantes do Grupo Ramstein. Além disso, as várias resoluções votadas na Assembleia Geral das Nações Unidas mostram uma ampla condenação à Rússia, tendo quase uma centena de países votado a favor, incluindo o Afeganistão e Myanmar, que não são democracias.

A dicotomia entre autocracias e democracias não é uma representação precisa da realidade ou uma categoria explicativa, uma vez que as visões sobre questões geopolíticas podem variar consideravelmente e são bastante mais complexas. Uma sondagem do European Council on Foreign Relations, realizada em 15 países em dezembro de 2022 e janeiro de 2023, revelou que as opiniões sobre a Rússia variam significativamente entre países, independentemente do regime político, sendo considerada por alguns como um rival ou adversário, e por outros como um aliado ou parceiro necessário. Por exemplo, à pergunta sobre o que é que a Rússia representa para o seu próprio país, 77% das pessoas no Reino Unido, 71% nos Estados Unidos e 66% da população da União Europeia disseram considerar a Rússia um país rival ou adversário, enquanto 80% na Índia, 79% na China e 69% na Turquia afirmaram ver a Rússia como um aliado ou um parceiro necessário.

Isto está ligado, em parte, a questões geopolíticas mais latas, nomeadamente o relacionamento com os Estados Unidos e a competição global deste com a China. Nesse sentido, a guerra na Ucrânia também pode ser percebida como uma proxy war entre os Estados Unidos e a China, ambos tentando consolidar as suas posições a nível global: por um lado, os Estados Unidos atuam na Ucrânia contra a Rússia mas tendo como alvo principal a China; por outro lado a China tenta posicionar-se como peacemaker global, tendo por objetivo, simultaneamente, evitar a derrota e o enfraquecimento da Rússia para manter o equilíbrio global de poder.

A este respeito, Jomo Kwame Sundaram sublinhou que embora haja pouca simpatia pela invasão russa da Ucrânia no Sudeste Asiático e mesmo no Sul Global em geral, existe também um amplo reconhecimento de que as ações da NATO, e particularmente da potência que a

forums like the Munich Security Conference and others. Nevertheless, such dichotomies may not yield the desired outcomes and require caution in their application.

Also highlighting the fallacy of the division between democracies and autocracies, Luís Tomé stressed that this message, originating mainly in the United States and Europe, is seen as unattractive and even repulsive in other parts of the world, including Asia. Analysing the 32 countries that provide military support to Ukraine around the world, and the 36 that offer combined military and financial support, one finds that the list does not include all members of NATO, the European Union or participants in the Ramstein Group. In addition, the various resolutions voted in the United Nations General Assembly show a broad condemnation of Russia, with almost a hundred countries voting in favour, including Afghanistan and Myanmar, which are not democracies.

The dichotomy between autocracies and democracies is not an accurate representation of reality or an explanatory category since views on geopolitical issues can vary considerably and are much more complex. A survey by the European Council on Foreign Relations, carried out in 15 countries in December 2022 and January 2023, revealed that opinions about Russia vary significantly between countries, regardless of the political regime, with some considering it as a rival or adversary, and others as a necessary ally or partner. For example, when asked what Russia represents for their own country, 77% of people in the United Kingdom, 71% in the United States and 66% in the European Union said they considered Russia a rival or adversary country, while 80% in India, 79% in China and 69% in Turkey said they see Russia as a necessary ally or partner.

This is partly linked to broader geopolitical issues, namely the relationship with the United States and its global competition with China. In this sense, the war in Ukraine can also be perceived as a proxy war between the United States and China, both trying to consolidate their positions at a global level: on the one hand, the United States operates in Ukraine against Russia but having China as its main target; on the other hand, China tries to position itself as a global peacemaker, aiming simultaneously to avoid the defeat and weakening of Russia to maintain the global balance of power.

In this regard, Jomo Kwame Sundaram underlined that while there is little sympathy for the Russian invasion of Ukraine in Southeast Asia and even in the Global South in general, there is also a broad recognition that NATO's actions, and particularly of its leading power, may have contributed to the conflict. This nuanced perspective influences current attitudes of many countries towards NATO's efforts. The war in Ukraine also influences dynamics of relations with China, contributing to increasing tensions and difficulties, as well as to Europe's evolving stance towards China (previously standing apart from the USA in that antagonism but currently with greater alignment against China).

lidera, podem ter contribuído para o conflito. Esta perspectiva com várias nuances tem influenciado as atitudes de muitos países em relação aos esforços da NATO. A guerra na Ucrânia também influencia a dinâmica das relações com a China, contribuindo para o aumento das tensões e dificuldades, bem como para a evolução da postura da Europa em relação à China (anteriormente demarcada dos Estados Unidos mas atualmente com um alinhamento maior contra a China).

É interessante analisar, igualmente, as iniciativas e alianças que surgiram recentemente na região e de que forma as dinâmicas globais e as políticas para o Indo-Pacífico interagem com essas iniciativas.

Luís Tomé salientou que o surgimento de iniciativas como o Quad e o AUKUS reflete, por um lado, a tendência crescente de “minilateralismo na região”. O minilateralismo surge como uma resposta às significativas limitações do multilateralismo na região da Ásia-Pacífico. Desde o fim da Guerra Fria, verifica-se uma proliferação massiva de organizações, mecanismos e organismos regionais, sub-regionais, inter-regionais e pan-regionais, os quais têm sido essencialmente fóruns de discussão que, na prática, têm pouco impacto na resolução de questões concretas.

It is also interesting to analyse the initiatives and alliances that have recently emerged in the region and how global dynamics and policies for the Indo-Pacific interact with these initiatives.

Luís Tomé underlined that the emergence of initiatives such as the Quad and AUKUS on the one hand mirror the growing trend of “minilateralism in the region”. Minilateralism emerges as a response to the significant limitations of multilateralism in the Asia-Pacific region. Since the end of the Cold War, there has been a massive proliferation of regional, sub-regional, inter-regional and pan-regional organisations, mechanisms and bodies, which have essentially been talking shops that in practice have little impact on responding to concrete issues.



As novas iniciativas refletem também o contexto regional de segurança e o sistema de alianças dos Estados Unidos na região da Ásia-Pacífico. Ao contrário da NATO ou da OSCE, não existe uma estrutura semelhante na Ásia-Pacífico, nem uma união regional comparável à União Europeia. Como forma de compensação, surgiram estes diversos mecanismos de “minilateralismo”. Além disso, existem inúmeros diálogos trilaterais, como o Five Eyes e suas extensões, como as alianças Nine Eyes e Fourteen Eyes. Embora esses mecanismos ofereçam vantagens em termos de flexibilidade e preservação da soberania e competências dos Estados, também apresentam riscos significativos, pois os arranjos “minilaterais” tendem a excluir mais do que incluir, e aqueles que se encontram excluídos tendem a reagir negativamente a essa exclusão.

Richard Higgott salientou que é muito difícil distinguir quando os decisores políticos americanos estão a discutir o Quad ou a estratégia Indo-Pacífico. Rex Tillerson, o Secretário de Estado norte-americano que abandonou o cargo num quadro de relações tensas com Donald Trump, perspetivou toda a região Indo-Pacífico, desde a costa leste de África até à costa do Pacífico dos Estados Unidos. Esta visão foi refinada por James Mattis, Secretário da Defesa, e o relatório do Conselho de Segurança Nacional de 2017, o único divulgado durante a administração Trump, deixou claro que o Indo-Pacífico era um subgrupo na estratégia de segurança americana mais ampla. Foi enfatizado que a ideia principal do Indo-Pacífico era priorizar um teatro onde os Estados Unidos pudessem manter a superioridade sobre a China.

Outros membros do Quad possuem opiniões diferentes. A Austrália adotou uma posição em relação ao Quad e ao Indo-Pacífico que agora se alinha com a dos Estados Unidos, embora não o fizesse anteriormente. Parte desta mudança deve-se à forma como a anterior administração liberal na Austrália se alinou com a administração Trump, refletindo percepções ideológicas dentro da administração Morrison. A Índia encara a iniciativa como uma oportunidade para se afirmar como uma grande potência na região do Pacífico, em resposta ao aumento da presença chinesa. A visão francesa do Indo-Pacífico também inclui o Oceano Antártico, para salvaguardar os seus interesses nessa zona do globo. Outra perspetiva assinalável é a tentativa britânica de integração nos assuntos do Oceano Índico, impulsionada pela sua visão de “Grã-Bretanha global” e com ênfase na Anglofonia.

O AUKUS, um acordo de segurança trilateral entre a Austrália, o Reino Unido e os Estados Unidos anunciado no final de 2021, visa principalmente fornecer submarinos com propulsão nuclear à Austrália, utilizando tecnologia norte-americana e produção britânica. Um dos elementos que diferencia o AUKUS é que representa uma iniciativa de segurança tangível, em vez de um mero diálogo de segurança, ao contrário de outras iniciativas na região.

A opinião pública na Austrália encontra-se dividida relativamente ao AUKUS, apesar da narrativa dominante apresentada pela imprensa de

Besides, the new initiatives equally reflect the regional security context and the US alliance system in the Asia-Pacific region. Unlike NATO or the OSCE, there is no similar structure in the Asia-Pacific, nor a regional union comparable to the European Union. These different mechanisms of “minilateralism” emerged as a way of compensating that. Furthermore, there are numerous trilateral dialogues, such as the Five Eyes and its extensions, such as the Nine Eyes and the Fourteen Eyes alliances. Although these mechanisms offer advantages in terms of flexibility and preservation of the State sovereignty and competences, they also present significant risks, as “minilateral” arrangements normally exclude more than they include, and those who find themselves excluded tend to react negatively to this exclusion.

Richard Higgott highlighted that it is very difficult to distinguish when American policymakers are discussing the Quad or the Indo-Pacific strategy. Rex Tillerson, the American Secretary of State who stepped down amid strained relations with Donald Trump, envisioned the entire Indo-Pacific region from the east coast of Africa through to the Pacific Seaboard of the United States. This vision was refined by James Mattis, Defence Secretary, and the 2017 National Security Council report, the only one released under the Trump administration, made it clear that the Indo-Pacific was a subset of wider American security strategy. It was emphasised that the principal idea of the Indo-Pacific was to prioritise a theatre where the US could maintain superiority over China.

Other actors within the Quad have differing views. Australia has adopted a stance on the Quad and the Indo-Pacific that now aligns with that of the United States, although it did not use to. Part of this shift is due to the way the previous liberal administration in Australia aligned itself with the Trump administration, reflecting ideological perceptions within the Morrison administration. India sees the initiative as an opportunity to assert itself as a major power in the Pacific region in response to increased Chinese presence. The French view of the Indo-Pacific also includes the Southern Ocean to safeguard its Antarctic interests. Another notable perspective is the British attempt to integrate into Indian Ocean affairs, driven by its vision of “global Britain” and an emphasis on the Anglosphere.

The AUKUS, a trilateral security agreement between Australia, the United Kingdom, and the United States announced in late 2021, aims primarily to provide nuclear-powered submarines to Australia, utilising US technology and British production. What sets AUKUS apart is that it represents a tangible security initiative rather than a mere security dialogue, unlike other initiatives in the region.

Public opinion in Australia is divided on AUKUS, despite the dominant narrative presented by the Murdoch press - which has led the China threat argument in Australia, and which has been particularly influential. Supporters portray AUKUS as a technological accelerator agreement aimed at leveraging emerging technologies such as quantum computing and artificial intelligence for military advantage, pointing to the insecurities and vulnerabilities in the region and also playing up

Murdoch - que liderou o argumento sobre a ameaça da China na Austrália e que tem sido particularmente influente. Os apoiantes da iniciativa retratam o AUKUS como um acordo de aceleração tecnológica que visa alavancar tecnologias emergentes, como a computação quântica e a inteligência artificial, para obter vantagens militares, apontando para as inseguranças e vulnerabilidades na região e também enfatizando a agressão chinesa. Em contrapartida, muitos especialistas sobre segurança manifestam preocupações sobre o AUKUS e os seus críticos argumentam que se trata de um pacto provocador que poderá desestabilizar a arquitetura de segurança do Indo-Pacífico sem fornecer uma função de dissuasão.

Além disso, o AUKUS tem implicações mais amplas no contexto da aliança ANZUS entre os Estados Unidos, a Austrália e a Nova Zelândia, a qual tem proporcionado aos Estados Unidos uma posição avançada na Ásia-Pacífico. Este é um tratado como a NATO, mas carece de uma disposição como o Artigo 5º, pelo que não existe garantia de defesa automática. Pode levantar-se a questão sobre a necessidade de a Austrália estar envolvida nesta iniciativa. A distância geográfica da Austrália relativamente ao Mar da China Meridional e ao Mar da China Oriental, combinada com as capacidades navais limitadas da China em águas distantes, poderia ter levado os decisores políticos australianos a optar por uma posição prudente, em que se abstivessem de se envolver nas disputas territoriais da região sem colocar em risco a segurança nacional. Ao fazê-lo, a Austrália poderia ainda ter como finalidade a de contribuir para um ambiente de maior cooperação entre os Estados Unidos e a China e de apoiar a restauração ou manutenção da estabilidade regional.

“O AUKUS é um exemplo empírico do que poderá ser uma atividade desestabilizadora na região. Penso que o papel da administração Biden como ator externo no Indo-Pacífico parece muito menos responsável e muito mais agressivo do que o papel que tem desempenhado adequadamente na Europa no último ano e meio.”

A política externa e o papel do Japão na região interligam-se com as relações entre o Japão e a Rússia, a China e os Estados Unidos. Yoko Iwama descreveu como Abe Shinzo tentou apresentar-se como o melhor amigo de Putin, tendo Vladimir Putin sido o líder estrangeiro com quem se reuniu com maior frequência. No entanto, isto teve um motivo profundamente nacionalista, porque o Japão ainda não possui um tratado de paz completo resultante da Segunda Guerra Mundial, particularmente com a Rússia, devido à disputa territorial existente sobre os Territórios do Norte. Abe Shinzo procurou solidificar o seu legado resolvendo esta questão e concluindo o capítulo da Segunda Guerra

Chinese aggression. By contrast, many senior security specialists have concerns about AUKUS and its critics argue that it is a provocative pact that may destabilise the security architecture of the Indo-Pacific without providing a deterrence function.

Furthermore, AUKUS has wider implications within the context of the ANZUS alliance between the US, Australia and New Zealand, which has provided the United States with a forward position in the Asia Pacific. This is a treaty like NATO without an Article 5 provision and therefore there is no guarantee of automatic defence. The question arises of the need for Australia to be involved in this initiative. Australia's geographical distance from the South China Sea and the East China Sea, combined with China's limited naval capabilities in distant waters could have allowed Australian policymakers to opt for a prudent position, in which they could refrain from involvement in the region's territorial disputes without jeopardising national security. In doing so, Australia could have still contributed to encourage cooperation between the US and China and support the restoration or maintenance of regional stability.

“AUKUS is an empirical example of what could be a destabilising activity in the region. I think that the Biden administration's role as an exogenous actor in the Indo-Pacific looks a lot less responsible and a lot more hawkish than the role that it has appropriately played in Europe in the last year and a half.”

Richard Higgott

Japan's foreign policy and role in the region interacts with its relations with Russia, China and the United States. Yoko Iwama described how Abe Shinzo attempted to portray himself as Putin's best friend, with Vladimir Putin being the foreign leader he met most frequently. However, this had a deeply nationalistic motive, because Japan still lacks a complete peace treaty from World War II, particularly with Russia, due to the ongoing territorial dispute over the Northern Territories. Abe Shinzo sought to solidify his legacy by resolving this issue and concluding the chapter of World War II – although he ultimately failed to achieve his goal. Even before the Russian invasion of Ukraine, prospects for resolving the

Mundial – embora não tenha conseguido atingir o seu objetivo. Mesmo antes da invasão russa da Ucrânia, as perspectivas de resolução dos problemas territoriais e de estabelecimento de um tratado de paz já eram modestas, e isso contribuiu para a disponibilidade imediata do Japão para condenar a invasão da Rússia e alinhar-se com as nações ocidentais.

Observa-se uma diferença significativa na resposta da Coreia do Sul aos acontecimentos geopolíticos e aos debates de segurança em curso, em comparação com o Japão. A Coreia do Sul demonstrou menos simpatia pela Ucrânia e concentrou-se mais no ressurgimento das capacidades nucleares norte-coreanas e no seu programa corrente de armas nucleares. Verifica-se um debate aceso sobre o potencial balanço nuclear na Península Coreana, incluindo propostas para a restabelecimento de armas nucleares táticas americanas ou mesmo o desenvolvimento das capacidades nucleares nacionais da própria Coreia do Sul. É de assinalar que mais de 70% da população coreana apoia alguma forma de capacidade nuclear para o seu país, o que contrasta com o Japão, onde tais sentimentos não são tão predominantes.

No mandato do primeiro-ministro Fumio Kishida, o Japão tem preconizado uma redefinição da sua estratégia de segurança nacional. Em Dezembro de 2022, o Japão divulgou três documentos de segurança que, pela primeira vez na história do pós-guerra, definiram claramente a sua segurança em termos militares, sublinhando a importância de o Japão possuir a capacidade militar necessária para se defender de forma independente. Apesar do aumento notável da militarização, contudo, a abordagem do Japão continua a basear-se em princípios de segurança abrangente e de multilateralismo. Isto reflete-se nas parcerias, particularmente na divisão do trabalho entre os Estados Unidos e o Japão em questões de segurança, nas quais o Japão continua a reconhecer e a confiar na credibilidade da dissuasão alargada fornecida pelos Estados Unidos, mantendo ao mesmo tempo as suas capacidades convencionais.

Um outro assunto relevante com implicações na segurança da região é Taiwan, que se interliga com o quadro atual da invasão russa na Ucrânia, como referido por Luís Tomé. A posição inicial de Joe Biden de que os Estados Unidos e a NATO não iriam intervir devido à Ucrânia não ser membro da NATO, foi depois compensada quando afirmou que os Estados Unidos interviriam caso a China realizasse uma agressão similar contra Taiwan. Contudo, isto levanta um problema: enquanto a Ucrânia é um país soberano e membro das Nações Unidas, Taiwan não é reconhecido como um país soberano pela maioria dos países, incluindo os Estados Unidos.

O presidente Xi Jinping expressou o desejo de completar a unidade da China pela integração de Taiwan, verificando-se também uma urgência de tempo devido às divisões políticas e tendências demográficas dentro de Taiwan. O tempo está a favor daqueles que desejam a

territorial problems and establishing a peace treaty seemed bleak, and this influenced Japan's readiness to condemn Russia's invasion and align with Western nations.

A notable contrast can be observed in South Korea's response to geopolitical events an ongoing security debates compared to Japan. South Korea has shown less sympathy towards Ukraine and has focused more on the resurgence of North Korean nuclear capabilities and its present nuclear weapons programme. There is a vocal discussion regarding potential nuclear balance on the Korean Peninsula, including proposals for the restationing of American tactical nuclear weapons or even the development of South Korea's own national nuclear capabilities. It is noteworthy that more than 70% of the Korean population reportedly supports some form of nuclear capability for their country. This stands in contrast to Japan, where such sentiments are not as prevalent.

Under Prime Minister Fumio Kishida, Japan has witnessed a redefinition of its national security strategy. In December 2022, Japan released three security documents that, for the first time in postwar history, clearly defined its security in military terms, underscoring the importance of Japan possessing the military capability to defend itself independently. However, despite the notable increase in militarisation, Japan's approach remains grounded in principles of comprehensive security and multilateralism. This is reflected on partnerships, particularly the division of labour between the United States and Japan in security matters, in which Japan continues to acknowledge and rely on the credibility of the extended deterrence provided by the United States, while also maintaining its conventional capabilities.

Another relevant issue with implications for the region's security is Taiwan, which is interconnected with the current situation of the Russian invasion of Ukraine, as stressed by Luís Tomé. Joe Biden's initial position that the United States and NATO would not intervene due to Ukraine not being a member of NATO, was later compensated when it stated that the United States would intervene if China carried out a similar aggression against Taiwan. However, this raises a problem: while Ukraine is a sovereign country and a United Nations member, Taiwan is not recognised as a sovereign country by most countries, including the United States.

President Xi Jinping has expressed a desire to complete China's unity through the integration of Taiwan, and there is also a sense of urgency due to political divisions and demographic trends within Taiwan. Time benefits those who want Taiwan's independence, as the Taiwanese population is growing while the Chinese population in Taiwan is shrinking.

The CIA has recently released a report stating that China could attack Taiwan by 2027. There is great uncertainty about the likelihood of the United States intervening militarily in that case. On the one hand, not

independência de Taiwan, já que a população taiwanesa está a crescer enquanto a população chinesa em Taiwan está a diminuir.

Recentemente, a CIA divulgou um relatório afirmando que a China poderia atacar Taiwan até 2027. Existe grande incerteza sobre a probabilidade de os Estados Unidos intervirem militarmente nesse caso. Por um lado, não intervir poderia minar a credibilidade do sistema de alianças dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico e no mundo; por outro lado, existem riscos significativos numa intervenção militar, pois arriscar uma guerra total com a China para proteger Taiwan é uma decisão extremamente difícil para qualquer presidente dos Estados Unidos.

Os oradores sublinharam a importância da proximidade e da distância na definição da abordagem de um país à estabilidade regional. No caso do Japão, a proximidade geográfica de potenciais zonas de conflito como o Estreito de Taiwan ou a Península Coreana significa que qualquer escalada teria impacto direto no país, como salientou Yoko Iwama. A principal prioridade do Japão a este respeito é a paz, já que, como demonstraram os recentes acontecimentos na Ucrânia, depois de um conflito eclodir torna-se extremamente difícil de gerir e de prever o seu resultado. A abordagem japonesa centra-se primeiro na dissuasão e depois na promoção do diálogo, tendo simultaneamente preparação e capacidade de resposta, se tal for necessário. Este desejo de estabilidade não deve ser mal interpretado como fomentador da guerra, mas sim como tendo em devida conta a grande incerteza relativamente à conflitualidade e aos desafios de segurança na região.

Inversamente, a distância da Austrália relativamente ao Mar da China Meridional e a Taiwan permite uma postura diferente, como referiu Richard Higgott. Indo para além de uma escolha entre o pacifismo ou o isolacionismo, a Austrália poderia reforçar a estabilidade regional reavaliando a sua relação com os Estados Unidos. Em vez de ser vista apenas como um parceiro menor nas iniciativas americanas mais alargadas, a Austrália poderia esforçar-se por se tornar um parceiro asiático mais significativo, reconhecendo as suas limitações mas desempenhando um papel mais pró-ativo na região, com maior envolvimento e responsabilidade. Esta transição seria desafiante, mas poderia ter um impacto positivo maior na dinâmica regional do que o seu atual posicionamento.

03.3 - Debate

O posicionamento do Indo-Pacífico face aos Estados Unidos, à China e à Rússia foi debatido com maior profundidade nas dimensões económicas e de segurança.

Embora a região seja constituída por países e grupos de países consideravelmente diversos e com diferentes interesses políticos e de segurança, partilham entre si um interesse económico comum. A maioria deles está fortemente integrada nas cadeias de abastecimento globais, e a

intervenção poderia undermind a credibilidade do sistema de alianças dos Estados Unidos na Ásia-Pacífico e no mundo; por outro lado, existem riscos significativos numa intervenção militar, pois arriscar uma guerra total com a China para proteger Taiwan é uma decisão extremamente difícil para qualquer presidente dos Estados Unidos.

Speakers underlined the importance of proximity and distance in shaping a country's approach to regional stability. In the case of Japan, geographical proximity to potential conflict zones like the Taiwan Strait or the Korean Peninsula means that any escalation would directly impact in the country, as Yoko Iwama pointed out. Japan's foremost priority in this regard is peace, because as the recent events in Ukraine have shown, once conflict erupts it becomes incredibly challenging to manage and predict its outcome. The Japanese approach is focused on deterrence first and then fostering dialogue, while being prepared to respond if necessary. This desire for stability should not be misconstrued as warmongering, but rather as duly taking into account the great uncertainty in conflict and security challenges in the region.

On the contrary, Australia's distance from the South China Sea and Taiwan allows for a different stance, as mentioned by Richard Higgott. Going beyond the choice of pacifism or isolationism, Australia could enhance regional stability by reevaluating its relationship with the United States. Instead of being perceived solely as a junior partner in broader American initiatives, Australia could strive to become a more significant Asian partner, acknowledging its limitations but playing a more proactive role in the region, with more engagement and responsibility. This transition would be challenging but could have a greater positive impact on regional dynamics than the current position.

03.3 - Debate

The positioning of the Indo-Pacific vis-à-vis the United States, China and Russia was further debated, mostly the economic and security aspects.

Although the region consists of remarkably diverse countries and groups of countries with different political and security interests, they share a common economic interest. Most countries are tightly integrated into the global supply chains, and China remains the primary trading partner for every Southeast Asian country, despite varying

China continua a ser o principal parceiro comercial de todos os países do Sudeste Asiático, apesar dos vários graus de alinhamento com os valores e instituições ocidentais. A questão do acesso ao mercado dos Estados Unidos é também uma preocupação importante e partilhada.

Neste contexto, existe a percepção de que Estados Unidos estão a abandonar a liderança do sistema multilateral de comércio, a avançar para uma disrupção do sistema comercial e, em última análise, a tentar moldar e reestruturar as cadeias de fornecimento globais. Estas cadeias, contudo, são sistemas complexos assentes numa multiplicidade de relações e envolvendo o fluxos de recursos financeiros, de ideias e de produtos, com a participação de milhões de pessoas. Embora os Estados Unidos exerçam uma influência significativa no seu processo de dissociação, esse processo também está a encorajar a China a responder de forma semelhante, e a sua estratégia para 2025 visa claramente uma autonomia muito maior sobre uma vasta gama de processos de produção. A razão pela qual é um desafio para os Estados Unidos dissociarem-se de forma eficaz e eficiente tem a ver com o facto de a China ser central para muitas das principais cadeias de abastecimento globais do mundo.

degrees of alignment with Western values and institutions. The issue of access to the US market is also an important and shared concern.

In this context, there is a perception that the United States is abandoning its leadership of the multilateral trading system, moving towards disruption of the trading system and ultimately trying to shape and restructure global supply chains. These chains, however, are complex systems based on a multiplicity of relationships and involving the flow of financial resources, ideas and products, with the participation of millions of people. While the United States is exerting significant influence with its decoupling process, that process is also encouraging China to respond in a similar fashion, and its 2025 strategy clearly aims for much greater autonomy over a wide range of production processes. The reason it is challenging for the US to decouple effectively and efficiently is because China is central to many of the world's major global supply chains.



Imag. 20

A invasão russa da Ucrânia veio ter um impacto importante no que será o futuro da região, acrescentando um fator de grande incerteza ao posicionamento da China e dos próprios Estados Unidos. Apesar de algumas tendências geopolíticas globais terem sido reforçadas e aceleradas com a guerra, Richard Higgott considera que os acontecimentos na Ucrânia contribuíram para abrandar a China. O Presidente

The Russian invasion of Ukraine has had an important impact on the future of the region, adding a factor of great uncertainty to the position of China and the United States itself. Although several global geopolitical trends were reinforced and accelerated by the war, Richard Higgott considers that events in Ukraine contributed to slow down China. The Chinese President knows that he will remain in office and Putin also

chinês sabe que continuará no cargo e Putin também não perspectiva uma mudança de poder na Rússia no próximo ato eleitoral, pelo que têm tempo e estabilidade para lidar com estas questões

Pelo contrário, nos Estados Unidos existe grande incerteza sobre quem será o próximo presidente e a influência que isso terá na política externa e no relacionamento quer com a Rússia quer com a China. Além disso, nos Estados Unidos cresce a onda daqueles que questionam o forte apoio financeiro à Ucrânia, através de pacotes sucessivos de ajuda aprovados no Congresso, defendendo que esses montantes financeiros devem ser usados para o fortalecimento dos Estados Unidos e/ou para investir no Indo-Pacífico como forma de responder à ameaça chinesa.

Alguns participantes questionaram as razões para a relutância, em várias partes de Ásia, de se encerrar a guerra na Ucrânia como uma agressão contra um Estado soberano, existindo antes uma predisposição para relativizar a realidade e classificá-la como um conflito entre dois lados em igualdade. A este propósito, Jomo Kwame Sundaram explicou a existência de fatores históricos fortes para uma preferência pela paz e para uma aversão generalizada à guerra, evitando o mais possível a confrontação.

Um fator relevante é a memória coletiva das experiências traumáticas da região com a guerra, incluindo a agressão colonial e, mais recentemente, o custo devastador da Segunda Guerra Mundial. A perda de vidas na Ásia, incluindo na Índia, durante a Segunda Guerra Mundial ultrapassou a da Europa, realçando a natureza terrível da guerra e das suas consequências. Mesmo na Coreia, que tem vivido sob a sombra de um conflito, existe um desejo profundo de paz. Embora se reconheça a existência de perspectivas diferentes, a maioria do Sudeste Asiático está empenhada em defender uma zona de paz, liberdade e neutralidade, tal como articulado pelos líderes da ASEAN há cerca de meio século.

É importante sublinhar que a maioria dos países do Sudeste Asiático se opôs à agressão russa na Ucrânia, embora não exista um consenso sobre a caracterização do conflito, uma vez que alguns consideram que a agressão russa foi provocada pelas ações da NATO. Neste contexto, existe uma preocupação crescente com a imposição de um acesso seletivo aos mercados ocidentais, especialmente aos Estados Unidos, e com o uso crescente de sanções como instrumento de governação, o que contraria o direito internacional ao abrigo da Carta das Nações Unidas. A percepção de duplicidade de critérios é exacerbada por intervenções e ações por parte de potências ocidentais no passado, como a independência do Kosovo e as intervenções militares em nome da NATO. O receio de uma escalada da guerra, alimentado por precedentes históricos e potenciais fatores desencadeadores, sublinha ainda mais o compromisso da região com a paz.

Yoko Iwama destacou que a Estratégia de Segurança Nacional do Japão, de 2022, começa por afirmar que "a comunidade internacional está a enfrentar mudanças que definem uma era. Somos lembrados mais uma vez que a globalização e a interdependência, por si só, não

does not envisage a change of power in Russia in the next elections, so they have time and stability to deal with these issues.

By contrast, in the United States there is great uncertainty about who will be the next president and the influence this will have on foreign policy and in the relations both with Russia and China. Furthermore, in the US there is a growing opposition to the strong financial support for Ukraine through successive aid packages approved in Congress, which argues that these financial amounts should be used to strengthen the US and/or to invest in areas of the Indo-Pacific as a way of responding to the Chinese threat.

Some participants questioned the reasons for the reluctance, in various parts of Asia, to view the war in Ukraine as an aggression against a sovereign State, with a predisposition to relativize reality and classify it as a conflict between two equal sides. In this regard, Jomo Kwame Sundaram explained the existence of strong historical factors for a preference for peace and a widespread aversion to war, avoiding confrontation as much as possible.

One significant factor is the collective memory of the region's traumatic experiences with war, including colonial aggression and, more recently, the devastating toll of World War II. The loss of lives in Asia, including in India, during the Second World War surpassed that of Europe, highlighting the horrific nature of war and its aftermath. Even in Korea, which has lived under the shadow of conflict, there is a deep-seated desire for peace. While acknowledging differing perspectives, the majority of Southeast Asians are committed to upholding a zone of peace, freedom, and neutrality, as articulated by ASEAN leaders half a century ago.

It is important to underline that most Southeast Asian countries have opposed Russian aggression in Ukraine, although there is not unanimous agreement on the characterisation of the conflict, as some perceive Russian aggression as provoked by NATO's actions. In this context, there is growing concern over an imposed selective access to Western markets, particularly the US, and the increasing use of sanctions as a tool of statecraft, which contravenes international law under the UN Charter. The perception of double standards is exacerbated by past interventions and actions by Western powers, such as the independence of Kosovo and military interventions in the name of NATO. The fear of war escalation, fuelled by historical precedents and potential triggers, further underlines the region's commitment to peace.

Yoko Iwama highlighted that the 2022 National Security Strategy of Japan starts by stating that "the international community is facing changes defining an era. We are reminded once again that globalization and interdependence alone cannot serve as a guarantor for peace and development across the globe". Japan, more than any other country in the region, is a trading and manufacturing nation, heavily reliant

podem servir como garantia de paz e de desenvolvimento em todo o mundo". O Japão, mais do que qualquer outro país da região, é uma nação comercial e industrial, fortemente dependente de cadeias de abastecimento desenvolvidas dentro e em torno da China. No entanto, é importante reconhecer que esta confiança é uma criação intencional da era americana e de uma compreensão particular da economia mundial, que não evoluiu natural ou livremente e que certamente tem custos. É um produto de certas ideias e da hegemonia americana, que está agora a sofrer mudanças, devendo os países do Indo-Pacífico estar preparados para a possibilidade de vários resultados.

O exemplo recente da utilização do gás natural pelo Presidente Putin como arma geopolítica, no período que antecedeu a guerra na Ucrânia, serve como um alerta, uma vez que destacou os perigos da dependência excessiva de uma única fonte, como demonstrado pelo caso da Alemanha, que dependia da Rússia para aproximadamente 60% do seu gás natural. A diversificação é um princípio fundamental do investimento e os países da região devem adaptar-se às mudanças de paradigma em curso.

Embora ainda não estejamos num novo cenário de Guerra Fria entre Rússia e China versus Estados Unidos, a guerra Rússia-Ucrânia influenciará significativamente o rumo da economia global e dos desenvolvimentos geopolíticos. Em termos de segurança, a China precisa do respaldo continental da Rússia e de um amigo confiável para se poder concentrar na frente marítima, onde tem as suas prioridades e as suas disputas, designadamente nos mares da China e em Taiwan, da mesma maneira que a Rússia precisa de um aliado fiável de respaldo continental para se concentrar na sua vertente europeia. As últimas iniciativas do presidente chinês, a iniciativa de paz para a Ucrânia e os encontros com a Rússia e a Bielorrússia, sinalizam que a China ainda pode fazer muito mais para apoiar a Rússia, se assim o desejar.

As escolhas que a China fizer nos próximos tempos terão implicações profundas para todos os intervenientes. Se a China se alinhar de uma forma demasiado estreita com a Rússia, acelerará inevitavelmente o processo de dissociação, transformando potencialmente o conflito numa guerra por procuração (proxy war) entre as capacidades de produção da China e dos Estados Unidos – e este resultado não é desejável para nenhuma das partes envolvidas, incluindo os Estados Unidos. É crucial, portanto, que todas os intervenientes tenham cautela e prudência ao navegar nestas complexas dinâmicas geopolíticas.

A estratégia da União Europeia para o Indo-Pacífico, aprovada em 2021, foi também abordada no debate. Para os países da região, existe grande desconhecimento sobre o pensamento da UE nesta matéria e, no âmbito da UE, questiona-se também a relevância da existência de tal estratégia, por diversas razões.

Por um lado, perante a necessidade de formular uma estratégia para uma das regiões mais importantes do mundo que afeta todas as

on supply chains developed within and around China. However, it is important to acknowledge that this reliance is an intentional creation of the American era and a particular understanding of the world economy, which did not evolve naturally or freely and that certainly comes with costs. It is a product of certain ideas and American hegemony which is now undergoing changes, and countries in the Indo-Pacific must be prepared for various potential outcomes.

The recent example of President Putin's use of natural gas as a geopolitical weapon in the lead-up to the Ukraine war serves as a stark reminder, as it highlighted the dangers of over-reliance on a single source, as demonstrated by the case of Germany that depended on Russia for approximately 60% of its natural gas. Diversification is a fundamental principle in investment, and countries in the region must adapt to the ongoing changing paradigms.

While we are not yet in a new Cold War scenario of Russia and China versus the US, the Russia-Ukraine war will significantly influence the direction of global economics and geopolitical developments. Regarding security, China needs Russia's continental support and a reliable friend to be able to focus on the maritime front, where it has its main priorities and disputes, namely in the China Sea and Taiwan, in the same way as Russia needs a reliable continental ally to focus on its European borders. The Chinese president's latest initiatives, the peace initiative for Ukraine and meetings with Russia and Belarus, signal that China can still do much more to support Russia if it chooses to do so.

The choices China makes in the near future will have profound implications for all stakeholders. If China aligns too closely with Russia, it will inevitably accelerate the decoupling process, potentially turning the conflict into a proxy war between China and US production capabilities – and this outcome is undesirable for all parties involved, including the US. Therefore, it is imperative that all stakeholders exercise caution and prudence in navigating these complex geopolitical dynamics.

The European Union strategy for the Indo-Pacific, approved in 2021, was also addressed in the debate. For the countries of the region, there is a great lack of knowledge about the EU's thinking on this matter, and within the EU the relevance of the existence of such a strategy is also questioned, for several reasons.

On the one hand, faced with the need to formulate a strategy for one of the most important regions in the world that affects all global dynamics and also Europe, the EU issued a document that suffers from conceptual confusion and thematic fuzziness. Strategic and security issues are mixed with cooperation issues and the seven defined priorities are so broad and comprehensive that it is unclear which are the effective and concrete priorities. In addition to the difficulty of reaching a document that is a common denominator for 27 member states, the strategy denotes an attempt to please the United States, by including the concept of Indo-Pacific and also addressing China.

dinâmicas globais e também na Europa, a UE emitiu um documento que peca pela confusão conceptual e pela abrangência temática. As questões estratégicas e de segurança estão misturadas com assuntos de cooperação e as sete prioridades definidas são tão latas e abrangentes que se questiona quais as prioridades efetivas e concretas. Para além da dificuldade de chegar a um documento que seja um denominador comum a 27 Estados membros, a estratégia denota uma tentativa de agradar aos Estados Unidos, incluindo o conceito de Indo-Pacífico e a abordagem à China.

Por outro lado, a UE nunca tinha utilizado a expressão Indo-Pacífico em nenhum documento estratégico. Mesmo no website do Serviço Europeu de Ação Externa refere-se a Ásia, o Pacífico, mas não o Indo-Pacífico. A conceção de Indo-Pacífico que a UE apresenta vai desde a África Oriental até às Ilhas do Pacífico junto ao continente americano. O resultado desta largura conceptual é o documento esquecer um longo legado de relacionamento da UE com a Ásia, para além de incluir no documento estratégias da UE para África ou para o Corno de África. A estratégia afirma ainda que se vai basear em parcerias consolidadas com parceiros tanto da Ásia como de África e que, no Pacífico, vai assentar no desenvolvimento dos laços com os países ACP (África, Caraíbas e Pacífico), revelando uma grande falta de clareza e orientação para as suas ações.

On the other hand, the EU had never used the term Indo-Pacific in any strategic document. Even on the European External Action Service's website it refers to Asia, the Pacific, but not the Indo-Pacific. The conception of the Indo-Pacific that the EU presents ranges from East Africa to the Pacific Islands near the American continent. The result of this conceptual wideness is that the document forgets the long legacy of EU's relationships with Asia, in addition to including EU strategies for Africa or the Horn of Africa in the document. The strategy also states that it will be based on consolidated partnerships with partners from both Asia and Africa and that, in the Pacific it will be based on developing relations with ACP countries (Africa, Caribbean and Pacific), revealing a great lack of clarity and guidance for its actions.

Veja o vídeo

Watch the video



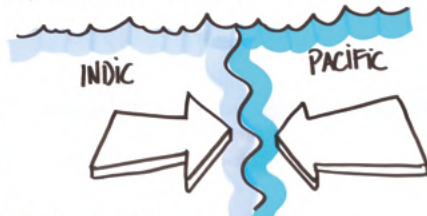
Segurança da Europa ao Indo-Pacífico

Security from Europe

LISBOA
3 MAR 23

JOJO KWAME SUNDARAM

THIS REGION JOINS TWO OCEANS



THERE WERE IDEAS TO ISOLATE CHINA

AMERICAN ATTITUDE ABOUT RUSSIA INVASION MAY BE SEEN AS AGGRESSIVE...

MOST ASIA IS AGAINST RUSSIA INVASION...



COUNTRIES NEED MARKET ACCESS...

ATTEMPTS WERE MADE TO INCLUDE INDIA

OBAMA!

BIDEN IS NOT INTERESTED IN GLOBALIZATION ...

... AND CHINA IS NOT A PACIFIC COUNTRY

JAPAN WANTS PEACE, SO IT NEEDS TO BE PREPARED FOR WAR, TO AVOID IT



A CHINA JÁ DEU SINAIS DE QUE PODE AJUDAR MAIS A RÚSSIA

SEGURANÇA NO

INDO-PACÍFICO
ÁSIA-PACÍFICO

TODOS OS FATORES DE INSEGURANÇA REUNIDOS

NUCLEAR



RICHARD HIGGOTT

I AGREE WITH WHAT JOJO SAID, BUT...

WRITING ABOUT ASIA FOR 40 YEARS

AS THE TIME PASSES WE "SEE" THE CHANGES

CONCEPT OF REGIONALISM SECURITY



ECONOMIC EXPLANATION
• GLOBAL DISTEMPER

WEAPONIZATION OF GLOBAL ECONOMY

"CHINA IS MUCH STRONGER THAN RUSSIA EVER WAS..."

U.S.A.

DO WE WANT CHINA TO FAIL? REALLY?

INTERDEPENDENCY IS A WEAKNESS

DANGER!

GLOBAL BRITAIN ... TRYING TO BE PART OF ASIAN AREA

CLICHÉ!

AUSTRALIA
INSECURITIES VULNERABILITIES
OPINION/DIVIDE IS

Indo-Pacífico

LUÍS TOMÉ

NÃO EXISTE UMA VERDADEIRA UNIÃO EUROPEIA

FRONTEIRAS

VÁRIOS FOCOS DE INSEGURANÇA

PROBLEMAS AMBIENTAIS

GUERRA MUNDIAL ESPERADA, MAS...

RELATIVA PAZ!

UM PROBLEMA LATENTE É TAIWAN...

USA IRÁ INTERVIR?

THE WDR

LAST YEAR HAS BEEN VERY INTERESTING FOR ACADEMICS...

YOKO IWAMA

MUITOS PAÍSES CONDENAM A RÚSSIA PELA INVASÃO DA UCRÂNIA

HÁ VISÕES MUITO DIFERENTES SOBRE A RÚSSIA

± 70% = INIMIGO (NÁLGUNS PAÍSES)

± 70% = ALIADO (NOUTROS PAÍSES)

JAPAN CREATED THE CONCEPT OF "Indo-Pacific"

- ORIGINALLY THE CONFLUENCE OF THE TWO OCEANS
- INDIA IS IMPORTANT TO BALANCE CHINA
- THEN THE CONCEPT GOES TILL AFRICA...

MOST ASIAN COUNTRIES ARE AGAINST RUSSIA INVASION, BUT BELIEVE IT WAS PROVOKED!

AUDIENCE WHAT ABOUT Korea?

US IS NOT EFFECTIVE AND ENCOURAGING CHINA...

MOST ASIANS ARE AVERSE TO WAR

AUDIENCE DEVELOP ON Taiwan?



FAR FROM THE CHINA SEA

MANY COUNTRIES IN ASIA DO NOT WANT TO CHOSE "SIDES"

AND... CHINA

JAPAN TRADES AND MANUFACTURES. THAT'S A RELATION

AUDIENCE POLÍTICA DA UNIÃO EUROPEIA PARA O INDO-PACÍFICO FAZ SENTIDO NA REGIÃO?

RUSSIA WEAPONIZED GAS. ONLY ONE SOURCE IS DANGEROUS...

WE ARE NOT YET ON A NEW COLD WAR...

MANY CONCERNS ABOUT CURRENT AND POTENTIAL FUTURE WARS

JAPAN

STILL HAS SOME OPEN ISSUES SINCE WWII RELATED TO...

RÚSSIA

SOUTH KOREA DOES NOT LIKE UKRAINE SO MUCH

A COUNTRY SHOULD BE ABLE TO DEFEND ITSELF... OR NO ONE WILL HELP!

CHINA INVOLVEMENT WILL ACCELERATE THE WAR...

SANCTIONS TO RUSSIA HURT MANY COUNTRIES

AUDIENCE WHAT'S HAPPENING in Ukraine? WILL SPEED-UP OR DELAY CHINA IN RELATION TO TAIWAN?

DANIEL UPSIDEUP.PT



04

**Energia
e alimentos
como armas estratégicas**

**Energy
and food
as strategic weapons**



04

Energia e alimentos como armas estratégicas

Energy and food as strategic weapons

Oradores — Speakers

Dhesigen Naidoo

Diretor do Programa sobre Riscos Climáticos e Segurança Humana em África do Instituto de Estudos de Segurança (ISS), Joanesburgo

Head of the African Climate Risk and Human Security Programme of the Institute of Security Studies (ISS), Johannesburg

Hilal Khashan

Professor de Ciência Política da American University of Beirut, Beirute (online)

Professor of Political Science of the American University of Beirut, Beirut (online)

Ana Santos Pinto

Professora de Estudos Políticos da Universidade Nova de Lisboa, antiga Secretária de Estado da Defesa Nacional, Lisboa

Professor of Political Studies of the NOVA Lisbon University, former Portuguese Secretary of State of Defence, Lisbon

PT

Que repercussões gerais tem o uso da energia e alimentos como armas estratégicas na guerra da Ucrânia? Que implicações estratégicas resultam das dinâmicas e da interconexão entre transição energética, mudanças climáticas e segurança alimentar?

A importância estratégica dos alimentos e da energia não é algo novo na história, mas está eminentemente presente no contexto atual e tem consequências que ultrapassam, em muito, o espaço europeu. Como referido por Ana Santos Pinto, existe, contudo, uma diferença importante: as sociedades europeias têm uma capacidade de resposta através do modelo social europeu e uma capacidade de acomodação de elementos desestabilizadores como a inflação e subida de taxas de juro que não existe em comunidades mais vulneráveis e países como menores níveis de rendimento.

ENG

Will the current weaponization of energy and food in the Ukrainian war bring more attention to similar malpractices elsewhere? Which security dynamics result from the growing connections between energy transition, food security and climate change?

The strategic importance of food and energy is not something new in history, but it is eminently present in the current context and has consequences go far beyond Europe. As mentioned by Ana Santos Pinto, there is however an important difference: European societies have the ability to respond through the European social model, and the capacity to accommodate disturbing elements, such as inflation and rising interest rates, which does not exist in more vulnerable communities and lower-income countries.

A utilização da alimentação e dos recursos estratégicos como armas de guerra no contexto do conflito na Ucrânia tem um impacto global relevante, desde logo do ponto de vista económico, com o aumento do preço da energia, especificamente dos combustíveis fósseis, que afeta e causa, por um lado, disrupção ao nível da produção e comercialização e, por outro, aumentos de preços nas cadeias de valor e nas cadeias de fornecimento. Além disso, a guerra tem efeitos no preço dos alimentos, em particular dos cereais e dos fertilizantes, afetando desde os produtos agrícolas à alimentação dos animais para consumo humano, que se refletem no aumento do custo de vida.

Geram-se muitas dúvidas sobre como podemos trabalhar para o acesso de todas as comunidades, em particular das mais vulneráveis, aos recursos mais básicos, como a alimentação, a energia, ou a água, num contexto de crescente tensão geopolítica, tendo em conta a existência de desigualdades estruturais.

The use of food and strategic resources as weapons of war in the context of the Ukraine conflict has a relevant global impact, from an economic point of view, with increased energy prices, specifically in the case of fossil fuels, which affects and causes, on the one hand, disruption at production and commercialisation and, on the other, price increases in the value and supply chains. Furthermore, the war has an effect on food prices, in particular cereals and fertilizers, affecting everything from agricultural products to animal feed for human consumption, which implies a rise in costs of living.

Many doubts arise about how to provide access for all communities, particularly the most vulnerable, to the most basic resources, such as food, energy or water, in a context of growing geopolitical tension and considering the existence of structural inequalities.

04.1 - A crise alimentar e hídrica no mundo árabe

04.1 - The food and water crises in the Arab region



Imag. 21

Hilal Khashan

Hilal Khashan considerou que a guerra na Ucrânia não criou o problema, mas agravou uma situação que já era problemática em algumas regiões. A crise alimentar no mundo árabe remonta à década de 1970, tendo as pessoas manifestado publicamente a sua raiva e frustração em diversas ocasiões. Em 1976, ocorreram amplas manifestações no Egito, no Cairo

Hilal Khashan considered that the Ukraine war did not create the problem, but aggravated a situation that was already problematic in some regions. The Arab world food crisis goes back to the 1970s, and people have taken their anger and frustration to the street on several occasions. In 1976, there were sweeping demonstrations in Egypt,

e em Alexandria, sobre a decisão do governo de suspender os subsídios alimentares e, em 2011, três anos antes da revolta egípcia, houve também uma explosão de violência no Cairo, com intervenção militar e assassinato de vários manifestantes. Na Argélia, os recentes protestos ligados aos alimentos não são algo novo, remontando à década de 1980.

No mundo árabe, região que se estende desde o Golfo Pérsico, a leste, até ao Oceano Atlântico, a oeste, pelo menos 65% da população está abaixo do limiar da pobreza ou em risco de pobreza, principalmente devido à grave crise alimentar. A questão da água é fundamental: a região árabe engloba 5% da população mundial, mas dispõe apenas de 1% do abastecimento mundial de água doce; e dos 17 países do mundo em situação de stress hídrico, 12 encontram-se no Médio Oriente. Isto aplica-se, por acréscimo, à agricultura, sendo os países árabes importadores líquidos de cereais, óleos alimentares, legumes e carne. As populações dependem fortemente dos cereais para obter grande parte das calorias necessárias, sendo um terço delas provenientes do trigo. A crise abrange a maioria do mundo árabe, com exceção dos países produtores de petróleo do Golfo, que dispõem dos recursos financeiros necessários para a colmatar.

“A guerra contra a Ucrânia agravou o problema da escassez de alimentos no mundo árabe, mas não o criou. Tal como se apresenta atualmente, a situação parece grave. E não sei até que ponto os países árabes concordam em iniciar políticas eficazes para pôr fim à crise alimentar que se tornou crónica.”

in Cairo and Alexandria, over the government's decision to lift food subsidies and in 2011, three years before the Egyptian uprising, there was also an outburst of violence in Cairo, with military intervention and killing of several protesters. In Algeria, the recent food riots are not new, dating back to the 1980s.

In the Arab region, which extends from the Persian Gulf in the east to the Atlantic Ocean in the west, at least 65% of the population are below the poverty line or in risk of poverty, mainly due to the seriousness of food crisis. The water issue is paramount: the Arab region comprises 5% of the world's population, yet it disposes only of 1% of the world's freshwater supplies; and out of the world's 17 water stressed countries, 12 are in the Middle East. This by extension applies to agriculture, with Arab countries being net importers of grains, cooking oil, legumes, and meat. Populations rely heavily on grains for much of their caloric intake, with a third of calories coming from wheat. The crisis covers most Arab countries, with the exception of the oil producing countries in the Gulf, which have the necessary financial resources to fight it.

“The war on Ukraine has aggravated the food shortage problem in the Arab region, but it did not create it. As it stands, the situation looks gloomy. And I do not know to what extent the Arab countries are eager to initiate effective policies to put an end to the food crisis which has become chronic.”

Hilal Khashan

Existem vários exemplos ilustrativos da gravidade desta crise. O Iraque depende fortemente de dois rios que nascem na Turquia, o Tigre e o Eufrates. A Turquia e o Irão (através dos afluentes dos rios Tigre que têm origem no Irão) têm construído barragens e, nos últimos anos, o Iraque perdeu cerca de 60% do seu abastecimento de água, principalmente devido aos cortes de abastecimento, à evaporação e às altas temperaturas no país. Se o Irão e a Turquia não permitirem um maior fluxo de água para o Iraque, dentro de 20 anos o Tigre e o Eufrates secarão no país. Só em 2021, registou-se uma grande quebra na produção de trigo e houve um declínio de 50% na agricultura tanto na Síria como no Iraque – países onde mais de 12 milhões de pessoas não têm acesso à água, tendo de a transportar para satisfazer necessidades domésticas e sanitárias básicas. No Iémen, outro exemplo desta crise intensa, 68% da população está abaixo do limiar de pobreza e 40% dos iemenitas deitam-se todos os dias com fome.

Ao longo dos últimos anos, através do Conselho de Cooperação do Golfo e graças às receitas do petróleo, os países conseguiram construir 900

Several examples can illustrate the seriousness of the crisis. Iraq depends heavily on two rivers that originate in Turkey, Tigris and the Euphrates. Turkey and Iran (through the tributaries of the Tigris rivers that originate from Iran) have been building dams, and in recent years, Iraq has lost about 60% of its water supplies mainly because of water cut offs, evaporation and high temperatures in the country. If Iran and Turkey do not allow for more water flow into Iraq, in 20 years Iraq's Tigris and Euphrates will run dry. In 2021 alone, the wheat crop failed and there was a decline of 50% in both Syria and Iraq agriculture – countries where more than 12 million people have no access to water and have to carry it to fulfil essential household and sanitary needs. In Yemen, another example of this intense crisis, 68% of the population is poor and 40% of Yemenis go to bed hungry.

Over the past few years, through the Gulf Cooperation Council and thanks to oil revenues, countries were able to build 900 water desalination plants. However, this is drinking water, intended for domestic consumption, as desalination projects have not been

centrais de dessalinização de água. Contudo, esta água potável destina-se ao consumo doméstico, uma vez que os projetos de dessalinização não têm capacidade para abastecer as necessidades agrícolas. É, assim, impossível para estes países sustentarem a sua população com base na agricultura local, pelo que têm de importar alimentos.

Dos 70 milhões de hectares de terra arável existente no mundo árabe, 30 milhões situam-se no Sudão, um país com terras ricas e recursos hídricos que poderiam alimentar toda a região. Mas o Sudão é um país pobre, onde muitas pessoas passam fome, e a situação está a piorar devido ao governo militar. Além disso, os países árabes não foram capazes de planear uma organização a nível regional para que os países com maiores recursos financeiros, como os países do Golfo, investissem no Sudão e apoiassem o desenvolvimento da sua agricultura, atualmente estagnada. Durante muitas décadas, estes países ignoraram a existência de um vizinho africano com o qual poderiam ter trabalhado e cooperado em benefício de todos.

Os países árabes não têm levado a sério a resolução da questão da água e da alimentação. Os regimes estão mais preocupados com a segurança do que com a agricultura, a água e a alimentação do seu povo, despendendo, consoante o país, até 20 vezes mais fundos na defesa do que na agricultura. Por exemplo, apesar de não conseguir assegurar a alimentação da sua população, o regime egípcio tem prosseguido uma política massiva de contratação e aquisição de armamento, incluindo equipamento de que não precisa, de forma a satisfazer o establishment militar que governa o país e que mantém o presidente no cargo.

Embora esta situação terrível esteja a causar instabilidade política, Hilal Khashan não considera expectável uma revolta generalizada na região. As insurreições populares falharam, tendo o último fracasso ocorrido na Tunísia, que durante uma década foi considerada a exceção árabe. As aspirações do público árabe foram derrotadas pelos contrarrevolucionários e as pessoas deixaram de ter disposição para revoltas. Por exemplo, o Líbano foi assolado por uma grave crise económica há cerca de quatro anos e pelo menos 90% da população encontra-se abaixo do limiar da pobreza. Verificou-se uma breve sublevação por volta de Outubro de 2019, mas a população acabou por perceber que nada iria mudar e resignou-se com a situação.

Neste contexto, quando a situação atinge um ponto crítico, os governos geralmente aplicam medidas de emergência que salvam vidas, apenas para manter as pessoas num nível de subsistência, mas não promovem a resolução da crise. Tendem a lidar com a crise alimentar e hídrica numa base diária, tentando aliviar a situação mas não desenvolvendo mecanismos, planos ou políticas concretas que possam transformar os seus países, criar uma agricultura viável e encontrar soluções estruturais para um problema de longo prazo.

Resta saber se é possível, a longo prazo, fornecer segurança militar e garantir a segurança dos Estados sem assegurar os recursos básicos

successful in providing water for agriculture. It is therefore impossible for these countries to sustain their people based on domestic agriculture and they have to import food.

Of the 70 million hectares of arable land in the Arab region, 30 million are in Sudan, a country with rich land and water resources that could feed the entire region. But Sudan is a poor country, where many people are hungry, and the situation is getting worse because of the military government. Furthermore, Arab countries have not been able to plan for organisation at regional level in order for countries with greater financial resources (such as Gulf countries) to invest in Sudan and develop its stagnant agriculture. For many decades, these countries have ignored the existence of an African neighbour with which they could have worked and cooperated for the benefit of all.

Arab countries have not been serious about resolving the water and food issue. The regimes are more concerned about security than about agriculture, water and feeding their people, and they spend, depending on the country, up to 20 times more funds on defence than on agriculture. For instance, despite being unable to ensure food for its population, the Egyptian regime has pursued a massive military procurement policy, to buy equipment they do not need in order to placate the military establishment that runs the country and keeps the president in place.

Although this dire situation is causing political instability, Hilal Khashan does not consider political instability to turn into an uprising throughout the region. Popular uprisings have failed, and the latest failure was Tunisia, which for a decade was assumed to be the Arab exception. Arab publics' aspirations were defeated by the counterrevolutionaries, and they are no longer in a mood for uprisings. For example, Lebanon has been beset by a severe economic crisis around four years ago, and at least 90% of the people are below the poverty line. There was a brief uprising around October 2019, but people eventually realised that nothing would change and resigned to the situation.

In this context, when the situation reaches a critical point, governments usually provide life saving measures just to keep people at a level of subsistence, but they do not promote crisis resolution. They tend to deal with the food and water crisis on a day-to-day basis, trying to alleviate the situation but not developing concrete mechanisms, plans or policies that could transform their countries, create a viable agriculture and find structural solutions to a long-term problem.

It remains to be seen whether it is possible, in the long term, to provide military security and guarantee the security of the State without providing basic needs for the population, and whether this will seriously affect the legitimacy of the State and propel other legitimacies, as was highlighted by Ana Santos Pinto.

Arab countries have also not been able to work together on these issues at least since the mid-1950s when they discussed the possibility

para as populações, e se isso irá afetar seriamente as legitimidades políticas e impulsionar outro tipo de legitimidades, como foi salientado por Ana Santos Pinto.

Os países árabes também não têm conseguido trabalhar em conjunto estas questões, pelo menos desde meados da década de 1950, altura em que discutiram a possibilidade de cooperação regional árabe, a fim de proporcionar uma agricultura viável e satisfazer as necessidades alimentares das suas populações. Apesar das grandes diferenças, foi desenvolvida, com sucesso, cooperação nas áreas da segurança, inteligência e defesa, mas a cooperação falhou na resposta às necessidades das populações.

Um dos problemas que requer atenção urgente é a má gestão da agricultura. Enquanto a produção agrícola internacional por hectare é de 3,6 toneladas, em média, no mundo árabe cada hectare fornece 1,3 toneladas de alimentos. As técnicas agrícolas e de irrigação nos países árabes são ainda antiquadas, algumas de há mais de mil anos. Na maior parte dos casos, os agricultores recorrem a técnicas de irrigação por inundação, desperdiçando assim os escassos recursos hídricos e utilizando 40% mais água do que a irrigação por aspersão ou gota-a-gota. São necessárias medidas para melhorar a utilização dos recursos hídricos, cada vez mais escassos.

Parte da solução para esta crise está na energia. No Líbano, as pessoas estão agora recorrentemente sem água potável, porque os municípios não conseguem adquirir gásóleo para fazer funcionar os geradores e, assim, fornecer água. Embora o país não tenha falta de abastecimento de água, proveniente da grande pluviosidade, não existe nenhum mecanismo de extração e distribuição dessa água. Isto junta-se a outros problemas comuns a vários países da região, como a recolha de lixo e resíduos, que precisa de energia para ser resolvida – mas a energia é escassa, dispendiosa e os governos locais não têm capacidade para arcar com esses custos. Parte da solução está nas instalações de dessalinização, que também são bastante caras, além de não serem apropriadas para uma agricultura com viabilidade e sustentabilidade.

04.2 - O impacto no Sul Global e o papel de África

Dhesigen Naidoo destacou a enorme falta de igualdade e equidade como uma questão muito grave relativamente à escassez de recursos naturais, tanto dentro dos países como entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento. Ligado a isto, os bens básicos – alimentos, energia e água – têm sido instrumentos de poder desde os primórdios da civilização humana. Como disse Mark Twain, "o whiskey é para beber e a água é para lutar". Estas foram as primeiras armas e temo-las usado repetidamente ao longo do tempo – apenas nos tornámos muito mais sofisticados ao fazê-lo.

of Arab regional cooperation in order to provide for a viable agriculture and to satisfy the food requirements of their people. Despite their outstanding differences, cooperation has been successful on security, intelligence and defence matters, while failing to address the needs of the population.

One of the problems requiring immediate attention is the mismanagement of agriculture. While the international agricultural output per hectare is 3.6 tonnes, on average, in the Arab region a hectare provides 1.3 tonnes of food. Agricultural and watering techniques in Arab countries are still antiquated, some go back to a millennium. For the most part, farmers use flood irrigation practices, thereby squandering scarce water resources and using 40% more water than sprinkling or drip irrigation. Measures are needed to improve the utilisation of increasingly scarce water resources.

Part of the solution to this crisis lies in energy. In Lebanon, people are now recurrently without fresh water because the municipalities are unable to buy diesel to run the generators and thereby provide water. Although the country does not lack water supplies, which come from heavy rainfall, there is no mechanism for extracting and distributing this water. This adds to other problems common to several countries in the region, such as garbage and waste collection that needs energy to be solved – but energy is scarce, expensive and local governments cannot afford it. Part of the solution requires desalination plants, which are very expensive, and not appropriate for viable and sustainable farming.

04.2 - The impact in the Global South and the role of Africa

Dhesigen Naidoo highlighted huge inequality and inequity, as a very serious issue around natural resources shortage, both within countries and between the developed world and the developing world. Linked to this, basic commodities – food, energy and water – have been power instruments since the dawn of human civilisation. As Mark Twain famously said, "whiskey is for drinking and water is for fighting". These were the first weapons and we have used them over and over again throughout time – we just became much more sophisticated at it.

O fator climático surge como um multiplicador de ameaças e oferece-nos também uma visão mais focada e ampliada de como funcionam as dinâmicas de poder no que diz respeito ao acesso à água, à energia e aos alimentos. As alterações climáticas são mencionadas pelo Fórum Económico Mundial e pelo Registo de Riscos Globais como um dos quatro principais riscos para a economia global na próxima década. Estas entidades traçam muito claramente a forma como esses fatores – que incluem a crise dos recursos naturais – se organizaram através de instrumentos (como a migração) para se tornarem riscos ligados à paz e segurança, à economia e à destruição de tecidos sociais.

The climate factor came as a threat multiplier and also offered us a very focused, magnified view of how the dynamics of power work themselves through regarding water, energy and food access. The World Economic Forum and the Global Risks Register mention climate change as one of the top four risks to the global economy over the next decade. They also map out quite clearly how those factors – which include the natural resource crisis – organised themselves through such instruments as migration to become risks linked to peace and security, risks to the economy and risks to destroying the social tapestry in the world.



Imag. 22

Dhesigen Naidoo

Vários eventos climáticos extremos são atualmente visíveis em todo o mundo. Embora este seja o terceiro ano de La Niña, quando em geral existiriam inundações em vez de secas, registam-se episódios prolongados de seca no Corno de África, no outro extremo do Pacífico, e na Califórnia, que está agora no seu oitavo ou nono ano de seca, dependendo dos modelos de medição. Ao mesmo tempo, ocorrem chuvas torrenciais na Austrália e em partes da África Austral, bem como tempestades elétricas tanto no Pacífico como no Oceano Índico. A subida do nível do mar ocorre simultaneamente, literalmente afogando estados insulares do Indo-Pacífico, ao mesmo tempo que há maior escassez de acesso aos alimentos e à água doce, bem como um acentuar da crise energética.

Multiple extreme climate events are currently witnessed throughout the world. While this is a triple La Niña year, when in general there would be flooding events rather than drought events, we have prolonged drought episodes in the Horn of Africa, in the other end of the Pacific, and California is now in its eighth or ninth year, depending on your interpretation of the drought. At the same time, there are rain bomb events in Australia, in parts of southern Africa, as well as high energy storms both in the Pacific and in the Indian Ocean. Rising sea levels are occurring simultaneously, literally drowning island states in the Indo-Pacific, while there is a greater shortage of access to food and fresh water, as well as an energy crisis.

Esta situação foi exacerbada pelos acontecimentos na Ucrânia, os quais podem ser vistos como um teste aos entendimentos globais sobre a evolução e ritmo da transição para uma economia de baixo carbono no mundo. Verificamos agora que os nossos planos sólidos de transição para uma economia de baixo carbono, baseados em relatórios científicos do Painel Intergovernamental sobre Alterações Climáticas (IPCC), indiscutíveis do ponto de vista científico, são instantaneamente relegados para segundo plano quando existem ameaças imediatas que nos fazem interromper o nosso caminho em direção a um mundo mais sustentável.

No Sul Global, o movimento rumo a uma economia de baixo carbono, que incluiu a atração de maiores investimentos, designadamente em energias renováveis (conforme expresso nos Planos para uma Transição Energética Justa em países como a África do Sul, a Indonésia, o Vietname ou a Índia), está agora com grande derrapagem, devido ao súbito apetite por ativos de combustíveis fósseis por parte da Europa, na sequência da guerra na Ucrânia. Ao longo das últimas décadas, os países em desenvolvimento pagaram preços muito elevados para fazer valer os seus argumentos e conseguir esses acordos, que têm agora um sério retrocesso. Estamos portanto, mais uma vez, a testemunhar a aceitação da transformação da água, dos alimentos e da energia em armas, mas agora de uma forma que inverte aquilo que começava a tornar-se uma tendência realmente promissora.

“A guerra na Ucrânia foi como um teste ao entendimento global em torno do movimento e do ritmo em direção a uma economia de baixo carbono. E, francamente, o mundo falhou nesse teste. Quando surgem ameaças imediatas em torno de algumas questões, como a energia e a alimentação, facilmente paramos esse autocarro, (re)incorremos em dívidas crescentes de carbono e comprometemos o nosso caminho para um mundo mais sustentável.” ■

Se esta transformação dos bens básicos em armas é evidente, a forma como participamos e como reagimos a esse facto pode ser a diferença entre uma potencial prosperidade e um desespero continuado.

Um exemplo de como este facto tem efeitos desastrosos é a questão Israel-Palestina, particularmente no que diz respeito à água. Em 1967, no fim da guerra, uma das primeiras medidas do Estado israelita foi assumir a tutela de toda a água da região, controlando a água até aos dias de hoje. O resultado é, na prática, a existência de um “apartheid da água”, com os israelitas a terem um acesso per capita à água muito mais elevado do que os palestinianos. Na Cisjordânia

This has been exacerbated by the events in Ukraine, which could be seen as a test point to the global philosophy on the move and pace of the transition towards a low-carbon economy in the world. It is now clear that our strong plans to move to a low carbon economy, based on the Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) scientific reports that are unarguable from a scientific perspective, are instantly outweighed when there are immediate threats that make us halt our pathway to a more sustainable world.

In the Global South, the movement towards a low carbon economy, which included attracting greater investments for example in renewable energy (as expressed in the Just Energy Transition plans in countries like South Africa, Indonesia, Vietnam, or India), are now with great slippage, because of the sudden hunger for fossil fuel assets by Europe on the back of the Ukraine war. Very big prices have been paid by developing countries to win those arguments and achieve these agreements, which have now a serious backtracking. We are therefore, once again, witnessing the acceptance of the weaponisation of water, food and energy, but now in a way that reverses what was starting to become a really promising trend.

“The war in Ukraine was like a test point to the global philosophy around the move and pace towards a low carbon economy in the world. And frankly, the world has failed that test. When immediate threats around some issues arise, as energy and food, we will stop that bus, incur increasing debts in carbon, and arrest our pathway to a more sustainable world.” ■

Dhesigen Naidoo

There is certainly a weaponisation of these basic commodities, but how we engage it and how we react to it can be the difference between potential prosperity or continued despair.

One example of how the weaponisation has disastrous effects is the Israel-Palestine issue, particularly regarding water. In 1967, at the end of the war, one of the first measures of the Israeli state was to take custodianship of all the water in that region, and it has controlled water to the present day. The net result is a “water apartheid”, with the Israelis having a much higher per capita access to water than the Palestinians. In the occupied West Bank, the ratio between the settlers’ access to water and the Palestinians one is 81 times bigger. A fair amount of

ocupada, a taxa de acesso dos colonos à água é 81 vezes maior do que o dos palestinianos. Uma boa parte da água utilizada pelos colonos é destinada ao cultivo de produtos frescos para exportação, inclusivamente para a Europa. Este exemplo viola a Resolução da ONU de 2010 sobre o Direito Humano à Água e ao Saneamento e será, certamente, algo sobre o qual continuaremos a falar durante muito tempo.

Pelo contrário, Singapura é um exemplo de como esta ameaça pode ser utilizada de forma positiva e no sentido inverso. Após a tentativa fracassada de fazer parte da Federação da Malásia, durante o governo de Lee Kuan Yew, o novo estado de Singapura concentrou-se em resolver o seu problema de insegurança hídrica e tem-se verificado alguma tensão com a Malásia sobre esta questão. Embora ainda tenha um terço daquela que é considerada a média global razoável de disponibilidade de água para as pessoas, o país conseguiu construir um movimento e uma estratégia impressionante de segurança hídrica. Singapura conseguiu, graças à sua segurança hídrica, tornar-se uma potência económica e de industrialização no mundo.

O painel abordou igualmente as ligações entre as alterações climáticas, a energia, a alimentação e os processos de desenvolvimento em África, tendo particularmente em consideração a profunda necessidade de recursos energéticos por parte da China e da Índia, e a concorrência em torno dos recursos africanos. Um dos novos debates que estão em curso no continente africano tem a ver com a forma como África pode ultrapassar o facto de ser um lugar onde outros intervenientes vêm jogar e tornar-se num interveniente no próprio jogo global.

Para tal, há alguns elementos que é necessário abordar, segundo Dhesigen Naidoo. Um deles é que a industrialização do Norte Global foi feita, em grande parte, com base nos recursos naturais provenientes do Sul Global e, particularmente, de África. As matérias-primas africanas, os produtos agrícolas, as fibras, etc., permitiram que o Norte Global se tornasse, em geral, desenvolvido. Também é verdade que muitas das matérias-primas necessárias para uma economia de baixo carbono encontram-se, igualmente, no continente africano. Com efeito, África tem atualmente alguns dos mais ricos depósitos de terras raras, lítio, cobre, zinco e outros, necessários para alimentar uma economia assente nas energias renováveis. África tem agora uma possibilidade real de impulsionar uma revolução global, uma revolução industrial de baixo carbono e, ainda assim, com risco de ficar para trás mais uma vez.

Desta forma, uma das questões mais debatidas é como é que África pode organizar-se para ser um fornecedor contínuo destes bens, em particular para outras partes do mundo, incluindo a Europa, a Índia e a China, mas, ao mesmo tempo, organizar-se para investimentos de beneficiação para que se torne mais do que um fornecedor de matérias-primas necessárias para capacitar outras economias. Já estão a ser dados passos nesse sentido em África, ainda não é

water used by settlers is to grow fresh produce for export, including for Europe. This example violates the 2010 United Nations Resolution on the Human Right to Water and Sanitation, and it is something that we will continue to talk about for a long time.

On the contrary, Singapore is an example on how this threat can be used positively and in the reverse direction. After the failed attempt to be a part of the Malaysian Federation, during the rule of Lee Kuan Yew the new state of Singapore focused on solving its water insecurity and there has been tension with Malaysia on this issue. While having one third of what is considered the global reasonable average of water availability for people, the country built in a remarkable water security movement and strategy. On the back of its water security, Singapore managed to become an economic and industrialisation powerhouse in the world.

The links between climate change, energy and food, and development processes in Africa were also approached in the panel, particularly considering the deep need of energy resources by China and India, and the existing competition around African resources. One of the promising new debates happening on the African continent is how Africa can rise above being a place where others play out the game, to actually become a player in the global game itself.

Regarding this, there are some elements that we have to engage, according to Dhesigen Naidoo. One is that industrialisation of the Global North was done very largely on the natural resources that came from the Global South, and particularly from Africa. African raw materials, agricultural products, fibres, etc., enabled the Global North in general to become developed. It is also true that a lot of the raw materials required for a low carbon economy are also on the African continent. In fact, Africa has some of the richest deposits of rare earths, lithium, copper, zinc and others that are required to power a renewable energy economy. Africa has now a real possibility to power a global revolution, a low carbon industrial revolution, and still be left behind once again.

Therefore, one of the most debated issues is how can Africa organise to be a continued supplier of these goods to other parts of the world, including Europe, India and China, and at the same time, benefitate from investments to become more than a mere supplier of raw materials required to empower other economies. Africa is already doing some of that, not yet at the intended scale, but at a reasonable scale to start. There are big concentrated solar power plants in Morocco, in Egypt and South Africa; Namibia is rising as one of the new leaders in the green hydrogen economy; and South Africa is on a just energy transition process together with countries like Nigeria.

Africa is therefore organising to play much more prominently in the non-fossil fuel economy. Nevertheless, this is very challenging for the continent, as Africa has put its bets on empowering the aspirations of Agenda 2063 (the development agenda), including on industrialisation, and linked to that it has currently USD \$10 trillion worth of fossil fuel

escala pretendida, mas numa escala razoável para começar. Existem grandes centrais de energia solar concentrada em Marrocos, no Egito e na África do Sul; a Namíbia surge como um dos novos líderes na economia do hidrogénio verde; e a própria África do Sul está num processo de transição energética justa, juntamente com países como a Nigéria.

África está, portanto, a organizar-se para desempenhar um papel muito mais proeminente na economia dos combustíveis não fósseis. No entanto, isto é um grande desafio para o continente, uma vez que apostou na capacitação para realizar as aspirações da Agenda 2063 (a agenda de desenvolvimento) nomeadamente em matéria de industrialização e, ligado a isso, possui atualmente ativos de combustíveis fósseis no valor de \$10 bilhões de USD. Assim, estes compromissos terão de ser geridos de uma forma verdadeiramente inteligente. Embora existam desafios internos, alguns decorrentes da grande diversidade de necessidades e prioridades, as discussões em curso a nível continental são encorajadoras. No final de 2021, o Conselho de Paz e Segurança da UA reuniu-se sob o mote do Desenvolvimento, Segurança e Acesso Climático, e considerou que as questões de segurança no continente foram seriamente exacerbadas pelas alterações climáticas. Identificou as alterações climáticas como um grave multiplicador de ameaças e discutiu como poderão ser desenvolvidas novas rotas para o desenvolvimento em torno desta combinação.

assets. Thus, this trade-off has to be managed in a really smart way. Although there are internal challenges, some arising from the wide diversity of needs and priorities, the ongoing discussions at continental level are encouraging. At the end of 2021, the AU Peace and Security Council met under the banner of the Climate Development, Security and Access, and took a firm appreciation that the security problems on the continent were seriously exacerbated by climate change. It identified climate change as a serious threat multiplier and discussed how new development pathways can be developed around this mix.

Africa is also aware that there is a finite time associated with its current place in the existing supply chain systems. The change in the spectrum of the energy mix will have a significant point of inflection in favour of renewable energies in the next decades, and some export markets will close off. Coal exports to China will not happen beyond 2050, and the Chinese 14th basic plan and economic strategy is quite explicit about 2070 as their net zero target. India has established the target of 2060. It is most probable that those two countries will actually meet their net zero targets in a fairly accurate way compared to many other countries. Furthermore, there are timelines for internal combustion engines and Europe has pegged them by 2035.



África está ciente, também, de que existe um tempo finito para o seu lugar atual nas cadeias de abastecimento e sistemas relacionados. A mudança na composição do mix energético terá um ponto de inflexão significativo a favor das energias renováveis nas próximas décadas e alguns mercados de exportação serão, consequentemente, encerrados. As exportações de carvão para a China deixarão de se realizar depois de 2050, sendo o 14º plano-quadro e a estratégia económica chinesa bastante explícitos ao definir 2070 como a meta de neutralidade carbónica. A Índia estabeleceu 2060 como meta. É muito provável que esses dois países cumpram as suas metas de neutralidade carbónica de uma forma efetiva e bastante precisa, em comparação com muitos outros países. Além disso, existem calendários para o fim da produção de motores de combustão interna, tendo a Europa fixado 2035 como limite.

Todos estes são elementos a considerar quando falamos da diversificação da política externa de África a nível económico. África terá de honrar os atuais acordos e, ao mesmo tempo, utilizar os dividendos desses acordos para avançar rumo a uma economia de baixo carbono. É no quadro do Acordo de Comércio Livre Continental Africano, com as suas novas regras e bases regulamentares, que se espera que existam alguns dos primeiros pronunciamentos sobre estas questões.

Em relação aos desafios externos, as tensões e negociações comerciais globais, particularmente mas não exclusivamente, entre os Estados Unidos e a China, têm prejudicado o que o continente africano é capaz de fazer relativamente ao seu próprio desenvolvimento e para se tornar um ator global relevante. A organização em torno de um multilateralismo mais eficaz será absolutamente crucial, não apenas para África, mas para todas as regiões, e talvez mais ainda no Sul Global do que no Norte Global.

04.3 - Ligações com as posições árabes e africanas sobre a guerra na Ucrânia

No seio do continente africano, estão a surgir outras discussões sobre o que significa o não-alinhamento no século XXI. Dhesigen Naidoo salientou que muitos países africanos têm sido ativamente punidos por não adotarem o que o Ocidente considera ser a posição correta em relação à guerra na Ucrânia, não apenas com palavras, mas com ameaças reais e abertas – nomeadamente a retirada da ajuda ao desenvolvimento ou o encerramento de certos acordos – provenientes não só de Washington mas também de diversas capitais europeias.

Hilal Khashan mencionou que a maioria dos países árabes prefere manter silêncio sobre o que se passa entre a Rússia e a Ucrânia mas, em geral, a maioria dos líderes árabes sente-se mais próxima de Putin. A Arábia Saudita, no contexto da OPEP, está unida à Rússia no que respeita aos preços do petróleo, seguida dos restantes que

All these come into the equation regarding Africa's diversification of the economic foreign policy. Africa will have to honour the current agreements while simultaneously using the dividends of those agreements to move towards a low carbon economy. The African Continental Free Trade Agreement, with its new rules and regulation bases, is where some of the early pronouncements on these issues hopefully are going to be made.

Regarding external challenges, the global trade wars and tensions, particularly but not exclusively between the United States and China, have undermined what the African continent is able to do about its own development and to become a serious global player. Organising into a more effective multilateralism is going to be absolutely crucial, not just for Africa but for every region, and perhaps more so in the Global South than the Global North.

04.3 - Linkages with Arab and African positions on the war in Ukraine

Within Africa, some other discussions are arising, around what does non-alignment mean in the 21st century. Dhesigen Naidoo pointed out that many African countries have been actively punished for not taking what the West considers the right stance on the Ukraine war, not just in words, but with real and overt threats – namely the withdrawal of aid or the closure of certain agreements – not only coming from Washington but also from several European capitals.

Hilal Khashan mentioned that most Arab countries prefer to keep quiet on what goes on between Russia and Ukraine, but in general most Arab leaders feel closer to Putin. Saudi Arabia in the context of OPEC, united with Russia regarding the oil prices, followed by the others that depend on these oil resources. Following the murder of Jamal Khashoggi in Istanbul in 2018, most leaders avoided Mohammed bin Salman when

dependem da venda destes recursos petrolíferos. Após o assassinato de Jamal Khashoggi em Istambul em 2018, a maioria dos líderes evitou Mohammed bin Salman quando este participava no Fórum Económico Mundial, em Buenos Aires, tendo Vladimir Putin sido o único líder que o cumprimentou. A região árabe é governada por líderes autocráticos que não são a favor da difusão da democracia. A Tunísia parecia ter uma democracia viável até ao golpe de Estado, há dois anos, e os países árabes conservadores trabalharam arduamente para derrotar a experiência democrática nesse país. Os líderes árabes, compreensivelmente, sentem-se mais próximos de Putin.

he was attending the World Economic Forum in Buenos Aires, and Vladimir Putin was the only leader who greeted him. The Arab world is ruled by autocratic leaders who are not in favour of democracy spreading in the region. Tunisia seemed to have a workable democracy until the coup, two years ago, and conservative Arab countries worked hard in order to defeat Tunisia's democratic experience. Arab leaders understandably feel closer to Putin because he is one of them.



Imag. 24

Ana Santos Pinto

No que diz respeito às posições dos países africanos, vários fatores entram em jogo, segundo Dhesigen Naidoo. Sendo a África do Sul um país que esteve em guerra consigo mesmo durante muito tempo, no período do apartheid (quando o governo desestabilizou ativamente e militarmente todos os estados vizinhos), e cujo movimento de libertação considerou seriamente uma luta armada no pior sentido possível, existe, compreensivelmente, uma enorme aversão ao conflito militar. Assim, a primeira reação à guerra na Ucrânia foi equacionar de que forma o conflito poderia terminar e se seria possível utilizar o mesmo mecanismo usado na África do Sul, que foi um acordo negociado. Esta posição foi expressa desde muito cedo.

A União Africana e muitos países africanos consideraram que o caminho certo é serem capazes de proceder de forma suficientemente razoável,

Regarding African countries' positions, several factors come into play, according to Dhesigen Naidoo. Being South Africa a country that was at war with itself for a long time, in the apartheid period (where the government actively and militarily destabilised all the frontline states around South Africa), and whose liberation movement seriously considered an armed struggle in the worst possible sense, there is understandably a huge aversion to military conflict. So, the first reaction to the war in Ukraine was in which way could the conflict end, and if it were possible to use the same mechanism used in South Africa, which was a negotiated settlement. This position was expressed very early on.

The African Union and many African countries considered that the right way for them is to be able to proceed in a reasonable enough way, by recognising the hardship of an invaded country, and continuing to

reconhecendo as dificuldades de um país invadido e continuando a pressionar por uma racionalização dos compromissos em torno da Ucrânia, no sentido de chegar a uma solução mais pacífica – mesmo que as possibilidades para tal sejam escassas. Em certa medida, outros fatores podem ter sido relevantes na discussão, incluindo a perspectiva das antigas alianças, como o papel desempenhado pelos países ocidentais em torno da perpetuação de um modelo particular, ou as posições de países como a Rússia e a China nas lutas de libertação em muitos países africanos. No entanto, Dhesigen Naidoo não considera que tenham sido os fatores principais para as posições africanas.

Outro elemento importante é o reconhecimento de que a Ucrânia é um campo de batalha, mas já não é a guerra da Ucrânia, estando a desenvolver-se no meio de uma competição global, que pode ter consequências muito graves. É muito mais difícil terminar este tipo de “guerra por procuração” (proxy war) e a discussão está atualmente a ganhar maiores nuances, com mais diálogo e mais compreensão em torno das diferentes posições.

Contrariamente às grandes potências do Sul Global, como a Índia, que está em posição tanto económica como militarmente de fazer outras escolhas, poderia ser do interesse dos países mais pequenos uma revitalização de uma nova política de não-alinhamento, particularmente em relação às duas principais potências envolvidas na luta por uma nova ordem global: os Estados Unidos e a China. Isto também poderia ser relevante, por um lado, para um aumento da cooperação e do diálogo e para encontrar as melhores formas de contribuir construtivamente para a paz global que almejam, bem como para se organizarem de modo a minimizarem danos colaterais e até, simultaneamente, trazer benefícios para os países em desenvolvimento do Sul Global. Vários atores do Sul Global ficariam bastante entusiasmados com a ideia de revitalizar esse conceito em novos termos, devidamente adaptados aos desafios atuais.

04.4 - Debate

Os oradores aprofundaram o debate sobre as possibilidades de uma maior cooperação em matéria climática e de uma posição firme para que existam progressos no âmbito do desenvolvimento sustentável, mesmo com as atuais grandes tensões e crescentes disputas geopolíticas no mundo. Entre visões mais otimistas ou mais pessimistas, parece inquestionável que o aumento de temperatura de 1,5 graus centígrados será atingido nas próximas duas décadas e que existirão efeitos inegáveis e generalizados, incluindo um mergulho cada vez mais profundo em diversas crises. É também evidente que a ação está a demorar muito mais tempo do que deveria. No entanto, terá de chegar um ponto em que a solidariedade global seja recuperada e entre definitivamente em ação, já que é igualmente expectável o surgimento de uma compreensão muito mais firme de que não nos podemos permitir ter um mundo dividido quando estamos à beira de uma crise

push for a rationalisation of the engagements around Ukraine towards having a more peaceful settlement – even if the possibilities of that are small. To some degree, other factors may have been relevant in the discussion, including the perspective of old alliances, as the role of Western countries around perpetuating a particular model, or the role of countries like Russia and China in supporting liberation struggles in many African countries. But Dhesigen Naidoo does not consider these as the primary factors for African positions.

Another important element is the recognition that Ukraine is a battlefield, but it is no longer a sole Ukraine's war, as it runs in the middle of a global competition that can have very serious consequences. A proxy war is much more difficult to end, and the discussion is becoming more nuanced, with more dialogue and more understanding around the different positions.

Unlike superpowers of the Global South, like India that is in a position both economically and militarily to make other choices, for smaller countries a revitalisation of a new non-alignment policy could be of their interest, particularly in relation to the major two powers engaging in a struggle for a new global order: the United States and China. This could also be important to increased cooperation and dialogue, and to find the right ways to constructively contribute to the global peace they aim for, as well as to organise for the least collateral damage and even possibly bringing benefits for developing countries in the Global South. Several players in the Global South would be rather enthused with the idea of revitalising that concept in new terms, dully adapted to the current challenges.

04.4 - Debate

Speakers further discussed the possibilities of increased cooperation on climate and on sustainable development, even with the current great tensions and rising geopolitical disputes in the world. Between more optimistic and more pessimistic views, it seems clear that the increase of 1.5 degrees limit will be reached within the next two decades, and that there will be undeniable widespread effects, including plunging further and further into several crises. It is also clear that action is taking much longer than it should. However, there has to come a point that global solidarity is recovered and kicking in, because we should also expect a much steadier realisation that we generally cannot afford to have a divided world when we are on the brink of an existential crisis based primarily on climate change, and thereby the costs of inaction are simply not affordable.

existencial baseada principalmente nas alterações climáticas e que, portanto, os custos da inação são incomportáveis.

No que diz respeito à transição energética, notou-se que, interessante-mente, existe uma corrida das duas maiores economias do mundo – os EUA e a China – em torno da organização de uma transformação dos seus sistemas energéticos e de industrialização com vista à redução do carbono, com metas, planos e investimentos estabelecidos. A Índia é outro dos países que não está muito atrás nesse caminho. As grandes economias que conduzem este movimento no sentido de uma fórmula de desenvolvimento mais sustentável podem ter um impacto positivo para o resto do mundo, mas mesmo que não o tenham, irão pelo menos redefinir o que será o panorama global no futuro. Tal irá, naturalmente, colocar questionar a posição da Europa.

Em África, a diversificação energética a nível local é muito importante para uma transição energética justa e os países devem ser apoiados nesse caminho. Os países africanos já estão a enfrentar as mudanças bruscas e desastres extremos associados às alterações climáticas, com os quais não têm capacidade para lidar. Em primeiro lugar, as metas de mitigação deveriam ser impostas de forma mais firme, mesmo em lugares que contribuem pouco para as emissões, como África, mas sem esquecer os principais países responsáveis pelas emissões históricas, os quais deveriam ser obrigados a organizar-se para que o mundo inteiro avance para uma economia de baixo carbono. Em segundo lugar, deveriam existir medidas de adaptação suficientes para realmente minimizar as perdas e danos já em curso, embora a clara incapacidade de cumprir sequer a modesta meta estabelecida (100 mil milhões de dólares) não seja algo fácil de digerir.

Em termos demográficos, África é o continente mais jovem do mundo, é já o segundo mais populoso, a seguir ao asiático e será o que vai experimentar maiores taxas de crescimento populacional neste século. Se o continente africano não fizer a transição para uma economia de baixo carbono e decidir que a única forma de sobreviver é apoiando-se numa economia de combustíveis fósseis, com emissões muito mais elevadas do que as atuais, isso seria a concretização da crise existencial global. Por outro lado, embora África, tal como a maior parte do mundo em desenvolvimento, tenha um forte desejo de avançar para uma via de industrialização de baixo carbono, a capacidade para o fazer e os investimentos necessários simplesmente não existem. Não é uma questão de generosidade, porque todos estão no mesmo barco que se está a afundar, mas sim do apoio e envolvimento necessários para ser possível progredir.

As discussões internacionais sobre segurança nutricional e acesso à água decorrem há décadas, com a Agenda 21, os ODM e agora os ODS, sem grandes progressos reais, em comparação com outras prioridades. Atualmente, a apropriação de quantias cada vez maiores de dinheiro para a defesa e a militarização do mundo também tem impacto na capacidade de transição para uma economia de baixo

Regarding energy transition, it was interestingly noticed that there is a race of the two biggest economies in the world – the US and China - around organising for a transformation of their energy and industrialisation systems to lower carbon, with established targets, plans and investments. India is also not far behind on that pathway. Big economies driving this movement towards a more sustainable development formula can have a positive impact for the rest of the world, but if not, it will at least redefine what the global landscape is going to be in the future. Naturally, this will question the impact and the role of Europe in this matter.

In Africa, local energy diversification is very important for a just energy transition, and countries should be helped to move on that pathway. African countries are already experiencing the vagaries and extreme disasters associated with climate change in a way that they cannot cope. Firstly, mitigation targets should be pushed more aggressively, even in places that have low emission contributions like Africa, but not forgetting the main countries responsible for historical emissions, which should be obliged to organise for the entire world to move into a low carbon economy. Secondly, sufficient adaptation measures should exist to actually minimise the loss and damage that is already happening, although the clear inability to meet even the modest target established (USD \$100 billion) is not something easy to digest.

Africa is the youngest continent in the world, is already the second most populated, after Asia, and it will experience the biggest rates of demographic growth across this century. If the African continent does not make the transition to a low carbon economy and decides that the only way it can survive is on the back of a fossil fuel economy with much higher emissions than today, it would be the realisation of the global existential crisis. On the other hand, while Africa, like most parts of the developing world, have a strong desire to move to a low carbon industrialisation pathway, the ability to do it and the required investments simply are not there. It is not generosity that is asked for, because everyone is in the boat and the boat is sinking, but support and engagement to move forward.

International discussions around nutritional security and water access have been going on for decades, with the 21 Agenda, the MDGs and now the SDGs, without much real progress, comparing to other priorities. Today, the appropriation of larger and larger amounts of money for defence and militarisation of the world also impacts on the ability to transition to a low carbon economy at the necessary pace and it is actually denying us the possibility of the kind of sustainable development that we want. More important, the current defence spending is being done by borrowing from the next generations, who will pay for the decisions we make today.

The impacts of current disruptions in food chains were also further debated. There is a clear disruption of the former export patterns of Russia and Ukraine in the area of agricultural commodities and

carbono ao ritmo necessário, e está, na verdade, a impossibilitar o desenvolvimento sustentável. Ainda mais importante é o facto de os atuais gastos em defesa estarem a ser feitos através de empréstimos à custa das próximas gerações, sendo elas que pagarão pelas decisões de hoje.

Os impactos das atuais perturbações nas cadeias alimentares foram igualmente debatidos de forma mais aprofundada. Verifica-se uma alteração dos antigos padrões de exportação da Rússia e da Ucrânia no que respeita a alguns produtos agrícolas e alimentares (nomeadamente cereais e fertilizantes) e que representavam uma grande parte das importações de África e Médio Oriente (principalmente trigo). Não é expectável que a Ucrânia ou a Rússia recuperem rapidamente os mercados que tinham anteriormente e as pessoas pobres dos países mais pobres são as mais afetadas com esta disrupção.

foodstuffs (namely cereals and fertilisers), and which were a great share of Africa and Middle East imports (especially wheat). It is not expectable that they quickly recover the markets they previously had, and the poor people in the poorest countries have certainly suffered the most from this disruption.



Imag. 25

Embora tenham ocorrido perturbações nas cadeias alimentares por diversas vezes, por exemplo em África, foram perdidas oportunidades importantes nesses momentos, porque os países entraram em modo de sobrevivência. Tal é necessário em tempos de crise, mas este tipo de oportunidades também deve ser aproveitado para promover um aumento da diversificação dos alimentos básicos e uma retoma das culturas indígenas (cereais, folhas verdes), utilizando o conhecimento científico e as tecnologias disponíveis. A maioria destas culturas tem um elevado conteúdo nutricional, utiliza menos água e é mais resistente

While disruptions in food chains have happened for a few times, for instance in Africa, important opportunities were missed because countries went into a survival mode. This is necessary in times of crisis, but this kind of opportunities should also be seized for scaling up staples diversification and return to indigenous crops (cereals, leafy greens) using the available scientific knowledge and technologies. Most of those crops have high nutritional contents, use less water and are more climate resilient, therefore contributing to sustainable transformation. With current possibilities, humankind genuinely has the ability to have

às alterações climáticas, contribuindo assim para uma transformação sustentável. Com as possibilidades atuais, a humanidade tem genuinamente capacidade para que não existam pessoas com fome no mundo, e estes momentos de rutura devem ser utilizados para implementar essa grande mudança no rumo que precisamos seguir.

A relação, e por vezes dissociação, entre aquilo que são as políticas europeias e a forma como estas são percebidas pelo Sul Global foi ainda referida no debate, bem como o impacto dessas políticas. Manifestaram-se dúvidas sobre a exequibilidade das novas metas da União Europeia em matéria de proteção e diversificação energética e de proteção ambiental.

Com a guerra na Ucrânia, uma das formas que a União Europeia encontrou para tentar diminuir de imediato a dependência energética da Rússia foi não só procurar outros fornecedores, mas também fixar novas metas: antes de 2022, previa-se uma redução das emissões poluentes em 40%, meta que foi depois fixada em 57%, enquanto a meta de utilização de energias renováveis passou de 32% para 45%. Será isto credível, num contexto em que são necessários enormes investimentos, em que a China produz 70% dos painéis solares do mundo, e em que a generalidade dos países europeus anunciaram ou já programaram um aumento significativo dos orçamentos da defesa? Tendo em conta a atual situação de crise alimentar aguda em partes do Sul Global, salientou-se ainda a ausência, no último ano, de discussão sobre a Política Agrícola Comum, apontada por vários dos países de baixo e médio rendimento como um problema colocado pela União Europeia à respetiva internacionalização e desenvolvimento.

Por fim, alguns conceitos foram igualmente questionados. O conceito de Sul Global (versus Norte Global) pode ser impreciso e falacioso. Em primeiro lugar, porque é uma invenção que não se apoia em realidades geopolíticas ou económicas, abrangendo países muito diferentes e com interesses próprios, por vezes divergentes. Em segundo lugar, porque ignora a dinâmica global das últimas décadas, em que a divisão de classe se tornou a principal clivagem. Nestas décadas, as disparidades de riqueza e de rendimento aumentaram menos entre países e aumentaram mais dentro dos países. Em 2022, a América Latina e a África eram as regiões com maiores desigualdades de riqueza, pelo que os pobres continuam mais pobres dentro dos países, enquanto as elites globais estão ligadas entre si. Atualmente os que detêm as maiores fatias de rendimento e riqueza estão quer a Norte, quer a Sul.

Foi também salientado que as desigualdades mundiais continuam a ser profundas, e alguns progressos que possam existir nos países mais pobres não podem branquear a responsabilidade quer dos dirigentes desses países no desequilíbrio entre ricos e pobres nas suas sociedades, quer das elites dos países mais ricos que contribuem para a perpetuação dessas desigualdades. Por outro lado, é necessária alguma humildade na conceptualização e avaliação dos problemas

no hungry people in the world, and these disruption moments should be used to make that big switch towards where we need to go.

The relationship, and sometimes dissociation, between European policies and the way they are perceived by the Global South was also mentioned in the debate, as well as the impact of these policies. Doubts were expressed about the feasibility of the European Union's new targets regarding energy protection and diversification and environmental protection.

With the Ukraine war, one of the ways that the European Union found to immediately try to reduce energy dependence on Russia was not only to look for other suppliers, but also to set new targets: the goal of reducing polluting emissions by 40% established before 2022 was increased to 57%, and the target for the use of renewable energy increased from 32% to 45%. Is this credible, in a context in which enormous investments are needed, in which China produces 70% of the world's solar panels, and in which most European countries have announced or already planned for a significant increase in defence budgets? Considering the current situation of acute food crisis in parts of the Global South, the absence of discussion on the Common Agricultural Policy in last year was also pointed out, as this policy is regarded by several developing countries as an obstacle posed by the European Union for their economic internationalisation and development.

Lastly, some concepts were also questioned. The concept of Global South (versus Global North) can be inaccurate and misleading. Firstly, because it is an invention not backed by geopolitical or economic realities, as it encompasses very different countries with their own, sometimes diverging interests. Secondly, because it ignores the global dynamics in the last decades, in which class rather than geographical divisions have become the main cleavage. In recent decades, wealth and income gaps have increased less between than inside countries. In 2022, Latin America and Africa are the regions with greater wealth inequalities, so the poor remain poorer inside the countries while global elites are all linked together regardless of where they geographically belong. Today, those with the greatest amount of wealth and rent can be in the North or in the South.

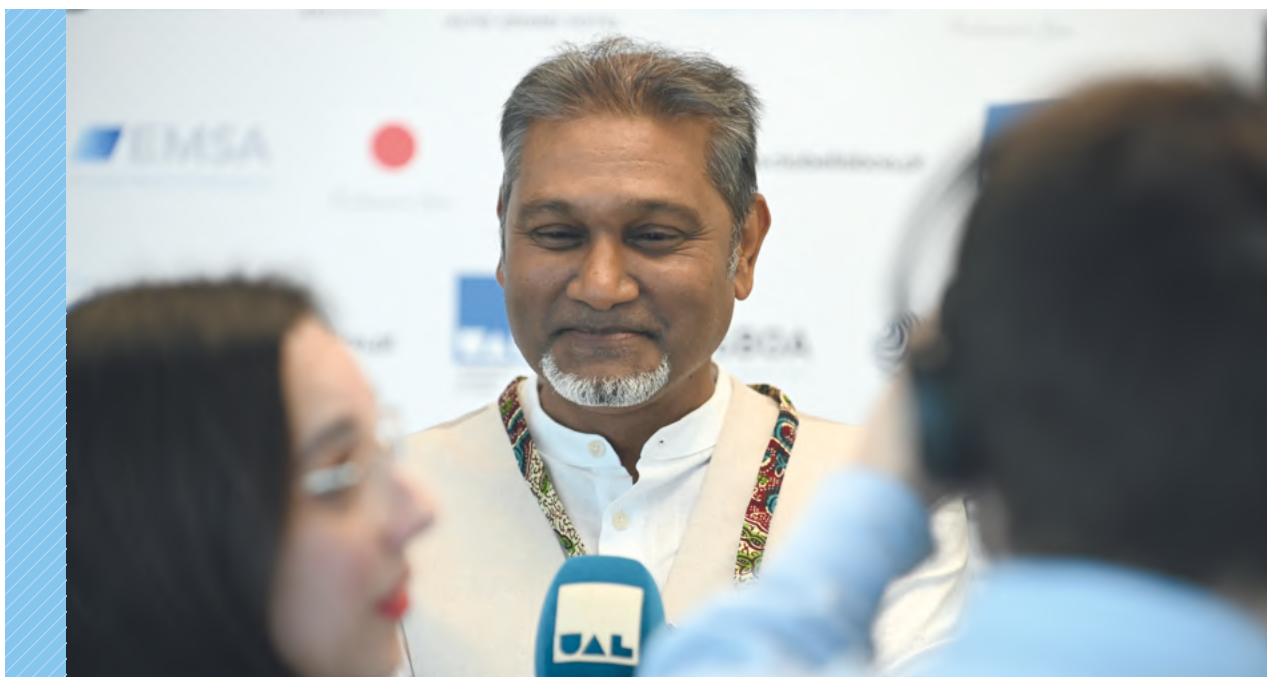
Naturally, as also highlighted in the debate, global inequalities continue to be deep and pervasive, and some progress that may exist in the poorest countries cannot whitewash neither the responsibility of their countries' leaders for the imbalance between rich and poor in their societies, nor of the richer countries' elites that contribute to the perpetuation of these inequalities. On the other hand, some humility is necessary in conceptualising and evaluating problems from the perspective of the richest, as if the West and Europe had the solutions and the morals to solve them.

Furthermore, the usefulness of concepts must also be taken into consideration, meaning that if talking about the Global South offers us

feita numa perspetiva ocidental e europeia, como se lhe pertencesse a o monopólio das soluções ou a moral para dar lições.

Noutra perspetiva, foi argumentado que a utilidade dos conceitos também deve ser tida em consideração, ou seja, se o conceito de Sul Global oferecer uma oportunidade de reunir os países em desenvolvimento em torno de ações que acelerem o desenvolvimento e impulsionem ações de cooperação e apoio para que as pessoas tenham acesso a bens e serviços básicos, o conceito fará sentido, independentemente das críticas que lhe façam.

an opportunity to rally the developing countries into an accelerated impetus around development, and to boost action, cooperation and support to people having greater access to basic securities and services, the concept would serve a just use regardless of the criticism it could receive.



Imag. 26

Dhesigen Naidoo

[Veja o vídeo](#)[Watch the video](#)

Segurança da Europa ao Indo-Pacífico

Energia e Alimentos

ANA SANTOS PINTO

Security from Euro to the Indo-Pacific

LISBOA 3 MAR 23

NEH TUDO É COMO NA EUROPA

GRANDES AUMENTOS DE PREÇOS

HILAL KHASHAN



PROBLEMS WITH WATER BECAUSE NO FUEL TO RUN THE PUMPS

DHESIGEN NAIDOO

NO QUESTION ABOUT THE FOOD WEAPONIZATION!

IT STARTED MUCH BEFORE THE CURRENT WAR

EQUITY IS AN ISSUE

CLIMATE IS ALSO A BIG ISSUE

POVERTY LINE

MANY PEOPLE BELLOW

LACK OF FOOD AND WATER

YEMEN

60% POPULATION VERY POOR



ARABLE LAND IS NOT WELL DISTRIBUTED IN THE ARAB REGION

IRAQUE

HAS PROBLEMS WITH WATER BECAUSE OF IRAN AND TURKEY

MORE CONCERNS WITH DEFENSE THAN WITH AGRICULTURE!

WATER INSECURITY!



THE WAR HAS AGGRAVATED THIS PROBLEM, NOT CREATED IT!

HOW CAN YOU PRESENT THE POSITION OF ARAB COUNTRIES ABOUT OCCIDENT - RUSSIA - ASIA

ARAB COUNTRIES PREFER TO BE SILENT ABOUT THIS CONFLICT!



SOME COUNTRIES ARE VERY INTRUSIVE



Parceiro de Media
Content Media PartnerApoio
Support

ALTIS GRAND HOTEL

Instituição Anfitriã
Host Institution

European Maritime Safety Agency

Cooperação da Embaixada do Japão em Portugal
Cooperation of the embassy of Japan in Portugal

Embassy of Japan

DANIEL
UPSIDEUP.PT

05

**Entre multilateralismo
e o poder
do mais forte**

**Between
hard power
and multilateralism**



05

Entre multilateralismo e o poder do mais forte

Between hard power and multilateralism

Oradores — Speakers

Vijaya Latha Reddy

Copresidente da Global Commission on Stability in Cyberspace, antiga Vice-Presidente do Conselho Nacional de Segurança da Índia, Bangalore

Co-Chair of the Global Commission on Stability in Cyberspace, former Deputy National Security Adviser of India, Bangalore

Tosh Minohara

Professor de Relações Internacionais e Estudos de Segurança da Faculdade de Direito da Universidade de Kobe, Kobe

Professor of International Relations and Security Studies of the Graduate School of Law, Kobe University, Kobe

Robert Sutter

Professor de Prática das Relações Internacionais da Elliott School of International Affairs, Washington

Professor of Practice of International Affairs of the Elliott School of International Affairs, Washington

Sandra Fernandes

Professora de Relações Internacionais da Universidade do Minho, Braga

Professor of International Relations of the University of Minho, Braga

PT

De que forma a rivalidade entre grandes potências está a subverter o multilateralismo? Que expectativas existem sobre a aceitação e cumprimento de regras multilaterais num mundo multipolar?

ENG

How far is major powers' rivalry subverting multilateralism? Is it possible to establish multilateral rules followed by major players in a multipolar world?

05.1 - O multilateralismo entre a interdependência e a competição

O multilateralismo é uma força dinâmica das relações internacionais que se tornou indispensável desde o final da Segunda Guerra Mundial. Não só se tornou um pilar definidor da realidade internacional, como também contribuiu para alterar as relações entre os Estados e entre estes e as suas populações. Este fenómeno evoluiu para um aspeto altamente institucionalizado do sistema internacional, permitindo que os atores estatais o utilizem em seu proveito e é interligado com as políticas de poder. Com o fim da Guerra Fria, tornou-se cada vez mais

05.1 - Multilateralism between interdependence and competition

Multilateralism is a dynamic force in international relations that has been indispensable since the end of the Second World War. It has not only become a defining pillar of international reality but has also contributed to changing relations between states and between states and their populations. This phenomenon has evolved into a highly institutionalised aspect of the international system, allowing state actors to leverage it to their advantage and it is interconnected with power politics.

difícil olhar para o multilateralismo como um simples instrumento de articulação dos interesses dos Estados. Salienta-se a perspetiva de pós-modernidade ou pós-Estado soberano, ou seja, de que o multilateralismo se apresenta como um formato mais utilitário e mais capaz de gerir, de forma eficiente e partilhada, aquilo que uma potência por si só, não consegue resolver ou se arrisca a agravar. Como salientado por Sandra Fernandes, o multilateralismo tem existido, tal como o conhecemos, porque muitos problemas não se conseguem resolver a nível nacional, apelando a formas de solução que ultrapassam as vias clássicas e que podem ser jogos de soma positiva para os vários envolvidos.

No século XXI, as práticas multilaterais globais apresentaram-se como um fenómeno de continuidade, permanência e estabilidade. No entanto, observa-se que as tendências internacionais apresentam padrões muito fluidos, cada vez menos previsíveis, e com elementos que têm impactado crescentemente, e de forma surpreendente, nas estruturas de governação global (como, por exemplo, a personalidade dos líderes ou o papel dos media). Além disso, a crença nos efeitos positivos das interdependências está a ser substituída pelo regresso da geopolítica e da competição tradicional entre as potências do sistema internacional. E daí resulta um paradoxo que vem, de alguma forma, contrariar o lugar do multilateralismo como central ao sistema e, sobretudo, questionar a sua capacidade de adaptação. Esta forma institucionalizada de cooperação está hoje, assim, debaixo de uma séria pressão, sendo constantemente desafiada no seu papel de instrumento de governação global.

Nesse sentido, verifica-se um paradoxo em constante evolução: por um lado, a procura e necessidade, cada vez mais premente, de normas comuns que sirvam as necessidades dos povos num planeta comum; por outro lado a maquinaria geopolítica e a lógica da política de poder que governa a cena internacional e que se torna até mais presente.

Além disso, a guerra da Ucrânia veio revelar o agravamento de uma fratura mundial em que países como a Rússia, a China e a Índia, que são polos do Sul Global, utilizam um discurso antiocidental, que é um discurso que se quer anti-imperialista, para afirmar os seus autoritarismos. Um texto de uma ativista indiana, Kavita Krishnan, escrito em dezembro de 2022, sublinha que o apelo para um mundo mais multipolar por parte desses países é, na verdade, um mantra para o autoritarismo. Que formas de multilateralismo podem e vão sobreviver a este tipo de pressões e neste novo contexto internacional?

05.2 - Perspetivas sobre multilateralismo e interesses nacionais: Estados Unidos, China, Índia e Japão

Robert Sutter salientou que a perspetiva dos Estados Unidos está centrada na competição entre grandes potências, algo que antecede em muito a invasão russa da Ucrânia. Nos últimos anos, os decisores em Washington, tanto na administração Trump como na administração

With the end of the Cold War, it became increasingly difficult to look at multilateralism as a simple instrument for articulating States' interests. The perspective of a post-modern or post-sovereign state is noteworthy, meaning that multilateralism presents itself as a utilitarian and more capable format for efficiently managing what a power alone cannot resolve or risks exacerbating. As highlighted by Sandra Fernandes, multilateralism exists as we know it because many problems cannot be resolved at a national level, requiring solutions that go beyond classical approaches and that can be positive-sum games for the various parties involved.

In the 21st century, global multilateral practices followed a pattern of continuity, permanence, and stability. However, we have witnessed international trends becoming more fluid, less predictable, with elements that increasingly and surprisingly impact global governance structures, such as the personality of leaders or the role of the media. Furthermore, the belief in the positive effects of interdependencies is being replaced by the return of geopolitics and traditional competition between powers in the international system. This results in a paradox that contradicts the central role of multilateralism in the system and questions its ability to adapt. This institutionalised form of cooperation is under serious pressure today, constantly challenged in its role as a global governance instrument.

In this context, a constantly evolving paradox arises: on the one hand, there is an increasingly pressing demand and need for common norms that match people's needs on a common planet; on the other hand, the geopolitical machinery and the logic of power politics that govern the international architecture are much more present.

Furthermore, the war in Ukraine has exposed the exacerbation of a global fracture, in which countries such as Russia, China, and India - poles of the so-called Global South - turn to an anti-Western rhetoric, that seeks to be an anti-imperialist one, to assert their authoritarianisms. A text by an Indian activist, Kavita Krishnan, written in December 2022, highlights that the call for a more multipolar world by these countries is, in fact, a mantra for authoritarianism. What forms of multilateralism can or will survive this kind of pressures and in this new international context?

05.2 - Views on multilateralism and national interests: United States, China, India and Japan

Robert Sutter pointed out that the United States perspective is focused on the competition among great powers, and this is something that predates the Russian invasion of Ukraine by far. Over the past years, policymakers in Washington, in both the Trump and Biden

Biden, têm trabalhado de forma estreita com maiorias bipartidárias no Congresso para proteger a América de uma série de desafios provenientes da China. A principal prioridade na política externa americana, atualmente, é a defesa do país e dos seus interesses, bem como dos parceiros e aliados, perante os desafios colocados pela China.

Existe uma grande diversidade de desafios, os quais podem ser agrupados em três áreas principais. O primeiro é estratégico, já que a China procura a supremacia na Ásia, o que ocorre em detrimento dos aliados e parceiros dos Estados Unidos na região. O segundo são as práticas económicas chinesas, que visam aumentar o poder e a riqueza da China à custa de muitos outros, incluindo os Estados Unidos, o que poderia acarretar uma completa disrupção do sistema. O terceiro diz respeito à governança, que origina fortes disputas entre os Estados Unidos e a China.

administrations, have collaborated closely with bipartisan majorities in Congress to shield America from a range of challenges coming from China. The foremost priority in American foreign policy today is defending the country, its interests, and those of its partners and allies in the face of challenges from China.

Several challenges can be grouped into three main areas. First is the strategic challenge, as China seeks dominance in Asia at the expense of US allies and partners in the region. Second are Chinese economic practices designed to enhance China's power and wealth, also at the expense of many others, potentially disrupting the existing system. The third pertains to governance, marked by significant disputes between the US and China.



Imag. 27

Tosh Minohara, Sandra Fernandes e Vijaya Latha Reddy

Alguns dos desafios existentes são vistos como perigos existenciais para os Estados Unidos. O primeiro é o domínio chinês na Ásia, que, se concretizado, será uma ameaça direta aos Estados Unidos, comparável à do período do Japão imperial na região, ou à ameaça que teria ocorrido na Segunda Guerra Mundial se Hitler tivesse dominado a Europa Ocidental. O segundo é a busca da China pelo domínio das indústrias de alta tecnologia do futuro, uma área em que os Estados Unidos estão atualmente na liderança. Se a China alcançar essa supremacia, não será apenas uma questão de lucros e poder económico, pois será

Some of the existing challenges are viewed as existential threats to the United States. The first involves Chinese dominance in Asia, which, if materialised, would be a direct threat comparable to what imperial Japan posed or the threat that would have emerged in the Second World War if Hitler had dominated Western Europe. The second challenge is China's pursuit of dominance in high-technology industries of the future, an area where the US currently leads. If China attains this dominance, it will be not just a question of profits and economic power, as they will also be the dominant military power, because these

também a potência militar dominante, uma vez que essas indústrias são fundamentais para as forças armadas do futuro. Esta preocupação em ser dominado pelo governo chinês tem sido, nos últimos anos, a força motriz em Washington para combater as pretensões chinesas.

“A China pretende uma ordem que será muito diferente da que é hoje prevalecente. Nestas circunstâncias, os Estados Unidos encaram a situação como sendo altamente perigosa e verifica-se um grande sentido de urgência para contrariar essas pretensões.”

industries are fundamental to the militaries of the future. This concern of being dominated by the Chinese government is the driving force in Washington for the past several years in countering Chinese ambitions.

“China wants an order that will be very different from the prevailing order today. Under these circumstances, the United States feels the situation as very dangerous and there is a great sense of urgency in countering those efforts.”

Robert Sutter

Os Estados Unidos continuam a apoiar o multilateralismo da mesma forma como o fizeram no passado; resistem aos esforços para alterar o sistema multilateral e para o manipular de formas consideradas prejudiciais para si próprios, para os seus aliados e parceiros. No entanto, o multilateralismo é uma forma ideal de governação internacional, e embora os Estados Unidos não se oponham a essa necessidade ideal de acomodar os interesses de outros países e de reforçar estruturas multilaterais, estão diretamente focados em defenderem-se – pelo que esse ideal parece muito irrealista neste momento, dadas as atuais prioridades americanas.

O contexto atual não favorece a cooperação, sendo marcado por crescentes atritos e tensões, como se verificou pelos acontecimentos nas últimas reuniões do G20 realizadas na Índia. A administração norte-americana espera conseguir gerir este processo, de ora em diante, de uma forma que permita evitar conflitos com a China. Nesse sentido, o mero desejo de mais (e mais influência do) multilateralismo não se encaixa no padrão atual de intensa competição que propicia confrontos entre estas duas grandes potências, o que provavelmente afetará toda a ordem internacional nos próximos anos.

Vijaya Latha Reddy também mencionou as reuniões preparatórias do G20 na Índia como exemplo das dificuldades em alcançar qualquer acordo entre os membros de agrupamentos multilaterais, em vários setores que vão desde as finanças até aos assuntos externos, o que ilustra os efeitos e a proeminência da rivalidade entre grandes potências – uma vez que o facto de o G20 ter como membros países que vão desde a Rússia e a China aos Estados Unidos e às grandes potências europeias e seus aliados, contribui para bloquear o potencial surgimento de acordos e posições comuns.

O multilateralismo assume muitas formas, desde o multilateralismo universal até ao multilateralismo seletivo. Enquanto algumas pessoas consideram que um organismo multilateral é tipicamente as Nações Unidas, que engloba praticamente todos os países do mundo como

The US continues to support multilateralism the way it did in the past; it resists the efforts to change the multilateral system and to manipulate it in ways that could be very disadvantageous to the US and its allies and partners. But multilateralism is an ideal form of international governance, and although the US does not oppose the ideal of accommodating other countries' interests and reinforcing multilateral structures, its current focus is on defending itself – and therefore this ideal seems very unrealistic at this point, given the American priorities in dealing with international affairs today.

The current context does not favour cooperation and is one of rising frictions and tensions, as it was witnessed in the latest developments at the G20 meetings in India. The US administration hopes to manage this process going forward in a way that avoids conflict with China. Thus, just wanting more (and more influence of) multilateralism does not fit the current pattern of intense competition leading to struggle between these two massive powers, which will most probably going to affect the entire international order in the next future.

Vijaya Latha Reddy also mentioned the G20 preparatory meetings in India to highlight the current difficulties in reaching any agreement between the members in several sectors, from finance to foreign affairs, which illustrate the effects and prominence of great power rivalry – as the G20 comprising members from Russia and China to the US, major European powers and their allies, blocks the common agreements from emerging.

While some view the United Nations as the epitome of multilateralism, as it encompasses almost all the countries of the world as members, others see multilateralism as the grouping of like-minded countries. Technically, the latter definition is correct, as multilateralism occurs when any group of countries collaborates towards a common objective. This however does not represent universal agreement and there remains a need for multilateral economic and political engagement in organisations like the United Nations, WTO, and other broad international groupings. Even if

membros, outras veem o multilateralismo como um agrupamento de países com entendimentos ou perspectivas semelhantes, sendo que, tecnicamente, a segunda definição está correta porque o multilateralismo ocorre quando um grupo de países se une com um objetivo comum. Isso não é, contudo, representativo de um acordo universal, pelo que continua a ser necessário um compromisso multilateral a nível económico, assim como compromissos políticos em organizações como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio (OMC) e outros agrupamentos internacionais de carácter amplo. Mesmo que um acordo, por exemplo sobre normas abrangentes comuns, seja muito difícil de alcançar e muitos fora possam terminar sem conseguir resultados práticos ou os objetivos pretendidos, o mais importante é não desistir da negociação e do caminho do diálogo. Essa desistência constituiria um erro, ainda mais no contexto atual.

reaching an agreement, for instance on common overarching norms, is very difficult and many fora may end up not having practical results and fulfilling their intended objectives, the importance lies in not abandoning negotiation and the path of dialogue. That would be a mistake, more so in the current context.



Imag. 28

No geral, considera-se que o período entre 1991 e 2008 foi a era dourada da globalização, quando o mundo parecia estar relativamente em paz, havia uma aceitação geral do benefício das cadeias globais de abastecimento e do trabalho conjunto dos países a nível global. A crise financeira de 2008, a crescente rivalidade entre os Estados Unidos e a China e, mais recentemente, a invasão russa da Ucrânia, são eventos que expressam e contribuem para a interrupção das cadeias de abastecimento globais, abalam a fé na globalização e contribuem para o despontar do nacionalismo. A prossecução de alianças mais restritas e de grupos pequenos com afinidades ou posições semelhantes parece estar na ordem do dia, em vez de se tentar alcançar um consenso universal sobre uma grande diversidade de questões.

The period from 1991 to 2008 is generally considered the golden age of globalisation, marked by relative global peace, an embrace of global supply chains, and of countries working together on a global scale. However, events such as the 2008 financial crisis, increasing rivalry between the US and China, and most recently the Russian invasion of Ukraine have disrupted global supply chains, shaken faith in globalisation, and brought nationalism to the forefront. Today, narrower alliances and like-minded groups seem to be prevailing over attempts to achieve universal consensus on many issues.

Great power tensions are widening with little prospect of easing in the coming years. The developments in the relationship between India

As tensões entre grandes potências estão a alargar-se, e não há perspetiva de que venham a atenuar-se nos próximos anos. Os desenvolvimentos nas relações entre a Índia e a China são um bom exemplo, com grandes diferenças entre os dois países e várias fontes de rivalidade, que vão desde questões de fronteira a relações com vizinhos (as relações China-Paquistão continuam a ser um ponto de atrito entre a Índia e a China) até questões mais amplas, como as disputas ligadas às respetivas afirmações como potências asiáticas. A China gostaria de emergir como a única potência dominante na Ásia e certamente outros atores, como os Estados Unidos, gostariam de uma equação mais equilibrada no continente, o que, em certa medida, explica a relação crescente e com maior proximidade entre a Índia e os Estados Unidos.

Índia e China opõem-se agora em fóruns multilaterais, o que não acontecia anteriormente. Isso ocorreu no que diz respeito ao Grupo de Fornecedores Nucleares (a China impediria a Índia de aderir ao grupo na Belt and Road Initiative) ou no âmbito do Programa de Cooperação Económica Regional (RCEP) no Sudeste Asiático. Ao mesmo tempo, contudo, os dois países trabalham em conjunto na Organização de Cooperação de Xangai, são parceiros nos BRICS, e a Índia participa ativamente no Banco de Desenvolvimento de Infraestruturas, liderado pela China. A Índia tem-se envolvido noutros grupos, como o Quad, e mantém uma relação forte e crescente tanto com os Estados Unidos como com a Europa, para além de participar na ONU, no G20, de ser convidada para as reuniões do G7, de se envolver em organizações como o Grupo de Ação Financeira Internacional (GAFI) para combater ao terrorismo, entre outros. Desta forma, a Índia tem diversificado o seu envolvimento por todos estes grupos, o que demonstra os atuais imperativos da política mundial: os países devem cooperar com adversários e defender interesses nacionais, mas também são necessárias alianças e a prossecução de acordos de diversos tipos.

“Penso que a prossecução de alianças mais restritas e de grupos com afinidades comuns está hoje na ordem do dia, em vez de se tentar alcançar um consenso universal sobre diversas questões. E não é provável que as tensões entre as grandes potências desapareçam num futuro próximo. Mas abandonar a negociação e o caminho do diálogo seria um erro. Temos de continuar a dialogar entre nós.”

Tosh Minohara começou por destacar o sucesso de agrupamentos multilaterais como a NATO e a União Europeia. O sucesso da NATO deriva de uma liderança forte de uma nação poderosa, que passou por uma mudança de paradigma relevante na sua política, passando de uma opção de não envolvimento em alianças (o que justifica a não adesão anterior dos Estados Unidos à Sociedade das Nações) para

and China are a good example, marked by significant differences and various sources of rivalry ranging from border and neighbourhood questions (China-Pakistan relations continue to be an irritant between India and China) to broader issues such as the struggle for emerging as major Asian powers. China aims to emerge as the sole dominant power in Asia, while other players, including the US, prefer a more balanced equation in the continent. This dynamic contributes to the strengthening relationship between India and the US.

India and China find themselves opposing each other in multilateral forums, which was not the case before. This has happened regarding the Nuclear Suppliers Group (China would prevent India from joining the group in the Belt and Road Initiative) or regarding the Regional Cooperation Economic Programme (RCEP) in Southeast Asia. At the same time, however, both countries work together in the Shanghai Cooperation Agreement, they are partners in the BRICS, and India actively participates in the China-led Infrastructure Investment Development Bank. It is also pursuing engagements in various groupings like the Quad and has got a strong and a growing relationship with both the US and Europe. India's involvement extends to the UN, G20, G7 meetings, and organisations like the Financial Action Task Force (FATF) to act against terrorism, among others. This shows the structural imperatives of contemporary world politics: countries must navigate cooperation with adversaries, defend national interests, and engage in alliances and agreements across diverse groupings.

“I think narrower alliances, like-minded groups, seems to be the name of the game today, rather than trying to achieve universal consensus on many issues. And there is no prospect of great power tensions disappearing in the near future. But giving up on negotiation and on the path of dialogue would be a mistake. We have to continue to speak with each other.”

Vijaya Latha Reddy

Tosh Minohara started by highlighting the success of multilateral groupings as the NATO and the European Union. NATO's success stemmed from robust leadership provided by a powerful nation, which made a crucial policy shift, from avoiding entangling alliances (that is why America did not join the League of Nations) to realising it had to take the initiative after the end of World War II and take a lead in reshaping

a percepção de que era necessário tomar a iniciativa após o fim da Segunda Guerra Mundial e liderar uma reorganização do mundo para que a paz e a democracia pudessem prosperar. A União Europeia resulta do entendimento entre dois países, Alemanha e França, que decidiram deixar de lado as suas diferenças e reconciliarem-se, porque perspetivaram um bem maior na combinação das suas forças para criar uma Europa unificada.

No caso do Japão, o contexto é completamente diferente. O Japão reconhece a importância das instituições multilaterais, especialmente porque nenhum país pode resolver sozinho os problemas que enfrenta, principalmente no caso das questões que vão além das fronteiras nacionais. Quando se trata de segurança, a escolha não é entre unilateralismo e multilateralismo, uma vez que não existe uma organização regional que forneça o tipo de segurança da NATO. Mas existe a opção do bilateralismo: o Japão tem uma aliança bilateral muito importante com os Estados Unidos. Isso não é algo específico do Japão, já que muitos países na Ásia, as democracias e os países que partilham entendimentos, têm importantes relações bilaterais com os Estados Unidos.

Naturalmente, à medida que a influência relativa dos Estados Unidos diminui, o Japão precisa igualmente de diversificar as suas apostas, e é nesse sentido que o multilateralismo começa a desempenhar um papel muito relevante. O Quad foi interessante no início, mas é um agrupamento bastante maleável, definido de forma diferente por cada um dos seus membros, e com enfoque cada vez mais amplo, desde a distribuição de vacinas até ao meio ambiente. A ausência de uma componente de segurança ou de uma direção estratégica específica do Quad foi, provavelmente, uma das razões para a formação do AUKUS.

O Japão está agora muito próximo militarmente da Austrália, bem como do Reino Unido, mas há limitações devido à grande distância geográfica relativamente a esses países. Mais do que procurar amizades distantes, o Japão precisa estabelecer associações sólidas com países vizinhos e considerar algum tipo de estrutura de segurança que inclua países da região.

Duas entidades desempenham um papel importante neste sentido: a Coreia do Sul e Taiwan. Embora o Japão e a Coreia estejam conscientes de que precisam um do outro, existem algumas diferenças ainda não ultrapassadas, que na realidade apenas beneficiam a China, pelo que seria mais vantajoso para estes dois países olharem para o quadro geral e unirem esforços em torno de preocupações comuns. No que diz respeito a Taiwan, a sua potencial incorporação na China seria disruptora das realidades de segurança do flanco sudoeste do Japão. Apesar de ser uma situação muito delicada e de existirem limites ao que é possível fazer, dada a situação de reconhecimento internacional de Taiwan e as tensões com a China, várias medidas podem ser tomadas pelo Japão, como o estabelecimento de um canal de comunicação entre Taiwan e o Japão para facilitar uma cooperação mais eficiente em assuntos de segurança. Esta questão vai para além das realidades de

the world so that peace and democracy could prosper. The European Union, in contrast, emerged from two countries, Germany and France, setting aside their differences and reconciling because they saw a greater good in combining their strengths to create a unified Europe.

In the case of Japan, the context is entirely different. Japan acknowledges the significance of multilateral institutions, particularly in addressing issues that transcend national borders and cannot be solved by any single country alone. Regarding security, the choice isn't between unilateralism and multilateralism, as there is no regional organisation equivalent to NATO for security. Instead, Japan relies on bilateralism, exemplified by its crucial alliance with the United States. This bilateral approach is not unique to Japan, as many countries in Asia, including democracies and like-minded nations, maintain vital bilateral relationships with the United States.

Naturally, as the relative influence of the United States declines, Japan also needs to put its eggs in another basket, and this is where multilateralism starts to play a very important role. The Quad was interesting at first, but it is a very malleable grouping, defined differently by each member, and with an increasingly broaden focus, from vaccine distribution to the environment. Quad not having a security component or a targeted strategic direction was probably one of the reasons why AUKUS was formed.

Japan has strengthened military ties with Australia and Britain, but recognising the limitations of these partnerships, namely due to geographical constraints. More than seeking friends afar, Japan needs to establish robust associations with neighbouring countries and look at some kind of security framework involving countries in the region.

Two entities play an important role in this regard: South Korea and Taiwan. Although Japan and Korea are aware they need each other, there are some differences they have not yet overcome, but this only benefits China, prompting the necessity for these countries to focus on common concerns. Regarding Taiwan, its potential incorporation into China would completely disrupt the security realities of Japan's southwestern flank. Despite the delicate situation and limits imposed by Taiwan's international recognition and tensions with China, several measures can be taken by Japan, such as establishing a communication channel between Taiwan and Japan to facilitate more efficient cooperation on security matters. This goes beyond security realities, as there are strong historical relations (Taiwan was part of Japan for 50 years) creating a moral responsibility for Japan to protect Taiwan.

Economic multilateralism is also relevant to effectively addressing existing challenges, although setbacks and disappointments occur. The United States are one of the few countries in the world that can unilaterally leave a treaty they have negotiated and signed in, as happened with their formal withdrawn from the Trans-Pacific

segurança, uma vez que existem fortes relações históricas (Taiwan fez parte do Japão durante 50 anos) e o Japão sente uma responsabilidade moral de proteger Taiwan.

O multilateralismo económico também é relevante para responder eficazmente aos desafios existentes, mas nem sempre é o caso, pois existem contratempos e, por vezes, decepções. Os Estados Unidos são um dos poucos países no mundo que podem unilateralmente abandonar um tratado que negociaram e assinaram, como aconteceu com a sua retirada formal do Acordo de Parceria Transpacífico (TPP). Tal constituiu uma surpresa, uma vez que a sua presença enviaria uma mensagem forte à China. Neste caso, a primazia da política interna determinou a posição norte-americana, que não deverá ser revertida num futuro próximo.

Partnership Agreement (TPP). This came as a surprise because their presence would send a strong message to China. In this case, the primacy of domestic policy has determined the US position, the reversal of which is unlikely in the near future.



Imag. 29

Tosh Minohara

05.3 - Os valores e as normas na ordem internacional

Todas estas dinâmicas estão também relacionadas com as perceções sobre os valores e normas, perceções essas que são relevantes para a atual deterioração na situação internacional. Como potência hegemónica, a América criou o que a maior parte do mundo vê como normas aceitáveis no que diz respeito à democracia, liberalismo, estado de direito, várias liberdades, etc. No entanto, a China percebe estes valores como estando ao serviço dos interesses americanos. Dessa forma, o multilateralismo apoiado pelos Estados Unidos baseia-se em valores que são atualmente questionados e contestados por outros países, alguns dos quais com a capacidade para alterar o status quo.

05.3 - Values and norms in the international order

All these dynamics are also linked to how values and norms are perceived, elements that are relevant to the current deterioration in the international situation. As a hegemonic power, America created what most part of the world sees as acceptable norms regarding democracy, liberalism, the rule of law, several freedoms, etc. However, China perceives these values as serving American interests. Therefore, the multilateralism supported by the United States is based on values that are currently questioned and contested by other countries, some of which have the ability to change the status quo.

A este respeito, Tosh Minohara considerou que a posição norte-americana vai além da atuação unilateral na defesa dos seus interesses políticos internos ou externos, apresentando o conceito de "interesse próprio esclarecido": a América não é apenas sobre a América; é também sobre a manutenção de uma ordem internacional liberal. Embora possa existir um ressentimento justificado contra as políticas norte-americanas e contra o que é encarado como uma atitude arrogante, os Estados Unidos têm ajudado a manter a ordem internacional ao longo das décadas. Devemos, portanto, refletir sobre se o mundo seria um lugar melhor com ou sem os Estados Unidos.

Robert Sutter concordou que a ordem liberal que os Estados Unidos apoiam integralmente e que desejam manter ultrapassa a questão dos interesses nacionais, por contraponto à abordagem da China à ordem internacional, que visa criar uma ordem que legitime o expansionismo chinês e valide as práticas económicas chinesas que têm sido fortemente disruptivas para a ordem económica internacional. Por exemplo, se uma zona é dominada por uma grande potência que quer expandir a sua abordagem nacionalista (sendo que Putin é ilustrativo desse tipo de comportamento), numa região que não representa uma ameaça direta para a China, a China não se oporá - e isso diz muito sobre o que a ordem internacional poderá tornar-se.

É de salientar que os atuais equilíbrios internacionais são bastante mais complexos e vão muito além da rivalidade entre as duas maiores potências. A ascensão do "resto do mundo", incluindo países como a Índia, o Brasil e a Indonésia, que são democracias e potências com crescente importância regional e global, vem ultrapassar questões como o "interesse próprio esclarecido" e alterar a natureza do jogo. Isso torna o multilateralismo mais complicado e incerto, pois esse grupo de países não tem posições rígidas sobre quem apoiam ou de que lado estão, mas sim formas de lidar com os atores e com os assuntos muito mais diferenciadas e flexíveis, consoante os seus interesses em cada momento.

Vijaya Latha Reddy sublinhou que a formulação de normas comuns a nível internacional nunca é fácil. Contudo, quando se adiciona a esta equação a rivalidade entre grandes potências, o processo torna-se infinitamente mais complexo e quase impossível.

Os processos de redação de normas ou acordos globais são sistemas intrincados e morosos de negociação, especialmente quando implicam o envolvimento de muitas partes, como é o caso dos processos nas Nações Unidas. As partes podem fixar-se em determinadas fraseologias e ideologias, recusando-se a ceder um milímetro e bloqueando por vezes acordos por causa de algo tão pequeno como uma palavra num texto. O multilateralismo pode parecer um exercício abstrato para muitas pessoas, levando à percepção da ONU como um local para conversações onde pouco se concretiza. No entanto, em última instância, constitui uma sensação de grande realização quando se alcança um acordo sobre a linguagem de uma norma global, adotada

In this regard, Tosh Minohara considered that the US position goes beyond acting unilaterally in defending its domestic or external policy interests by putting forward the concept of enlightened self-interest: America is not just about America; it is about maintaining the liberal international order. Although there may be a lot of justified resentment against American policies and against what is perceived as an arrogant attitude, the US has helped maintain the international order throughout the decades. We should consider whether the world would be a better place with or without the US.

Robert Sutter agreed that the liberal order that the United States fully supports and wants to keep and preserve surpasses the issue of national interests. He mentioned the differences from China's approach to the international order, which is designed to create an order that would legitimise China's expansionism and validate the Chinese economic practices that have been extremely disruptive to the international economic order. For example, if an area is dominated by a major power that wants to expand its nationalistic approach (e.g., Putin being emblematic of that kind of behaviour) in a region that is not a direct threat to China, China will not oppose it – and this says a lot about what the international order can become.

Related to this, it is worth mentioning that current international balances are much more complex and go well beyond the rivalry between the two biggest powers. The rise of "the rest of the world," including countries like India, Brazil and Indonesia, which are democracies and powers with increasing regional and global importance, sidelines issues like enlightened self-interest and changes the nature of the game. It makes multilateralism much more complicated and uncertain because this group of countries does not have rigid positions on who they support or which side they are on. Rather, they have ways of dealing with actors and issues that are much more nuanced, differentiated, and flexible, depending on their interests at a given moment.

Vijaya Latha Reddy stressed that formulating common norms at the international level is never easy. However, when great power rivalry is thrown into the mix, the process becomes infinitely more complex and almost impossible.

The drafting processes of global norms or agreements are intricate and burdensome systems of negotiation, particularly when many parties are involved, such as in UN processes. Parties can become fixated on certain phraseologies and ideologies, refusing to yield an inch, sometimes blocking agreements on something as small as one word in a text. Multilateralism can feel like an abstract exercise for many people, leading to the perception of the UN as a talk shop where nothing much gets done. Nevertheless, it is ultimately a feeling of great achievement when an agreement is reached on the language of a global norm, adopted after intense negotiations – and this is, of course, only the first step of the implementation and follow-up process.

após negociações intensas – o que é, naturalmente, apenas o primeiro passo para um processo de implementação e acompanhamento.

A cooperação multilateral baseia-se, e pode variar, de acordo com a autonomia estratégica e os interesses nacionais das partes. A Índia escolhe as suas alianças e parceiros de acordo com os desafios que enfrenta, sendo importante para a Índia participar no jogo do multilateralismo devido a interesses complexos, vizinhanças difíceis e particularidades do contexto regional. No início da presidência de Biden, foi organizada uma conferência que visava reunir aliados em torno de valores liberais, mas não são eles desse tipo que mantém as partes unidas na prática. Os países concordarão com uma abordagem comum relativamente a um problema, em alguns casos, e adotarão uma visão diferente sobre outro assunto específico, de acordo com as circunstâncias, ou mesmo dependendo de quem é a contraparte nas negociações. Isso depende muito daquilo que cada país considera ser a sua autonomia estratégica e os seus interesses nacionais. Em última análise, as discussões não giram necessariamente em torno dos interesses; desenrolam-se em torno de posições para chegar a algum compromisso.

Multilateral cooperation is based on, and may vary according to, the strategic autonomy and national interests of the parties. India chooses its alliances and partners according to the challenges it faces, and for India it is important to play the game of multilateralism due to complex interests, difficult neighbourhoods, and regional context's specificities. At the beginning of Biden's presidency, a conference was organised to bring together allies around liberal values, but that kind of glue is not what keeps the parties together in practice. Countries will agree on a common approach to an issue in some cases and take a different viewpoint on a particular subject according to the circumstances or even depending on who the opposite part is. This very much depends on what each country sees as its strategic autonomy and its national interest. In the end, discussions don't necessarily revolve around interests; they revolve around positions to reach some compromise.



Imag. 30

05.4 - Debate

O debate evoluiu em torno do futuro do multilateralismo, entre perspetivas mais otimistas e pessimistas.

Alguns participantes preveem um futuro sombrio, considerando que, apesar dos problemas genuínos que a humanidade enfrenta, parece não haver vontade de fazer avançar os entendimentos globais e uma agenda multilateral progressista que permita defender os

05.4 - Debate

The debate evolved around the future of multilateralism, between more optimistic and pessimistic perspectives.

Some participants anticipate a bleaker future, considering that there seems to be no willingness to push forward global understandings and a progressive multilateral agenda to uphold necessary commitments, notwithstanding the genuine problems that humankind faces. Big

compromissos necessários. As grandes potências podem adiar iniciativas multilaterais maiores se acharem que é estrategicamente útil para elas, ou simplesmente bloquear alguns processos multilaterais, mas têm de existir formas de manter acesa uma chama multilateral, caso contrário o multilateralismo não sobreviverá.

Outros participantes mencionaram que nunca existiram tantas instituições multilaterais com diferentes naturezas, características e enfoques, como hoje. O que seria do mundo sem as Nações Unidas? Recentemente, em face de assuntos geopolíticos complexos, e apesar das críticas, a ONU conseguiu realizar diversas reuniões de emergência do Conselho de Segurança, e os Estados tiveram a oportunidade de expressar as suas opiniões e de votar resoluções na Assembleia Geral da ONU. Naturalmente, Não devemos esquecer que as instituições multilaterais são o que os Estados-Membros fazem delas.

powers can hold off on bigger multilateral initiatives if they think it's strategically useful for them, or simply block some multilateral processes, but there must be ways of keeping a multilateral flame going, otherwise multilateralism will not survive.

Other participants mentioned that there were never so many multilateral institutions of many different nature, characteristics and focus, as today. What would be the world without the United Nations? Recently, in face of complex geopolitical matters, and despite the criticism, the UN was able to hold several Security Council emergency meetings, and the States had the opportunity to express their opinions and vote on resolutions at the UN General Assembly. Naturally, one must not forget that multilateral institutions are what Member States make of them.



Imag. 31

O principal problema não é a ausência de multilateralismo, mas sim a existência de muitos tipos de multilateralismo, cada vez mais à la carte. Da mesma forma, a preocupação não é a ausência de normas globais, porque todos os Estados endossam e afirmam a validade da Carta das Nações Unidas, mas sim o facto de alguns afirmarem uma coisa e fazerem outra. O problema reside na criação de uma ordem alternativa pela China e pela Rússia, em que atuam no seio das instituições globais existentes criadas pelo Ocidente (como a ONU e as suas agências, a OMC, etc.) com uma abordagem revisionista, enquanto, simultaneamente, estão a criar um mundo próprio sem o Ocidente, com outras instituições e agrupamentos (como os BRICS, a Organização de Cooperação de Xangai, a Belt and Road Initiative, a recente Iniciativa

The main problem is not the absence of multilateralism but rather the existence of many types of multilateralism, increasingly à la carte. In the same way, the concern is not the absence of global norms, because all the states endorse and affirm the validity of the United Nations Charter, but rather the fact that some affirm one thing and do another. The problem lies in China and Russia creating an alternative order, in which they are acting within existing global institutions created by the West (as the UN and its agencies, the WTO, etc.) with an embedded revisionism approach, while at the same time they are creating a world without the West, with other institutions and groupings (such as the BRICS, the Shanghai Co-operation Organisation, the Belt and Road Initiative, the recent Global Security Initiative, and others). In this way,

de Segurança Global, entre outras). Desta forma, as parcerias multilaterais estão a servir para recriar normas específicas que, mais tarde, podem também mudar as globais. É normal que a ordem global sofra mudanças e evolua, mas atualmente estamos perante uma ordem prevalecente que está a ser desafiada e contestada, o que pode levar a convulsões e disrupções, se a questão não for devidamente dirimida.

Robert Sutter destacou a falta de confiança na OMC, particularmente na abordagem às ações da China, incluindo a sua ineficácia no combate a práticas de coerção e a atividades menos transparentes. O desenvolvimento de organizações alternativas pela China e pela Rússia está a conduzir a um aumento da concorrência entre vários grupos multilaterais. Existe uma forte competição entre os Estados Unidos e a China pela influência em organizações como a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), o que suscita questões sobre qual a dinâmica que domina tais situações: o multilateralismo ou a competição entre grandes potências. Neste sentido, o ideal de cooperação universal no âmbito do multilateralismo parece bastante remoto, dada a grande competição hoje prevalecente.

Tosh Minohara expressou a sua compreensão sobre a importância do multilateralismo e das suas capacidades de resolução de problemas. No entanto, destacou a necessidade de uma discussão mais abrangente que reconheça a utilidade de diferentes abordagens - hard power, soft power, bilateralismo, multilateralismo - para abordar um conjunto diverso de problemas. Apesar de expressar uma visão pessimista no curto prazo sobre a evolução do contexto internacional, concluiu com uma perspetiva otimista para o longo prazo.

A importância dos acordos bilaterais e regionais, ilustrada pelos exemplos de sucesso da UE e da ASEAN, foi igualmente reconhecida por Vijaya Latha Reddy. Vários agrupamentos podem coexistir lado a lado, promovendo a paz, o diálogo e o debate como caminhos fundamentais que nunca devem ser fechados. Algumas instituições multilaterais são atualmente indispensáveis na arquitetura global, para impulsionar a defesa das normas globais e alcançar acordos abrangentes. A oradora afirmou a sua forte convicção tanto no multilateralismo como na abordagem "multi-atores", defendendo a inclusão das pessoas a todos os níveis e com diferentes tipos de conhecimentos e experiências.

multilateral partnerships are serving the purpose of recreating specific norms that can later also change global ones. It is normal that the global order changes and evolves, but currently there is a clear defying and challenging of the prevailing order that can lead to upheaval and disruption, if not properly managed.

Robert Sutter highlighted a lack of faith in the WTO, particularly in dealing with China's actions, including its ineffectiveness in addressing coercion and hidden activities. The development of alternative organisations by China and Russia is leading to increased competition among various multilateral groups. There is strong competition between the US and China for influence in organisations like the Association of Southeast Asian Nations (ASEAN), questioning whether multilateralism or great power competition dominates in such situations. Therefore, the ideal of universal cooperation in multilateralism seems quite remote, given significant competition that prevails in current circumstances.

Tosh Minohara expressed his understanding of the importance of multilateralism and its problem-solving capabilities. However, he pointed out the need for a more comprehensive discussion that acknowledges the usefulness of different approaches - hard power, soft power, bilateralism, multilateralism - for addressing various sets of problems. Despite expressing a short-term pessimistic view about the international context's developments, he concluded with optimism for the long term.

The importance of bilateral and regional agreements, as illustrated by the successful examples of the EU and ASEAN, was also acknowledged by Vijaya Latha Reddy. Various groupings can coexist side-by-side, promoting peace, dialogue, and discussion as crucial paths that should never be closed. Some multilateral institutions are indispensable in the current global architecture, to push forward for upholding global norms and reaching meaningful agreements. She affirmed her strong belief in both multilateralism and "multistakeholderism", advocating for the inclusion of people at all levels and with different kinds of expertise.



Segurança da Europa do Indo-Pacífico

Security from Europe to Indo-Pacific

LISBOA
3 MAR 23

ENTRE MULTILATERALISMO

SANDRA FERNANDES

REGRAS QUE AS RELAÇÕES

HÁ MUITOS PROBLEMAS QUE NÃO SE RESOLVEM EM TERMOS NACIONAIS!

HOJE ESTÁ SOB GRANDE PRESSÃO!

ROBERT SUTTER

AFTER WAR IN UKRAINE...

#1 PRIORITY IN THE U.S.A. IS CHINA IS TO SUPPORT THE ALLIES

MAIN CONCERNS:

- CHINA SEA DOMINANCE
- CHINA ECONOMIC DOMINANCE IN THE REGION
- CHINA WANTS TO DOMINATE ASIA
- CHINA APPROPRIATED U.S.(AND)OTHERS) TECH

DEFENDING AMERICA



FULLY SUPPORT MULTILATERALISM

AND CHINA IS CHANGING THAT

DIFFERENT VISIONS OF MULTILATERALISM

UN

GROUP OF COUNTRIES WITH COMMON INTERESTS

WE NEED ECONOMIC AND SOCIAL ENGAGEMENT

1991-2008 GOLDEN AGE OF GLOBALIZATION

GLOBAL NORTH

GLOBAL SOUTH

NEGOTIATION IS NOT EASY
ESPECIALLY BETWEEN COUNTRIES
NATIONALISM DOES NOT HELP



E O PODER DO MAIS FORTE

REGULAM
ENTRE OS PAÍSES...

ABRIR À COOPERAÇÃO,
A NÃO DISCRIMINAÇÃO
AS INSTITUIÇÕES.

+ ECONÓMICO
+ UTILITÁRIO
+ EFICAZ
(QUE O "PODER")

É PRECISO SOCIALIZAÇÃO
E ABSORÇÃO DAS NORMAS...

QUAL O VOSSO POSICIONAMENTO?
A MULTIPOLARIDADE É UM APELO
AO TOTALITARISMO!

PORQUE NÃO ESTAMOS A EVOLUIR NO
MULTILATERALISMO, E OS NACIONALISMOS
ESTÃO A RESURGIR?

TOSH MINOHARA



INDIA



DEFEND NATIONALITY
AND
COOPERATE IN
SEVERAL FRONTS.

PORTUGAL IS VERY FORTUNATE!

- + MEMBER OF THE E.U.
- + MEMBER OF NATO
- + NO ONE FIRING MISSILES...



WE NEED A
MULTILATERALISM
FRAME TO KEEP
IT GOING.
COMMENTS?

THERE IS NO NATO IN ASIA...

BUT MANY COUNTRIES IN ASIA
HAVE GOOD RELATIONS WITH THE U.S.



THEY STAND
FOR THEIR
PARTNERS

HARD POWER,
SOFT POWER
BALANCE

HÁ MULTILATERALISMO!
TEMOS MUITAS ORGANIZAÇÕES.
CHINA E RUSSIA CRIAM
ALTERNATIVAS

INDIA IS PARTNER

- WITH CHINA AND RUSSIA
- WITH BRICS
- WITH THE US
- WITH EUROPE
- ...



IF TAIWAN
BECOMES PART
OF CHINA...

AMERICA IS NOT
ONLY ABOUT...
AMERICA!

I BELIEVE THE US
WILL TAKE THE
CHINA CHALLENGE!

A ORDEM É ESTATICA?
TEM QUE SER DINÂMICA
E AJUSTADA...

INTRODUCE THE
CONCEPT OF
MULTI STAKEHOLDERS

CHINA
LAUNCHING
ALTERNATIVE ORGANIZATIONS...
IT'S A GOOD POINT!
IT'S COMPETITION...

DIALOGUE AND
DISCUSSION,
SIDE BY SIDE

DANIEL UPSIDEUP.PT



06

Encerramento

Closing



06

Encerramento

Closing

Oradores — Speakers

Helena Carreiras

Ministra da Defesa
Nacional

Portuguese Minister for
National Defence

PT

“Num momento de profunda transição no contexto geoestratégico internacional, importa refletir sobre as pontes que podemos e devemos estabelecer entre diferentes geografias e temáticas, evidenciando não só o mundo em que nos inserimos, mas também o mundo que queremos e precisamos de defender.

Compreensivelmente, as nossas atenções concentram-se nas consequências globais da guerra na Ucrânia, depois de uma invasão ilegal e injusta por parte da Rússia que colocou em causa princípios e valores básicos que regem a ordem internacional. A gravidade da situação no terreno é preocupante, mas permanecemos determinados em defender esses princípios e valores juntamente com os nossos aliados e parceiros. A segurança da Ucrânia é também a segurança de Portugal e da Europa e continuaremos a trabalhar ativamente para que os ucranianos tenham aquilo que precisam para prevalecer nesta luta.

Em paralelo, temos notado também, de forma cada vez mais evidente, os efeitos da guerra na ordem multilateral vigente e no aumento

ENG

“At a time of profound transition in the international geostrategic context, it is important to think about the bridges that we can and should establish between various geographies and themes, highlighting not only the world we live in, but also the world that we want and need to defend.

Our attention is understandably focused on the global consequences of the war in Ukraine, after the Russian illegal and unjust invasion, which called into question basic principles and values that guide the international order. The situation on the ground is seriously worrying, but we remain determined to jointly defend these principles and values with our allies and partners. Ukraine's security is also the security of Portugal and Europe, and we will continue to work actively so that Ukrainians have what they need to prevail in this fight.

In parallel, we have also increasingly noticed the effects of war on the current multilateral order and the increase in global tensions. Therefore, I would like to focus my intervention on other regional

das tensões globais. Nesse sentido, gostaria de focar a minha intervenção noutros contextos regionais que podem conhecer uma escalada de riscos e ameaças, se não acautelarmos o seu respetivo acompanhamento.

contexts that may experience an escalation in risks and threats if not properly monitored.



Imag. 32

Helena Carreiras

“A estabilidade da região e, por inerência, das suas rotas marítimas é essencial para as cadeias de valor, para a diversificação económica e para as transições energética e digital que dizem respeito a toda a comunidade internacional. A defesa da sua estabilidade passa, assim, por uma resposta inerentemente multilateral assente na previsibilidade das relações entre todas as partes.”

“The stability of the region and its maritime routes is crucial for value chains, economic diversification and the energy and digital transitions that concern the international community as a whole. Therefore, defending its stability necessarily implies a multilateral response underpinned by predictability in relations between all parties.”

O Indo-Pacífico surge como um exemplo particularmente ajustado para esta reflexão. O conceito de Indo-Pacífico tem vindo a figurar de forma sistemática e cada vez mais recorrente no léxico das estratégias nacionais de vários Estados. Muito embora os seus limites geográficos não sejam consensuais, o termo assume uma elevada carga geopolítica ao espelhar uma proposta de delimitação cujos impactos transcendem a própria região. Esses impactos desdobram-se em múltiplos níveis, seja em termos do respeito pelo Direito Internacional do Mar ou da resolução pacífica de conflitos.

As implicações destas dinâmicas regionais no plano económico são conhecidas, basta recordar que neste espaço é produzido 60% do PIB

The Indo-Pacific is a particularly suitable example for this reflection. The concept of Indo-Pacific has been appearing systematically and recurrently in the lexicon of national strategies. Although there is no consensus on its geographical limits, the term assumes a high geopolitical weight as it reflects a proposed delimitation whose impacts go beyond the region itself. These impacts unfold on multiple levels, including the International Law of the Sea or peaceful conflict resolution.

The economic implications of these regional dynamics are well-known, as 60% of global GDP is produced in this space, while a third of global maritime trade transits through the South China Sea. The

global, enquanto que um terço de todo o comércio marítimo mundial transita pelo mar do sul da China. A estabilidade da região e, por inerência, das suas rotas marítimas é essencial para as cadeias de valor, para a diversificação económica e para as transições energética e digital que dizem respeito a toda a comunidade internacional. A defesa da sua estabilidade passa, assim, por uma resposta inerentemente multilateral assente na previsibilidade das relações entre todas as partes.

stability of the region and its maritime routes is crucial for value chains, economic diversification and the energy and digital transitions that concern the international community as a whole. Therefore, defending its stability necessarily implies a multilateral response underpinned by predictability in relations between all parties.



Imag. 33

Helena Carreiras

A União Europeia tem assumido, nos últimos anos, um papel chave na promoção do multilateralismo na região. Em 2021, durante a presidência portuguesa do Conselho da União Europeia, foram lançadas as bases de uma Estratégia de Cooperação para o Indo-Pacífico, que colocou o foco no estabelecimento de novas parcerias, mas de forma igualmente relevante, propôs-se o aumento do envolvimento da UE em matérias de segurança e defesa, através de uma maior presença marítima.

The European Union has played, in recent years, a key role in promoting multilateralism in the region. In 2021, during the Portuguese presidency of the Council of the European Union, the foundations of a Cooperation Strategy for the Indo-Pacific were laid, which focused on establishing new partnerships and, equally relevant, proposed to increase the EU involvement in security and defence issues, through reinforced maritime presence.

Este objetivo, posteriormente reafirmado pelas disposições da Bússola Estratégica, tem sido executado de diversas formas, através do alargamento do conceito de presenças marítimas coordenadas ao noroeste do Oceano Índico, uma iniciativa que teve na sua génese a coordenação das capacidades navais europeias no Golfo da Guiné; através de novos programas de capacitação institucional que visam apoiar países da região e garantir a segurança de linhas marítimas de comunicação vitais; ou através de maior cooperação em matérias como contraterrorismo, cibersegurança, alterações climáticas, proteção de infraestruturas críticas e gestão de crises, com parceiros como a Índia, a Indonésia, o Japão, a Coreia do Sul, Singapura ou Vietname.

This objective, later reiterated by the Strategic Compass provisions, has been implemented in different ways: by extending the concept of coordinated maritime presence to the northwest of the Indian Ocean, an initiative that has its origins in the coordination of European naval capabilities in the Gulf of Guinea; through new institutional capacity building programmes to support countries in the region and ensure the security of vital maritime communication lines; or through greater cooperation on counterterrorism, cybersecurity, climate change, critical infrastructure protection and crisis management, with partners such as India, Indonesia, Japan, South Korea, Singapore or Vietnam.

Em todos estes esforços, Portugal tem sido e continuará a ser parte ativa. Este envolvimento é prosseguido sem prejuízo de outras prioridades noutras regiões do globo. Tal amplitude do nosso raio de ação surge, aliás, como um elemento que deveremos saber manter presente, num momento de revisão do nosso Conceito Estratégico de Defesa Nacional. O contraste com as anteriores disposições, de 2013, é notório. À altura, era referida a intenção de sustentar o desenvolvimento de relações mais intensas com um conjunto limitado de países da região. Em 2023, esta questão coloca-se em termos consideravelmente diferentes, fruto não só da avaliação feita a nível interno, mas também da reflexão constante dos principais documentos estratégicos da NATO e da UE. Por exemplo, o novo conceito estratégico da NATO aprovado em 2022, declara que os desenvolvimentos na região do Indo-Pacífico poderão ter um impacto na segurança dos Aliados, nomeadamente em matéria de liberdade de navegação e das cadeias de abastecimento. Perante este novo centro de concorrência mundial, podemos e devemos proporcionar o nosso contributo por via da ação externa da defesa nacional e através das alianças e organizações a que pertencemos.

Portugal has been and will continue to be actively engaged in all these efforts. This participation is pursued without prejudice to other priorities in other regions. Such a wide range of action is, in fact, an element to keep in mind in the current review of our Strategic Concept of National Defence. There is a significant contrast with the previous provisions, from 2013, which mentioned the intention to develop more intense relations with a limited group of countries in the region. In 2023, this is viewed in considerably different terms, not only as a result of an internal assessment, but also by regularly reflecting the main strategic documents of NATO and the EU. For example, NATO's new strategic concept approved in 2022 states that developments in the Indo-Pacific region could have an impact on the Allies security, particularly regarding freedom of navigation and supply chains. Faced with this new centre of global competition, we can and must contribute through external national defence action and through the alliances and organisations to which we belong.



Imag. 34

Permitam-me elencar três dimensões pelas quais esta região importa para Portugal. Em primeiro lugar, geograficamente, por abarcar um conjunto de dinâmicas que se estendem do canal de Moçambique até ao mar de Timor e que incluem parceiros chave para os nossos interesses. As extensas e históricas relações quer com Moçambique, quer com Timor-Leste, exemplificam de forma transversal o contributo que

Allow me to list three dimensions on why this region matters to Portugal. Firstly, the geographic dimension, as it encompasses dynamics that extend from the Mozambique channel to the Timor Sea and that include key partners for our interests. The extensive and historical relations with both Mozambique and Timor-Leste illustrate horizontally the contribution we can provide, regarding specialisation,

podemos proporcionar, seja ao nível da especialização, do diálogo, ou da capacitação. Está para breve a assinatura de um novo programa-quadro de cooperação no domínio da defesa com Timor-Leste, que alarga substancialmente os domínios da nossa cooperação com este país.

Em segundo lugar, tematicamente, o Indo-Pacífico permite reafirmar o nosso compromisso com assuntos que nos são particularmente caros, como é o caso da governação dos oceanos e da liberdade de circulação marítima. Temos provas dadas nesta frente e desde 2007 que temos contribuído para o combate à pirataria marítima no Oceano Índico, nas operações Ocean Shield, Allied Protector e Atalanta, através do envio de meios navais com destacamento de helicópteros e de fuzileiros embarcados, da utilização de aeronaves de patrulhamento marítimo, ou da participação recorrente nos Estados-Maiors destas operações.

“...não obstante os crescentes desafios na interação com países como a China, a nossa aposta no diálogo permanece inabalável. Acreditamos que todas as partes devem respeitar os seus compromissos e agir de forma responsável, garantindo linhas seguras de comunicação marítima e o reforço das capacidades locais no Indo-Pacífico.”

Em terceiro lugar, funcionalmente, o Indo-Pacífico permite uma diversificação das nossas parcerias, com considerável potencial de crescimento no atual contexto. Este potencial pode manifestar-se através de uma maior aproximação a organismos multilaterais da região, nomeadamente à ASEAN, mas também através do estreitar de relações com países do sudeste asiático, como é o caso singular da Índia, explorando o potencial económico de cooperação e fomentando o desenvolvimento da nossa base tecnológica e industrial de defesa.

Em todas estas dimensões, Portugal defende a aplicação dos princípios da Carta das Nações Unidas enquanto base para uma arquitetura de segurança regional aberta e baseada em regras. Nesse sentido, não obstante os crescentes desafios na interação com países como a China, a nossa aposta no diálogo permanece inabalável. Acreditamos que todas as partes devem respeitar os seus compromissos e agir de forma responsável, garantindo linhas seguras de comunicação marítima e o reforço das capacidades locais no Indo-Pacífico.

O mote desta conferência instigou os seus participantes a refletir sobre possíveis ramificações regionais e temáticas derivadas do atual contexto securitário e, em particular, da guerra na Ucrânia. Concluo reforçando a posição nacional sobre o pior conflito que o continente europeu conhece em décadas. Portugal continua e continuará comprometido em apoiar de forma inequívoca o povo ucraniano, enquanto for necessário e na medida das nossas possibilidades.

dialogue, or capacity building. A new defence cooperation framework programme with Timor-Leste is soon to be signed, which substantially expands the cooperation areas with this country.

Secondly, the thematic dimension, as the Indo-Pacific allows us to reaffirm our commitment to issues particularly dear to us, such as ocean governance and freedom in maritime movement. We have a proven record on these issues and since 2007 we have contributed to the fight against maritime piracy in the Indian Ocean, in operations Ocean Shield, Allied Protector and Atalanta, by sending naval assets with deployed helicopters and marines, the use of maritime patrol aircrafts, or the regular participation in these operations' high commands.

“...despite the growing challenges in interacting with countries like China, our commitment to dialogue remains unshakable. We believe that all parties must respect their commitments and act responsibly, by ensuring secure lines of maritime communication and strengthening local capabilities in the Indo-Pacific.”

Thirdly, the functional level, as the Indo-Pacific allows for a partnership diversification, with considerable potential for growth in the current context. This potential may lead to greater rapprochement with multilateral organisations in the region, namely ASEAN, but also to closer relations with Southeast Asian countries, as is the special case of India, through exploring the economic cooperation potential and fostering the development of our defence technological and industrial base.

In all these dimensions, Portugal defends the application of the United Nations Charter principles, as a basis for an open and rules-based regional security architecture. As such, despite the growing challenges in interacting with countries like China, our commitment to dialogue remains unshakable. We believe that all parties must respect their commitments and act responsibly, by ensuring secure lines of maritime communication and strengthening local capabilities in the Indo-Pacific.

This conference's theme encouraged the participants to reflect on possible regional and thematic ramifications arising from the current security context, and in particular the war in Ukraine. I conclude by reinforcing the national position on the worst conflict the European continent has known in decades. Portugal remains and will continue to be committed to unequivocally supporting the Ukrainian people, as long as necessary and to the best of our abilities.

Este compromisso passa também por saber identificar propostas de paz que tenham real expectativa de virem a ser implementadas, evitando aquelas que possam conduzir a soluções iminentemente frágeis ou sujeitas a constantes extensões - em particular, a proposta apresentada recentemente pela China que parece assentar numa falsa equivalência entre invasor e invadido, solicitando o respeito pela soberania, independência e integridade territorial de todos os países quando as origens da agressão em curso são amplamente conhecidas.

A paz, enquanto objetivo final, é sempre desejável, mas não a qualquer custo ou com base em ambiguidades que a tornem de difícil execução e, sobretudo, sustentação. Ao mesmo tempo que reforçamos a nossa comunicação estratégica sobre estes elementos devemos, por isso, continuar a demonstrar firmeza, unidade e clareza quanto aos interesses e princípios que estão em causa e que fundamentam a nossa ação, bem como a dos nossos aliados e parceiros. Acima de tudo, necessitamos de manter presente que a decisão final em relação ao mérito de qualquer proposta de paz e aos seus termos caberá sempre, em última análise, aos próprios ucranianos.”

This commitment also involves knowing how to identify peace proposals that have real prospects of implementation, avoiding those that could lead to imminently fragile solutions or subject to constant extensions - in particular, the proposal recently presented by China, which appears to be based on a false equivalence between invader and invaded, requesting respect for the sovereignty, independence and territorial integrity of all countries when the origins of the ongoing aggression are widely known.

As a final objective, peace is always desirable, but not at any cost or based on ambiguities that hamper its implementation and, above all, sustainability. At the same time as we reinforce our strategic communication on these issues, we must continue to demonstrate firmness, unity and clarity regarding the interests and principles that are at stake and that underlie our action, as well as that of our allies and partners. Above all, we need to keep in mind that the final decision regarding the merits of any peace proposal and its terms will always and ultimately rest with the Ukrainians themselves.”

Veja o vídeo

Watch the video



Segurança da Europa ao Indo-Pacífico

Security from Europe to the Indo-Pacific

LISBOA
3 MAR 23

TEMA ATUAL, OPORTUNO E RELEVANTE!



PONTES A ESTABELEÇER

O NOSSO FOCO ESTÁ HOJE NA UCRÂNIA

A SEGURANÇA DA EUROPA DEPENDE DO SUCESSO DA UCRÂNIA

A UNIÃO EUROPEIA PROMOVE O MULTILATERALISMO NA REGIÃO

- PRESENCAS MARÍTIMAS COORDENADAS
- PROGRAMAS DIVERSOS
- MAIOR COOPERAÇÃO

PORTUGAL TEM SIDO PARTE ATIVA

2013 → 2023
EVOLUÇÃO NO MODELO DE COOPERAÇÃO

INDO-PACÍFICO - SEM LIMITES CONSENSUAIS
60% PIB MUNDIAL



Apoio Institucional
Institutional Support



AMEN TO

PORQUE IMPORTA A PORTUGAL

- DE MOÇAMBIQUE AO MAR DE TIMOR
- COMPROMISSO COM GOVERNAÇÃO DOS OCEANOS E CIRCULAÇÃO MARÍTIMA
- DIVERSIFICAÇÃO DE PARCERIAS

FOI UM DIA DE

REFLEXÃO!

APOIO INEQUÍVOCO
DE PORTUGAL
À UCRÂNIA



Parceiro de Media
Content Media Partner



Apoio
Support



ALTIS GRAND HOTEL

Instituição Anfitriã
Host Institution



European Maritime Safety Agency

Cooperação da Embaixada do Japão em Portugal
Cooperation of the embassy of Japan in Portugal



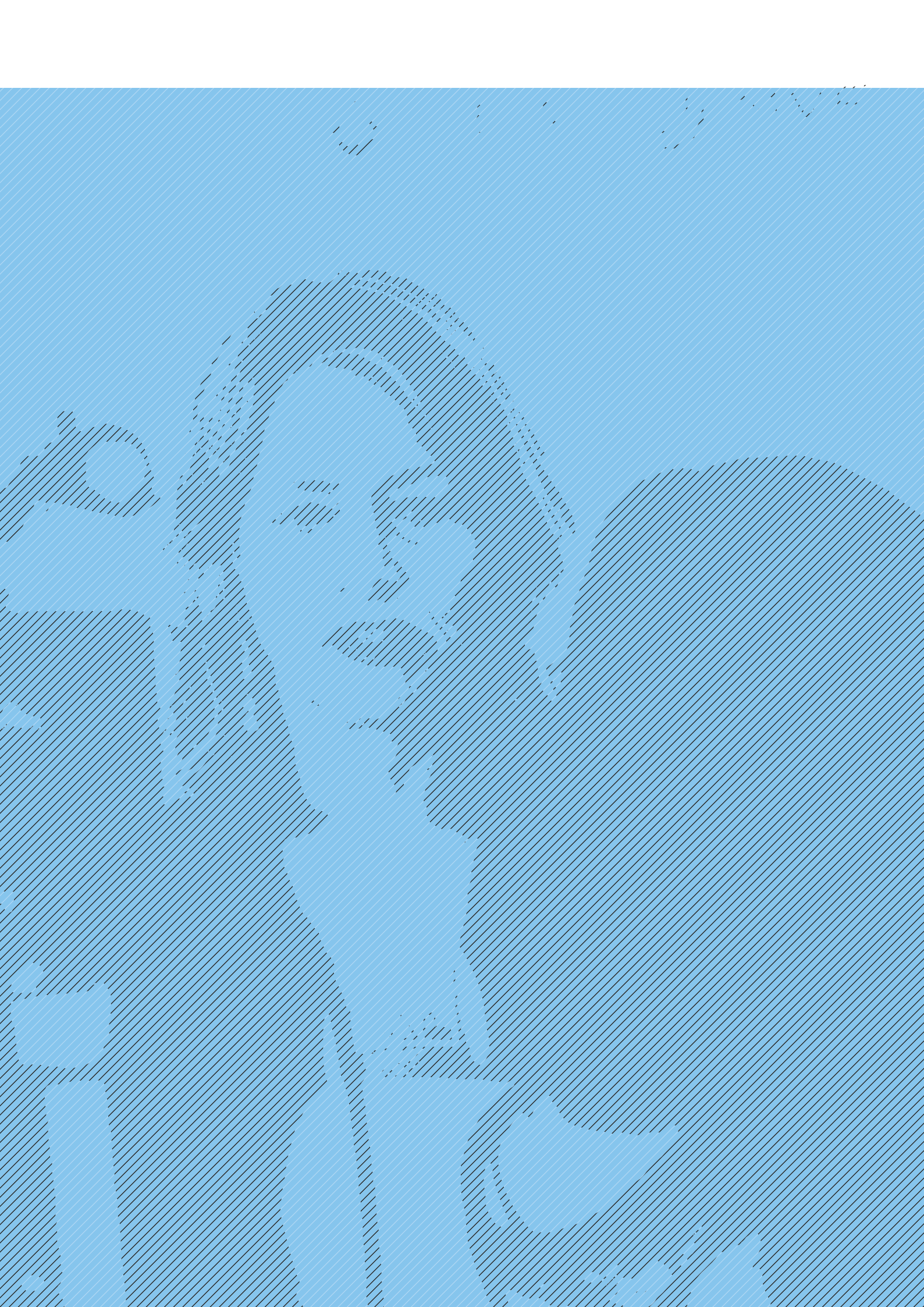
Embaixada do Japão

DANIEL
UPSIDEUP.PT



Biografias

Biographies



Biografias

Biographies

Oradores

pela ordem do programa

PT



Andrea Tassoni

Andrea Tassoni é Chefe do Gabinete Executivo da Agência Europeia de Segurança Marítima (EMSA). Nesta instituição desde 2004, desempenhou funções como gestor de projeto para a cooperação com os Estados Membros, diretor de comunicação e assessor do gabinete executivo. Trabalhou como assessor de um membro do Parlamento Europeu entre 2001 e 2003 e é licenciado em Economia Marítima pela Universidade de Génova (1999).

Speakers

in order of appearance in the programme

ENG

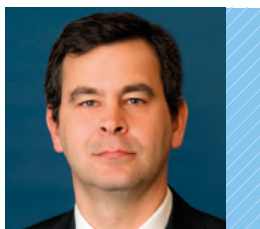
Andrea Tassoni is the Head of the Executive Office in the European Maritime Safety Agency (EMSA). He joined EMSA in 2004, where he was previously Project Officer for Cooperation with Member States, Head of Communication and Policy Advisor of the Executive Office. He worked as Policy Advisor for an Italian Member of the European Parliament (2001-2003) and has a degree in Maritime Economy by the Genoa University (1999).



Francisco Seixas da Costa

Francisco Seixas da Costa é Presidente do Clube de Lisboa, administrador não-executivo da Jerónimo Martins SGPS e da Mota-Engil Africa NV e consultor da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi Embaixador na ONU, OSCE, UNESCO, Brasil e França. Foi Secretário de Estado dos Assuntos Europeus e Diretor Executivo do Centro Norte-Sul. É membro do Conselho Consultivo das Faculdades de Economia, Universidade de Coimbra e de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa. Licenciado em Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa.

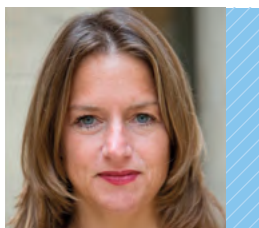
Francisco Seixas da Costa is President of the Club of Lisbon, non-executive administrator of Jerónimo Martins SGPS and Mota-Engil Africa NV and Consultant for Calouste Gulbenkian Foundation. He was Ambassador to the UN, OSCE, UNESCO, Brazil and France, Secretary of State for European Affairs and Executive Director of North-South Centre. Member of the Advisory Boards of the Economics School, University of Coimbra and the Human and Social Sciences School, NOVA Lisbon University. Graduated in Social, Political Sciences, University of Lisbon.



Sinan Ülgen

Sinan Ülgen é diretor do Center for Economics and Foreign Policy Studies (EDAM) em Istambul e é fundador e sócio-gerente da *Istanbul Economics*. Foi diplomata e colaborou com o *Defence College* em Roma e com o Fórum Económico Mundial. O seu trabalho de investigação e artigos de opinião estão publicados em vários *think tanks* e jornais internacionais.

Sinan Ülgen is Director of the Center for Economics and Foreign Policy Studies (EDAM) in Istanbul and founder and managing partner of Istanbul Economics. He served as a diplomat and worked with the Defence College in Rome and with the World Economic Forum. His research and opinion pieces have been published by a number of international Think Tanks and newspapers.



Rosa Balfour

Rosa Balfour é diretora da *Carnegie Europe*. Tem vasta experiência em investigação e várias publicações na academia, em *think tanks*, e na imprensa internacional sobre assuntos relacionados com política europeia e relações internacionais. Balfour foi diretora do programa *Europe in the World* do *European Policy Centre* em Bruxelas e trabalhou como investigadora em Roma e Londres.

Rosa Balfour is director of *Carnegie Europe*. She has researched and published widely for academia, think tanks, and the international press on issues relating to European politics and international relations. Balfour was director of the *Europe in the World* program at the *European Policy Centre* in Brussels and has worked as a researcher in Rome and London.



Elena Lazarou

Elena Lazarou é coordenadora em exercício da Unidade de Política Externa dos Serviço de Estudos do Parlamento Europeu (EPRS), Bruxelas. É membro associado da *Chatham House* e Responsável do Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas. Lazarou é ainda investigadora na Universidade de Cambridge e no *Hellenic Center for European Studies*. Possui um vasto leque de publicações em inglês, português e grego.

Elena Lazarou is Acting Head of External Policies Unit of the European Parliamentary Research Service (EPRS), Brussels. She is a Chatham House Associate Fellow and was Head of Getúlio Vargas Center of International Relations, Researcher at the University of Cambridge and at the Hellenic Center for European Studies. She published extensively in English, Portuguese and Greek.



Maria Raquel Freire

Maria Raquel Freire é professora de relações internacionais na Universidade de Coimbra. É membro do Conselho Científico de Ciências Sociais e Humanidades da Fundação para a Ciência e Tecnologia. As suas áreas de investigação são estudos da paz, política externa, segurança internacional, UE, e o espaço pós-soviético. Tem várias publicações sobre estes temas.

Maria Raquel Freire is Professor of International Relations of the University of Coimbra. She is member of the Scientific Council for Social Sciences and Humanities of the Foundation for Science and Technology. Her research focus is on peace studies, foreign policy, international security, EU, and the post-Soviet space. She published extensively on these topics.



Jomo Kwame Sundaram

Jomo Kwame Sundaram é *Visiting Senior Fellow* no *Khazanah Research Institute*. Ocupou no passado várias posições nas Nações Unidas, tendo sido Secretário-Geral Adjunto para o Desenvolvimento Económico. Em 2007, Kwame Sundaram foi galardoado com o Prémio *Wassily Leontief for Advancing the Frontiers of Economic Thought*. É autor e coordenador de vários livros, artigos científicos e ensaios.

Jomo Kwame Sundaram is *Visiting Senior Fellow* at *Khazanah Research Institute*. He held several high positions at the UN, having served as Assistant Secretary General for Economic Development. In 2007, he was awarded the *Wassily Leontief Prize for Advancing the Frontiers of Economic Thought*. He authored and edited several books, papers and articles.



Yoko Iwama

Yoko Iwama é diretora do programa de estudos estratégicos do *National Graduate Institute for Policy Studies (GRIPS)* em Tóquio. A sua investigação foca-se nas origens e na evolução do sistema de partilha e consulta nuclear na NATO. Iwama foi assistente especial da Embaixada do Japão na Alemanha.

Yoko Iwama is Director of the Strategic Studies Program of the *National Graduate Institute for Policy Studies (GRIPS)* in Tokyo. Her research focus is on the origins and the evolution of nuclear-sharing and nuclear-consultation system in NATO. Yoko was Special Assistant of the Japanese Embassy in Germany.

Biografias

PT



Richard Higgott

Richard Higgott é distinguished professor de diplomacia no *Centre for Security, Diplomacy and Strategy* da *Brussels School of Governance*. Trabalhou anteriormente nas Universidades de Warwick e Manchester no Reino Unido e em várias universidades na Austrália, onde foi diretor do *Australian Institute of International Affairs*.



Luis Tomé

Luis Tomé é responsável pelo Departamento de Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa. As suas áreas de investigação focam-se nas relações internacionais, na geopolítica e em estudos de segurança maioritariamente nas regiões do Euro-Atlântico, Eurásia e Ásia-Pacífico. É autor e coautor de mais uma dezena de livros e de variados artigos em revistas científicas.



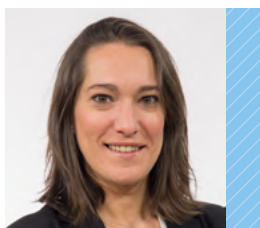
Dhesigen Naidoo

Dhesigen Naidoo é responsável do Programa *African Climate Risk and Human Security* do *Institute of Security Studies* em Joanesburgo. É membro da *Presidential Climate Change Commission* e presidente da ONG global *Human Right 2 Water*. É também membro fundador do *Water Policy Group*. Ocupou no passado posições de chefia em governos e em universidades.



Hilal Khashan

Hilal Khashan é professor de ciência política na *American University of Beirut* e colaborador regular na *Geopolitical Futures*. É especialista de renome sobre a segurança regional do Médio Oriente, com especial enfoque nos países do Mediterrâneo e do Golfo Pérsico. Khashan é autor de seis livros e mais de 150 artigos em várias revistas científicas internacionais.



Ana Santos Pinto

Ana Santos Pinto é professora de ciência política na Universidade Nova de Lisboa e investigadora especializada em assuntos do Mediterrâneo e Médio Oriente no Instituto Português de Relações Internacionais. Santos Pinto participou em vários projetos de investigação, tendo um vasto leque de publicações. Foi Secretária de Estado da Defesa de Portugal.

Biographies

ENG

Richard Higgott is Distinguished Professor of Diplomacy at the Centre for Security, Diplomacy and Strategy of the Brussels School of Governance. He worked at the Universities of Warwick and Manchester in the UK and in several universities in Australia, where he was Director of the Australian Institute of International Affairs.

Luis Tomé is Head of the Department of International Relations of the *Universidade Autónoma de Lisboa*. His research focus is on International Relations, Geopolitics and Security Studies mostly in the Euro-Atlantic, Eurasia and Asia-Pacific. He authored and co-authored more than a dozen books and several pieces published in academic journals.

Dhesigen Naidoo is Head of the African Climate Risk and Human Security Programme of the Institute of Security Studies in Johannesburg. He is a member of the Presidential Climate Change Commission, President of the global NGO Human Right 2 Water and founding member of Water Policy Group. He held senior governmental and Universities' positions.

Hilal Khashan is a Professor of Political Science at the American University of Beirut and a regular contributor to *Geopolitical Futures*. He is a renowned expert on Middle Eastern regional security, with emphasis on the Mediterranean and Persian Gulf countries. Khashan authored six books and more than 150 articles in several international journals.

Ana Santos Pinto is Professor of Political Studies of the NOVA Lisbon University and a Researcher on Mediterranean and Middle East issues at the Portuguese Institute of International Relations. Ana participated in several research projects, having an extensive list of publications. She was a former Portuguese Secretary of State of Defence.



Vijaya Latha Reddy

Vijaya Latha Reddy é copresidente da *Global Commission on Stability in Cyberspace*, em Haia. Foi *secretary east* do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Índia, responsável pelas relações regionais e bilaterais com a Ásia e foi também Conselheira Adjunta Nacional de Segurança. Reddy serviu como diplomata em Lisboa, Washington D.C., Katmandu, Brasília, Durban, Viena e Bangkok.

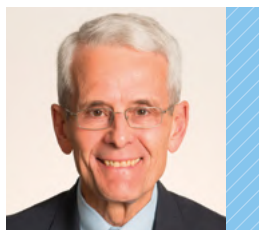
Vijaya Latha Reddy is Co-Chair of the *Global Commission on Stability in Cyberspace* (The Hague). She was *Secretary (East)* in the Ministry of External Affairs of India with overall charge of bilateral and regional relations with Asia and Deputy National Security Adviser. She served as a diplomat in Lisbon, Washington D.C., Kathmandu, Brasília, Durban, Vienna and Bangkok.



Tosh Minohara

Tosh Minohara é professor de relações internacionais e estudos de segurança na Universidade Kobe no Japão. Minohara lecionou sobre assuntos para além das relações internacionais, tais como segurança nacional, política externa, diplomacia e história. Publicou vários livros e artigos e é comentador assíduo na imprensa japonesa e internacional.

Tosh Minohara is Professor of International Relations and Security Studies at Kobe University. He has taught various subjects besides international relations per se, such as national security issues, foreign policy, diplomacy and history. Tosh published several books and articles and is a frequent commentator on Japanese and international press.



Robert Sutter

Robert Sutter é professor de relações internacionais na *Elliott School da George Washington University* nos EUA. Ocupou anteriormente várias posições de investigação no Congresso, no Senado e no Governo Federal dos EUA. Possui um vasto leque de publicações com foco particular nos países do Leste Asiático e do Pacífico e nas suas relações com os Estados Unidos.

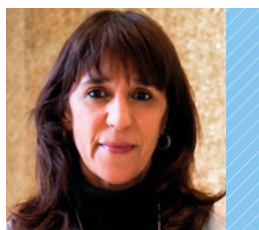
Robert Sutter is Professor of Practice of International Affairs at the Elliott School of George Washington University. Previously he served in several research posts at the US Congress, Senate and Federal Government. He has published extensively with a major focus on contemporary East Asian and Pacific countries and their relations with the United States.



Sandra Fernandes

Sandra Fernandes é professora de relações internacionais na Universidade do Minho. Recebeu em 2005 o prémio Jacques Delors pela sua investigação sobre a União Europeia e a Rússia. Fernandes é membro do Conselho Executivo da Associação Portuguesa de Ciência Política (APCP). Tem várias publicações e é docente convidada em vários cursos pós-graduados em várias universidades.

Sandra Fernandes is Professor of International Relations of the University of Minho. She is 2005 Jacques Delors prize for her research on the European Union and Russia. Sandra is member of the Executive Board of the Portuguese Political Science Association (APCP). She has published extensively and is a guest lecturer in postgraduate studies in several Universities.



Helena Carreiras

Helena Carreiras é Ministra da Defesa Nacional de Portugal. Foi diretora do Instituto da Defesa Nacional e professora associada com agregação no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Carreiras foi *visiting professor* na *Berkley University California* e na *Georgetown University*. É autora e/ou coordenadora de 14 livros, 48 capítulos e 27 artigos em revistas especializadas

Helena Carreiras is Portuguese Minister for National Defence. She was Head of the National Defence Institute and Associate Professor with tenure at ISCTE – Lisbon University Institute. Helena was *visiting Professor* at Berkley University in California and Georgetown University. She authored or organised 14 books, 48 chapters and 27 articles in specialist reviews.

Disclaimer

PT

O conteúdo desta publicação corresponde a um resumo das intervenções e debates da conferência, pelo que as opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e intervenientes e não comprometem qualquer instituição.

As biografias apresentadas correspondem à realidade aquando da realização da Conferência “Segurança: da Europa ao Indo-Pacífico”, não contemplando quaisquer alterações desde então.

Pode copiar ou imprimir o conteúdo desta publicação, bem como citar ou reproduzir trechos dos textos desde que mencione a fonte. Esta publicação deve ser citada como “Segurança: da Europa ao Indo-Pacífico – Conferência sobre Desafios Globais 2023, Clube de Lisboa”.

ENG

The contents of this publication corresponds to a summary of the speeches and debates held at the conference, and therefore the views expressed are those of the authors and speakers only and should not be attributed to any other person or institution.

The biographies presented correspond to the reality at the time of the Conference “Security: from Europe to the Indo-Pacific” and do not include any changes since then.

You may copy and print this publication, as well as quoting or using its contents, provided that the source is mentioned. This publication should be cited as “Security: from Europe to the Indo-Pacific – 2023 Conference on Global Challenges, Club of Lisbon”.



Data
Date
Janeiro 2024
January 2024

Edição
Edition
Clube de Lisboa

Autoria e edição de conteúdos
Author of contents and editing
Patrícia Magalhães Ferreira

Coordenação
Coordination
Fernando Jorge Cardoso

Design e Paginação
Design and Layout
A Cor Laranja – Projetos Gráficos Lda.

Fotos na conferência
Conference photos
Paulo C. Santos

Graphic Recording
Daniel Perdigão, UpsideUp

Impressão
Printing
Imprensa Municipal – Câmara Municipal de Lisboa

ISBN
978-989-53057-5-9

Depósito Legal
Legal Deposit
528667/24

Conferência Conference

Segurança da Europa ao Indo-Pacífico

Security from Europe to the Indo-Pacific

Organização
Organisation



Clube de Lisboa

Parceria
Partnership



Apoio Institucional
Institutional Support



Parceiro de Media
Content Media Partner



Apoio
Support



ALTIS GRAND HOTEL

Instituição Anfitriã
Host Institution



European Maritime Safety Agency

Cooperação da Embaixada do Japão em Portugal
Cooperation of the embassy of Japan in Portugal



Embaixada do Japão